

A classroom scene with five children at their desks. A boy in the foreground, wearing a blue shirt, has his arms raised high. Behind him, a girl in a pink shirt also has her arm raised. To the right, a boy in a blue and white plaid shirt is at his desk. Two other children are visible in the background. Several cards with mathematical equations like $a=b$, $x=a=b$, and $x=b=a$ are pinned to the wall. The overall theme is education.

ROSANGELA PORTELA BARBOSA

A EDUCAÇÃO INTEGRAL

e seus Desafios nas Escolas
Municipais de Teresina/PI

A EDUCAÇÃO
INTEGRAL E SEUS
DESAFIOS NAS
ESCOLAS MUNICIPAIS
DE TERESINA (PI)

ROSANGELA PORTELA BARBOSA



A EDUCAÇÃO INTEGRAL E SEUS DESAFIOS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE TERESINA (PI)

Autora:

Rosangela Portela Barbosa

Edição:

Editora Oitica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Barbosa, Rosangela Portela A educação integral e seus desafios nas escolas municipais de Teresina (PI) / Rosangela Portela Barbosa. -- João Pessoa, PB : Editora Oitica, 2026. Bibliografia.

ISBN 978-85-85264-66-6

1. Educação 2. Educação integral 3. Escolas municipais - Teresina (PI) 4. Prática pedagógica I. Título.

26-333907.0

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação integral 370.115

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Copyright © 2026, Editora Oitica, alguns direitos reservados

Copyright do texto © 2026, o autor

Copyright da edição © 2026, Editora Oitica



Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercialSemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Editora Oitica pelos autores e organizadores desta obra. O conteúdo publicado é de inteira responsabilidade dos seus autores, não representando a posição oficial da Editora Oitica.

contato@editoraoitica.com.br | www.editoraoitica.com.br

João Pessoa, PB

APRESENTAÇÃO

Esta obra, intitulada "A Educação Integral e seus Desafios nas Escolas Municipais de Teresina (PI)", de autoria de Rosângela Portela Barbosa, oferece uma análise profunda e crítica sobre a implementação e os percalços da escola de tempo integral no contexto piauiense. Publicado pela Editora Oiticica, o livro surge da inquietação da autora, embasada em sua trajetória como docente e gestora, frente às fragilidades e potencialidades dessa modalidade de ensino.

A autora fundamenta seu estudo resgatando as raízes da educação integral no Brasil, citando pioneiros como Anísio Teixeira, mentor da Escola Parque, e Darcy Ribeiro, idealizador dos CIEPs. O livro esclarece uma distinção fundamental: a Educação Integral não se confunde apenas com o "horário integral" ou a simples expansão da jornada escolar; ela visa o desenvolvimento global do estudante em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social e ética.

O foco central da pesquisa são as 23 escolas municipais de tempo integral de Teresina. A obra investiga o processo de implementação desse modelo, confrontando as políticas públicas vigentes com a realidade prática do cotidiano escolar. A autora utiliza uma abordagem metodológica que dá voz aos principais atores do processo: gestores, coordenadores e professores.

A partir da análise dos dados, o livro elenca desafios cruciais que impedem a consolidação de uma educação integral de qualidade: A falta de espaço físico adequado é apontada de forma unânime como o maior entrave. Muitas escolas funcionam de forma improvisada, carecendo de bibliotecas, refeitórios, salas de descanso e laboratórios; Há uma carência de profissionais qualificados e de formação continuada específica para atuar nesta modalidade, além da necessidade de valorização docente; A ausência ou o baixo compromisso das famílias no acompanhamento da vida escolar dos filhos é identificado como um obstáculo ao desempenho dos alunos; O desafio de integrar o "Núcleo Comum" ao "Núcleo Diversificado" sem tornar o ensino enfadonho ou meramente repetitivo.

O estudo está organizado em seis capítulos que percorrem desde a introdução e objetivos até o referencial teórico, metodologia, resultados e considerações finais. Ele analisa as bases legais, como a LDB e a BNCC, que dão suporte à progressão das redes públicas para o regime de tempo integral.

Esta obra é uma leitura essencial para educadores, gestores públicos e pesquisadores que buscam compreender que a escola de tempo integral deve ser, acima de tudo, uma política educacional comprometida com a emancipação humana, e não apenas uma extensão do tempo de permanência do aluno no prédio escolar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
EDUCAÇÃO INTEGRAL: HISTÓRICO E CONCEITO	17
EMBASAMENTOS LEGAIS	33
A EXPERIÊNCIA DE ESCOLA E EDUCAÇÃO INTEGRAL	49
DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INTEGRAL NA CONTEMPORANEIDADE	67
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE TEMPO INTEGRAL	83
ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS DADOS	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	161
REFERÊNCIAS	165

INTRODUÇÃO

Difundida por educadores brasileiros como Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e Paulo Freire há mais de 50 anos, a Escola de Tempo Integral é uma realidade que vem ganhando destaque nos últimos anos. O país tem apostado e aderido à medidas de fomento com iniciativas estaduais e nacionais junto a constantes políticas públicas para o crescimento e desenvolvimento dessa modalidade.

No cenário nacional destacam-se o Plano de Desenvolvimento da Educação (2007), o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação (2006) e tanto outros programa sem que, de acordo com o Conselho Nacional de Educação, o Ministério da Educação (MEC) se anunciou a meta de atingir 500 mil novas matrículas em tempo integral até 2022, sendo ao presente momento 230 mil. (MOLL, 2019). Propõe se revitalizar o programa Novo Mais Educação, diminuir a evasão e melhorar os indicadores nacionais. Ainda assim, em um plano prático, sua concretização tem demonstrado algumas fragilidades. Teresina-PI possui hoje 23 escolas municipais de tempo integral, estando assim muito longe de atender a demanda e as expectativas da população (VALE, 2002).

O grande desafio da Escola de Tempo Integral propiciou o confronto com questões complexas, as quais evidenciaram a

inadequação das políticas promovidas pelos sistemas de ensino para o alcance de uma formação mais completa para alunos e alunas. E essa realidade exigiu uma reflexão crítica sobre a educação pública teresinense. Desse modo, foi nesse contexto que nasceu a motivação pessoal e social para investigar o processo de implementação da escola pública de tempo integral. Dessa forma, o tema deste estudo consiste nos desafios da Escola Integral e seus desafios nas escolas municipais de Teresina-PI. Considerando a temática da pesquisa define-se como seu objeto de estudo: os desafios do novo modelo de Escola de Tempo Integral a em Teresina-PI.

A emergência da discussão sobre a Escola de Tempo Integral surgiu das novas demandas advindas da sociedade capitalista em que vivemos, na qual constatamos altos índices de desemprego, violência exacerbada, presença de consumo e tráfico de drogas, entre outros importantes fatores que impactam na ação desenvolvida pela escola, exigindo dela a revisão de seu papel, na perspectiva de contribuir para uma formação humana mais completa, possibilitando ao aluno, além de conhecimentos formais, o acesso a vivências culturais, sociais, ambientais, dentre outras.

Considerando essa premissa, a presente temática decorreu de experiências vivenciadas e partilhadas ao longo da trajetória docente e dos conhecimentos adquiridos enquanto gestora de escola municipal dos anos iniciais do ensino fundamental de tempo integral, uma vez que vivenciamos constantemente inúmeros percalços, e, com isso, tem-se uma inquietação que move os educadores a investigação desse tema, de suma

relevância, para que possa se ter um melhor desempenho no trabalho e fundamental valor para o crescimento pessoal e da comunidade escolar. Dessa maneira o estudo apresenta como problema de pesquisa: quais os principais desafios inerentes ao novo modelo de Escola de Tempo Integral implantada em algumas escolas da rede municipal de Teresina-PI?

O estudo parte do pressuposto de que observar os avanços e desafios encontrados nas escolas de tempo integral é de fundamental importância para um estudo mais aprofundado, e para obter uma melhor compreensão de determinados fatores imprescindíveis para a formação humana.

A justificativa encontrada para o estudo está no fato de que pesquisar a escola de tempo integral traz descobertas para professores, gestores e estudantes acadêmicos acerca do cotidiano escolar das crianças tendo como premissa que a permanência na escola possibilita uma oportunidade maior na troca de experiências, havendo, assim, ampliação da aprendizagem, já que a possibilidade dessa troca se faz com maior intensidade e a expansão do tempo colabora para isso, além de promover melhor desenvolvimento sócio emocional bem como tirar a criança e ou adolescente das áreas de riscos. Mostrando, ainda, que para a ampliação da aprendizagem e o desenvolvimento sócio emocional das crianças, os recursos humanos e recursos físicos são fatores determinantes para um trabalho pedagógico eficiente e consequentemente um bom desempenho dos alunos em uma escola de tempo integral.

Para que o professor possa desenvolver um trabalho mais produtivo é interessante que o mesmo tenha a oportunidade de

cumprir sua carga horária em uma mesma escola. O professor terá a oportunidade de conhecer melhor o seu aluno e terá mais tempo para troca de conhecimentos, e aqui podemos citar como sucesso da Escola de tempo Integral, pois viabiliza a aplicação de atividades diversificadas voltadas para os diversos tipos déficit de aprendizagens.

A hipótese adotada neste estudo é: H₀O novo modelo de escola de tempo integral implementado em escolas municipais de Teresina-PI apresenta grandes desafios para professores, gestores e coordenadores pedagógicos, assim como para a aprendizagem dos alunos. H₁Em Teresina-PI, as escolas de Tempo Integral se adaptam facilmente ao novo modelo e não tem apresentado dificuldades para professores, gestores e coordenadores pedagógicos, assim como a aprendizagem dos alunos acontece de forma tranquila.

O estudo encontra-se estruturado em estruturado em seis capítulos, sendo o primeiro: introdução, o segundo: objetivos, o terceiro capítulo referencial teórico, o quarto capítulo apresenta a metodologia utilizada no estudo, o quinto capítulo traz os resultados e discussões e o sexto capítulo as considerações finais.

EDUCAÇÃO INTEGRAL: HISTÓRICO E CONCEITO

A Educação pública no Brasil é permeada por acontecimentos sociais e políticas públicas, onde algumas dessas iniciativas visam atender as classes populares, buscando com que todos recebam uma educação e qualifiquem-se para enfrentar os desafios do mercado de trabalho.

Partindo da experiência pioneira desenvolvida por Anísio Teixeira (1900 a 1971), no Centro Educacional Carneiro Ribeiro (Escola Parque) na Bahia em 1950, dos Ginásios Vocacionais de São Paulo nos anos de 1960, e juntando-se a outros notáveis da educação, entre eles Darcy Araújo, mentor das escolas de tempo integral, projetadas e executadas em diferentes momentos e em diferentes esferas por governos liderados pelo partido de Leonel Brizola, para o qual Darcy fora figura de forte influência.

Nos anos 80 novas experiências relacionadas à escola de tempo integral merecem destaque com a implementação de 500 Centros Integrada de Educação Pública – CIEPs, construídos no Estado do Rio de Janeiro idealizado também por Darcy Ribeiro. Inspirada nas ideias de Anísio Teixeira. Os CIEPs são apresentados como a primeira experiência brasileira de escola pública de tempo integral. Percebe-se que a construção da escola de tempo integral se inicia no Brasil em meados da

década de 1980, sendo idealizada por dois grandes nomes da história da educação no país.

Muito se fala hoje sobre as experiências precárias e restritas de escola de tempo integral no Brasil, e como experiências assertivas: escola parque inaugurada em 1950, concebida por Anísio Teixeira, os ginásios vocacionais em São Paulo e os CEPs no Rio de Janeiro. Mediante o exposto, infere-se que as experiências na década de 80 deram frutos, tendo em vista que no ano de 1950 a escola parque é inaugurada sobre o ideal de Anísio Teixeira e de lá para cá o que se tem visto é a busca por ampliar cada vez mais a educação integral no Brasil, visando atender ao máximo de indivíduo.

Ainda sobre a criação das primeiras escolas de tempo integral, segundo Giolo et al (2019), essas experiências de fato foram truncadas ou descaracterizadas, sob a alegação que eram muito onerosas aos cofres públicos e de qualquer modo nunca fizeram parte das políticas públicas brasileiras. A classe dominante sempre teve escola de tempo integral, desde o período colonial. Após os anos 1950 com o impacto do processo de industrialização e urbanização as atividades escolares passam a concentrar-se em um único turno, mas os alunos da elite continuam com esse privilégio.

Escola de tempo parcial somente para os seguimentos populares, pois para a escolarização de massa a escola não poderia ser de tempo integral, visto que para esses importavam mais que assumam desde cedo, os hábitos laborais do que os hábitos intelectuais, sendo as escolas construídas para esses somente com intuito de alfabetizar e em suma entregar o pobre

ao mundo do trabalho, ou seja, a escola deveria unicamente alfabetizar a classe popular para o mercado de trabalho.

Na década de 1990, o governo Fernando Henrique Collor de Melo, edificou como projeto de escola pública em tempo integral os chamados CIACs. Os Centros de Atenção Integral às Crianças e adolescentes. Os CIACs foram instituídos em 1991 pelo então governo Collor como parte do “Projeto Minha Gente”, inspirados no modelo dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), do Rio de Janeiro, implantados na gestão de Leonel Brizola. O objetivo era prover a atenção à criança e ao adolescente, envolvendo a educação fundamental em tempo integral, programas de assistência à saúde, lazer e iniciação ao trabalho, entre outros.

A atenção que o governo de Fernando Collor deu a projeto de escola pública em tempo integral pode ser considerada significativa, pois como já mencionado, essa atenção culminou na criação de Centros educacionais que pudesse atender a uma demanda maior de crianças e adolescentes. Frisa-se ainda que a ideia da educação integral era de promover uma atenção básica a criança e adolescentes e para tanto envolvia assistência educacional, inclusive a preparação para o trabalho fora dos muros escolares.

No mais, em 1991 foi inaugurado o primeiro prédio, em Paranoá. Em 1992, os Centros Integrados de Apoio à Criança - CIACs passam a se chamar Centros de Atenção Integral à Criança e aos Adolescentes - CAICs. Sendo que o que era para ser uma rede de 5 mil estabelecimentos de ensino e assistência

se limitou a 444 escolas que, em tese, pouco diferiram de uma escola regular.

Experiências de escolarização em tempo integral também ocorrem tanto em nível federal, quanto estadual, passando por experiências regionalizadas, focalizadas em diversos municípios brasileiros. Estas experiências locais têm em comum a referência aos CIEPs (que acabaram por receber o status de experiência mais conhecida), bem como a ideia de que educação em tempo integral caracteriza-se, basicamente, pela expansão do tempo de permanência do aluno na escola.

O Plano Nacional de Educação (PNE) aprovado em 2001 aborda por muitas vezes o tema de educação integral, assim também como faz reivindicação desta modalidade para as crianças das camadas sociais mais necessitadas. Com o fundo de Manutenção e desenvolvimento da Educação Básica e da Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), inicia-se um processo real e amplo de escola de tempo integral.

Dadas as assertivas, fica perceptível que em relação a criação da educação integral, o atendimento as camadas menos favorecidas eram sempre o assunto debatido pelos idealizadores da educação nessa modalidade. Fica ainda que houve desafios para que a educação integral fosse concretizada. A implementação do Programa Mais Educação e a Educação Integrada, que têm por princípios a integração entre as políticas educacionais e sociais, em interlocução com as comunidades escolares, e o incentivo à criação de espaços educadores sustentáveis, com a readequação dos prédios escolares incluindo a acessibilidade, e a gestão, a formação de professores

e a inserção das temáticas de sustentabilidade ambiental nos currículos e no desenvolvimento de materiais didáticos (BRASIL, 2010).

Muito se vê nos dias de hoje a tentativa de qualificar a escola pública, através das experiências das escolas de tempo integral, sabe-se que não é tão fácil assim, não é a ampliação da jornada que fará a diferença e sim a maneira como as coisas serão conduzidas. Mais uma vez fica a primazia de que não basta a ampliação do espaço físico mais sim como é trabalhado o ensino e aprendizagem.

Segundo Novaes (2013, p.96) “Não basta melhorar a escola. É preciso transformar radicalmente a escola para que ela seja condizente com a experiência dos jovens de hoje”. Sabemos que a juventude hoje perpassa por muitos problemas e é essa escola que tem de responder a essas demandas e necessidades dos jovens, considerando uma grande diversidade e deve dar conta de diferentes trajetórias juvenis. Na verdade, a escola precisa de muitos parceiros para que promova a educação dos jovens de hoje. É preciso um maior investimento ao se pensar em educação e integridade, um novo olhar sobre as políticas pública, pois é preciso pensar o sujeito em sua totalidade.

Por esta razão, a Escola em Tempo Integral precisa deixar de ser uma experiência para ser uma política educacional, cercada por uma legislação regulamentadora e desafiada a responder pela consecução do seu maior objetivo histórico: a qualidade da escola pública. “Junto a essas escolas o poder público poderia edificar o auditório comunitário, a biblioteca

pública, o museu, o centro de cultura, o centro esportivo” (MOLL, 2019, p. 102).

Compreende-se assim que a Escola de Tempo Integral precisa abarcar mais do que um tempo a mais que os alunos passam em sala de aula, ou seja, a escola nessa modalidade deve trilhar por caminhos de garantir uma educação pública de qualidade, que o aluno aprenda mais do que qualificar-se para o mercado de trabalho, que seja crítico e criador de suas próprias ideias, idealizador e provedor de uma educação pública pautado na qualidade de ensino e aprendizagem como um todo. Que a ideia de qualificar para o mercado de trabalho não seja esquecida, mas que seja trabalhada agregando bem mais do que o simples qualificar.

Para Henz (2019), a dimensão humana da educação está indissociavelmente ligada à questão política da educação. Humanizar-se pela educação implica também ter esperança, acreditar que é possível construir uma escola e uma sociedade menos desumana tanto para os educandos quanto para os educadores. Como já mensurado, a educação precisa pontuar sempre a criatividade, a vontade do educando em aprender e fazer desse aprendizado algo que vai além do mercado de trabalho que tanto é enfatizado no processo de globalização no mundo hoje. Contudo, a educação precisa ser permeada na criticidade, no desenvolvimento do aluno com processo de humanização.

Neste cenário, os primeiros passos para construir uma educação humanizada é ser humano, olhar para o outro, como para se mesmo e encorajar-se em busca da transformação.

Como bem defende a pedagogia crítica radical libertadora: trabalhar a legitimidade do sonho ético- político da superação da realidade injusta, assim também como afirma Freire (2002), é trabalhar contra a força da ideologia fatalista dominante que estimula à imobilidade dos oprimidos e sua acomodação à realidade injusta.

A educação pautada no sonho ético-político é a possibilidade de garantir que o aluno seja sujeito de sua própria história, é garantir a possibilidade de igualdade, que as classes menos favorecidas não sejam julgadas mais como oprimidas, mas como sociedade de superação, de possibilidades e de muito aprendizado que ultrapassa a barreira dos muros escolares e da ignorância dos que oprimem a liberdade daquele que é menor perante alguns conceitos sociais.

Para Padilha et al (2019) a Educação Integral incorpora, mas não se confunde apenas com horário integral. Isso porque ela procura associar o processo educacional a uma concepção de conhecimento e de formação humana que garanta o acesso e a permanência da criança na escola com qualidade sociocultural e socioambiental. Nesse entendimento, a educação cria novas oportunidades para um viver de forma integral criando novos espaços, tempos com experiências sociais, culturais e ambientais.

A Escola Integral amplia o horário do aluno na escola, mas não funciona apenas nessa concepção, a educação nessa modalidade tem procurado cada vez mais ao longo dos anos, fazer com que o aluno aprenda mais do que uma profissão, mais que também seja construtor de sua própria história. Ademais, a

escola de tempo integral deve sempre ir além do horário a mais que o aluno fica em sala de aula.

Segundo Paro et al (2013) o objetivo básico de educação integral seria o de desenvolver no aluno a valorização do ser humano-pleno, crítico, atuante e educado, independente do sexo que possui para ser um cidadão do mundo livre dos preconceitos que impedem a construção de uma sociedade mais justa. A concepção que o autor mencionado tem sobre o objetivo básico da educação integral é de que o aluno pode ser construtor de sua própria história podendo mudá-la angariando saberes para uma sociedade menos injusta. Posto isso, entende-se que educação integral parte da convivência, do compartilhar, da compreensão, onde o sujeito na sua experiência procura se educar para outra educação formar.

Segundo Cavaliere et al (2019) educação integral significa uma ação educacional que envolve dimensões variadas e abrangentes da formação dos indivíduos. Propiciando o pleno desenvolvimento de acordo com a cultura a que ele pertence. A educação integral nesse prisma abrange um leque de oportunidades a mais na formação do indivíduo e este pode garantir que ele tenha possibilidade de mudar a sua própria história.

Percebe-se que neste contexto educação integral é algo bastante complexo que envolve desenvolvimento global do indivíduo exigindo, portanto dos profissionais envolvidos nesse processo uma constante reflexão sobre o tema para que o trabalho voltado à educação integral aconteça de forma efetiva.

Ou seja, o aluno ganha a oportunidade a mais de formar-se integralmente.

Quanto ao professor espera-se que procure sempre refletir sobre seus modos de ensino, que busque sempre estar em consonância com um bom aprendizado. “A educação se dá em tempo integral, na escola, na família, na rua, em todos os turnos, de manhã, de tarde, de noite, no cotidiano de todas as nossas experiências e vivências. O tempo de aprender é agora. Sempre” (GADOTTI, 2001. p.22). Compreende-se que para o referido autor a educação integral pode acontecer em qualquer tempo e contexto e que aprender sempre é tempo.

No dia a dia nos deparamos com situações diversas e percebemos que tanto os pais quanto os filhos muitas vezes precisam de ajuda, necessitando, portanto, de estímulos que possam aprofundar as relações tão importantes no processo de construção da cidadania. Vemos também que a escola integral é muito procurada, justamente pelas famílias que dispõe de pouco tempo para dedica-se a educação dos filhos, pelo fato de ter a oportunidade de deixar os filhos para melhorarem a qualidade de vida.

Não se deve dispensar a parceria com a família para aperfeiçoarmos o trabalho da escola e fortalecer a educação integral, pois esta também acontece fora do espaço escolar. Verifica-se que a educação integral faz parte da vivência do indivíduo, acontecendo em espaços diversos, porém a escola tem um papel fundamental de sistematizar esses conhecimentos estabelecendo assim um elo com a proposta curricular.

Para Moll et al (2019), a educação integral demanda que na escola sejam vivenciados sistema de valores e construção do conhecimento. O educador tem como desafio acompanhamento e transformação dos alunos nesta vivencia, propondo e defendendo um sistema de valores subordinado à ética maior de respeito, solidariedade e cooperação. Esta é a missão do educador.

O educador deve trabalhar a educação como transformação e não apenas formação, ou seja, não deve o professor trabalhar o aluno apenas para o campo de trabalho, mas sim possibilitar mecanismos que possam gerar transformação no indivíduo, que este seja capaz de realizar fazeres acompanhado de saberes com capacidade e precisão.

Silva (2019) afirma que a base da concepção da educação de tempo integral é a predisposição para receber os educandos como indivíduos multidimensionais. É preciso que a escola seja um ambiente no qual o educando vivencie experiências democráticas, e só a partir daí será possível construir uma nova educação escolar, que na prática engloba um conjunto de atividades mais diversificadas integrando e sendo integradas ao currículo pedagógico escolar, que inclua conhecimentos gerais, culturas, artísticos, saúde, esporte e trabalho, visando assim uma formação mais completa do ser humano.

Nessa perspectiva, a escola contemporânea precisa desenvolver uma educação integral em que a comunidade escolar esteja preparada para receber o educando e saber mediar seus conhecimentos oportunizando experiências democráticas, fazendo de suas vivências oportunidades de construção de um

novo currículo escolar, pautada na formação holística do homem. A educação sobre o prisma mecanizado há muito que não é vista com bons olhos. A sociedade de hoje requer indivíduos capazes de formar opiniões baseada em argumentos sólidos, com isso, a escola precisa acompanhar a linha de pensamento que a sociedade de hoje caminha

Ainda sobre a educação integral Maurício (2009) define que:

A educação integral reconhece a pessoa como um todo e não como um ser fragmentado, por exemplo, entre corpo e intelecto. Que esta integralidade se constrói através de linguagens diversas, em variadas atividades e circunstância. O desenvolvimento dos aspectos afetivo, cognitivo, físico, social e outros se dá conjuntamente (MAURÍCIO, 2009, p.54).

A educação integral sobre a ótica do autor mencionado, funciona sobre o prisma de uma educação como um todo, ou seja, que abrange a formação e transformação. Uma educação que fomenta o indivíduo como um todo é de muita relevância e requerem dos educadores que estes estejam em constante formação, capacitação e transformação para que assim consigam fazer da educação escolar um aprendizado humanizado e concreto para além dos muros escolares.

Para Guará (2006):

A concepção de educação integral que a associa à formação integral traz o sujeito para o centro das

indagações e preocupações da educação. Agrega-se a ideia filosófica de homem integral, realçando a necessidade de homem integrado de suas faculdades cognitivas, afetivas, corporais e espirituais, resgatando como tarefa prioritária da educação, a formação do homem, compreendido em sua totalidade. Na perspectiva de compreensão do homem como ser multidimensional, a educação deve responder a uma multiplicidade de exigências do próprio indivíduo e do contexto em que vive. Assim, a educação integral deve ter objetivos que construam relações na direção do aperfeiçoamento humano (GUARÁ, 2006, p. 16).

A literatura mostra que a educação integral é advinda de muito tempo, porém a discussões em torno do seu funcionamento, onde permeia a formação do indivíduo como todo são contemporâneas e cada vez mais são discutidas buscando fazer com que funcione com aspectos positivos para ambos os envolvidos. A educação integral há muito que norteia o ensino para a formação do indivíduo integrado as faculdades cognitivas em sua totalidade.

Ainda no que diz respeito a educação integral, há nessa modalidade uma gama expressiva de experiências que a rege. Enfim, se caracterizam por uma diversidade de ideias e pensamentos novos, sem que se percam o foco que é a aprendizagem do aluno. Pensar na educação integral é reconhecer ainda que os profissionais que atuam nessa modalidade carregam uma expressiva carga de responsabilidade, pois manter o aluno em tempo integral na

escola sem que ele perca o foco torna-se um desafio cotidiano nas escolas.

Para Gadotti (2009, p. 51) “ampliar a jornada escolar exige menos recursos do que se pode imaginar. Mas, exige muita imaginação, vontade política e integração de diversos programas”. Percebe-se assim que o difícil não é ampliar a jornada escolar, mais sim imaginação, ou seja, formas de fazer acontecer a educação que nesse caso é a educação integral.

Historicamente a educação integral no Brasil é advinda de muitos anos, porém levando muito tempo para ser consolidada como deve acontecer. Registros da história da educação no Brasil mostram que o movimento da educação integral ganhou mais notoriedade com a implantação do Programa Mais Educação em meados de 2007, Programa esse que surgiu a partir demais experiências que já existiam no Brasil em termos de educação. Ademais, pode-se dizer que a escola integral de hoje foi construída as custas de muitas lutas sociais.

Os caminhos que a educação pública brasileira trilhou foram cheios de desafios, a contar que a educação no Brasil carrega um estigma de quase um século de atraso e quando começou a ser trabalhada atendia apenas uma pequena minoria, relegando o restante ao título de analfabeto, esse foi um caminho que perdurou por muitos anos e só foi mudando ao longo dos anos através de lutas sociais. Muito foi conquistado, e muito ainda precisa ser feito para podermos dizer que o Brasil oferta uma educação pública de qualidade.

Acredita-se que foram e são muitos os desafios para tornar a educação integral uma realidade exata dentro dos parâmetros

que sugeriram os idealizadores dessa modalidade. Segundo Moll (2012):

O sonho de uma escola de dia inteiro, de uma escola cujo projeto torna a educação integral em seu horizonte, adiado pelo menos duas vezes, Anísio Teixeira e depois com Darcy Ribeiro, é retomada no final da primeira década de do século XXI, com todos os desafios de uma “maga população” na educação básica, em contextos sociais configurados por desigualdade, complexidade e diversidade (MOLL, 2012, p. 29).

Mediante o exposto, torna-se perceptível que houve desafios para poder criar a educação integral e que essa abarcasse a todas as classes, tanto que somente agora em pleno século XXI, é que a educação integral vem atendendo uma demanda mais expressiva ainda que cheia de desafios, mas também de saberes, de aprendizagem significativa. No mais, acredita-se que a educação integral veio na perspectiva de melhorar a educação pública brasileira que, embora cheia de possibilidades, ainda se encontra em conflito para torná-la de fato uma educação de qualidade e referência.

Aumentar o número de estudantes na escola que oferece a modalidade integral requer ampliação em espaço físico e pedagógico. Em termos de ensino, por ser um dos objetivos a formação complementar a formação do aluno, o que nesse caso requer uma boa preparação docente que garanta para o aluno a construção de saberes necessários a sua formação como indivíduo preparado para os desafios, e mais do que ampliar a o

espaço físico é garantir que o aluno recebe uma boa educação, de preferência uma que contemple o máximo de ensino e aprendizagem ao aluno. Na visão de Cavaliere (2010),

Quando se busca a ampliação da atuação da escola através de parcerias externas a ela, a estabilidade e valorização do quadro profissional administrativo e docente é a garantia da continuidade do trabalho, da preservação dos interesses educacionais coletivos e da qualidade das ações educativas (CAVALIERE, 2010, p.9).

Uma educação de qualidade é o desejo que todos que fazem a educação. Em relação a educação integral, o pressuposto acima, confere que quando se busca a ampliação da escola é preciso pensar na formação e valorização dos profissionais que as compõe para assim garantir a qualidade do trabalho e a preservação da educação, ou seja, se faz necessário que os profissionais que atuam na modalidade integral sejam valorizados para que assim se possa pensar e construir uma educação de qualidade onde possa atender a todos.

Segundo Silva (2012), “a luta pela democratização da educação no Brasil tem caminhado na conquista do acesso das populações menos favorecidas economicamente aos bens culturais produzidas pela sociedade brasileira”. Posto isso, supõe-se que a educação integral tem caminhado bem nos últimos tempos, isso porque têm atendido a uma demanda mais significativa em especial as classes menos favorecidas.

Falar em educação é certamente colocar o ensino e aprendizagem em primeiro lugar, pois de nada serve uma educação em tempo integral e escola bem ampliada fisicamente se não valoriza a qualidade do ensino e da aprendizagem. Estar na escola integral não é somente permanecer na escola por um período maior, é na verdade a oportunidade de ampliar o aprendizado, e para tanto, a escola em si precisa garantir que esse aprendizado aconteça de forma que aluno sinta a necessidade e a vontade de lá estar. Infere-se que esse seja o ideal para se dizer que há no Brasil uma educação integral de qualidade.

Ademais, a literatura pesquisada para a discussão sobre educação integral conceituação histórica, mostrou que há muitas concepções sobre o que é educação integral, como se deu seu início, quais percussões, mas que todas levam-na a mesma direção, onde se é pensado na formação do indivíduo enquanto cidadão plausível de convivência em meio a sociedade massificadora e globalizada. Frente as informações sobre conceito e história da educação integral, considerou-se relevante ao estudo, discorrer acerca dos embasamentos legais, ou seja, as leis que rege a educação nessa modalidade.

A escolha por discorrer sobre os embasamentos legais que dever ser seguidos para se fazer educação integral, se deu por considerar que desse modo, os leitores melhor se situariam, sobre como rege a educação integral, bem como as leis que devem ser seguidas, para que se concretize a educação integral na Escola de Tempo Integral.

EMBASAMENTOS LEGAIS

No que tange a educação no Brasil, pressupostos legais caminham junto a ela, significando que se fundamenta em embasamentos legais para poder acontecer de fato, sem contar que muito do que se tem conquistado em termos de educação no país foi e é através de lutas sociais e políticas públicas.

Ademais, a educação pública no Brasil funciona pautada em vários instrumentos legais, contudo é o que pontua a Constituição Federal de 1988 que rege a educação de forma com que todos tenham acesso a mesma, como bem dispõe o artigo 205:

A educação é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa humana, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, p. 20).

Frente ao que postula o artigo citado acima, a educação é um direito de todos e mais do que isso, é dever do Estado e da família promovê-la tendo sempre em mente o desenvolvimento pleno do indivíduo para exercer seu papel na sociedade, para tanto, é preciso que seja uma educação pontuada numa visão

humanista focando a construção e qualificação do trabalho, mais também a formação social, cultural e crítica.

Supõe-se que a intenção do legislador na CF de 88, ao pontuar a educação como um direito de todos foi justamente oferecer à todos uma formação que pudesse integrar o coletivo, ou seja, ofertar a todo brasileiro o mesmo direito a educação, pois assim estava dando a todos os indivíduos a possibilidade de construir novos horizontes.

Com a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBN), a Educação Integral é legalizada, apontando no seu texto uma gradativa ampliação da jornada escolar rumo ao regime de tempo integral. Assim determina a Lei 9.394 (LDB, 1996) em seu artigo 34, § 2º: percebe-se que as diretrizes da LDBN acabou ajudando na implementação da educação integral. Considerando que as diretrizes acabaram por ajudar a construir a educação integral, mais um motivo para que esta funcione bem, atendendo a todos de forma igual e fornecendo ensino e aprendizagem de qualidade.

Acerca da educação no processo formativo do indivíduo o art 1º da Lei de Diretrizes e Bases pontua o seguinte:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência comunitária, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996, p. 17).

O recente Plano Nacional de Educação (PNE) de 2011, assim como o de 2001, também continua objetivando a ampliação gradativa da jornada escolar, defendendo inclusive a participação das comunidades externas a escola, no ato de gerir as escolas.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a educação integral tem como propósito a formação e o desenvolvimento global dos estudantes, compreendendo “a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva” (BRASIL, 2017, p. 14).

A BNCC propõe com seu fundamento pedagógico uma educação integral pautada em uma dimensão qualitativa, formar plenamente, não necessariamente da dimensão quantitativa, uma educação integral pode acontecer em uma escola regular. A ideia é formar plenamente esse estudante para que seja capaz de conhecer os seus caminhos na vida, ou seja, de realizar o seu projeto de vida e tudo isso se desenvolve na escola. Para isso é importante se pensar não somente na extensão do tempo, mas sobre tudo na ampliação e diversificação do currículo e ampliação dos espaços de aprendizagem.

É comum a educação integral ser associada ao tempo integral. Até então, os documentos curriculares acompanhavam esse entendimento e a consideravam simplesmente como a expansão do tempo em que os estudantes passam na escola. Construir um currículo integrado promove experiências, conhecimento das relações, o currículo precisa dialogar com os

interesses dos alunos: o que eles sabem seus sonhos, o que eles precisam. Dialogar com a comunidade é olhar para as culturas locais e compreender o território assim será bem mais fácil trabalhar na perspectiva de se formar um sujeito em sua plenitude.

A BNCC indica que a educação integral promova uma educação sem fragmentação radical dos componentes curriculares e que tenha sentido para os estudantes, ou seja, uma educação que promova pontes entre o conhecimento e a vida. O documento também destaca a importância da valorização do contexto do estudante para que seja dado sentido ao que se aprende, e joga luz sobre o “protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida” (BRASIL, 2017, p. 15).

Ao destacar o compromisso com o desenvolvimento pleno dos estudantes em suas diversas dimensões (intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica), a BNCC retoma orientações presentes na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 e nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNs), apresentando uma visão de educação integral que propõe a superação da divisão e hierarquização entre o desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento emocional.

Sendo assim, cada uma das 10 competências gerais da BNCC integra aspectos cognitivos e sócio emocionais, tais como: comunicação, criatividade, pensamento crítico e científico, empatia, comunicação e autoconhecimento.

Entre 2000 e 2004, a prefeitura de São Paulo construiu e iniciou as atividades de diversos CEUs (Centros de Educação

Unificados), os quais também participam de uma concepção de educação integral, não tanto pela extensão da jornada escolar, mas pelo provimento de diversos níveis de ensino e atividades curriculares e extracurriculares concentradas em um mesmo espaço. A grande maioria das iniciativas de implantação da educação integral fracassou sendo extintas ou inviabilizadas com a troca das gestões governamentais.

Vários movimentos sociais e políticos foram de grande importância para a história da educação integral no país. Muitos deles inspirados por Paulo Freire entre muitos que defendiam a atenção ao desenvolvimento integral dos estudantes e a com responsabilidade pela educação.

Jaqueline Moll, educadora brasileira, foi à principal responsável pela criação e implementação do programa “Mais Educação”, maior e mais importante programa de educação integral do país em 2007. O Programa tinha como foco a ampliação da jornada escolar e a reorganização curricular. Em meados de 2016 o programa foi substituído pelo Novo Mais Educação focando no reforço escolar de Língua Portuguesa e Matemática do Ensino Fundamental. Com isso, percebe-se que a educação integral ganhou maior notoriedade com a criação do “Mais Educação” e de lá para cá foi ganhando cada vez mais espaço na educação pública brasileira, o que é de fundamental importância.

O programa Novo Mais Educação é voltado ao atendimento das escolas das redes estadual e municipal de ensino, visando à ampliação da jornada escolar pública prioritariamente o atendimento das escolas com baixo índice de

desenvolvimento na educação básica (IDEB). A escola públicas do Brasil sempre visam nota boa no (IDEB), de modo, que considerando que o Mais Educação ainda não atendia o que esperava o IDEB, criou-se então o Novo Mais Educação, focando não somente a jornada escolar, mais sim uma atenção maior a formação do aluno como um todo.

Ainda acerca do Programa Mais Educação, Dolabella (2012) comenta que passou a descentralizar recursos diretamente às escolas. Não obstante, ofereceu ainda assessoria técnica para ampliação do currículo para melhor trabalhar as atividades socioeducativas. Confere-se então, que o Programa Mais Educação não só visava apenas um tempo a mais do aluno na escola, como também a formação do professor para atuar nas ações desenvolvidas no Programa, o que foi de suma importância.

A educação integral deve ser pensada na perspectiva das comunidades e ampliar as interações dos estudantes pautadas em políticas públicas. A escola deve incentivar e oportunizar os alunos com seus repertórios, características, necessidades pessoais, coletivas e culturais, ou seja, uma educação que amplie possibilidades ao indivíduo.

O Plano Nacional de Educação traz em sua meta 6: oferecer educação em tempo integral em no mínimo 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas, de forma a atender pelo menos 25% (vinte e cinco por cento) dos alunos da educação básica. Garantindo o direito a educação básica com qualidade, que dizem respeito ao acesso, a universalização de alfabetização e a ampliação de escolaridade e das oportunidades educacionais.

Para Moll(2012) educação integral não é somente uma tecnologia social, mas uma nova forma de viver a vida, isso seria uma nova forma de pensar nossas relações sociais. Infere-se que na visão da autora, a educação integral vai muito além da ampliação dessa modalidade, é por assim dizer, uma nova forma de ensino, onde o tempo que o aluno fica a mais na escola pode ser ensinado além do esperado.

Estamos vivendo uma época em que os conteúdos básicos do currículo escolar estão ficando obsoletos. O Brasil e o mundo vivem um novo cenário exigindo um aumento de qualidade humana: trabalho em equipe, persistência, abertura ao novo, a comunicação e o pensamento crítico, a oferta de uma educação com significado que seja capaz de desenvolver o potencial pleno das pessoas. Isso requer uma educação que vá além do desenvolvimento das competências cognitivas, mas que seja capaz de introduzir, de forma articulada com estas, as chamadas competências sócio emocionais, na perspectiva do desenvolvimento pleno de nossos educandos.

O artigo 2º da LDB elenca ser a educação “dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (BRASIL, 1996).

Dolabella (2012), mensura que como forma de transformar a educação integral em política de estado e também propiciar as condições foi necessária a Emenda Constituição nº 53/2006 instituiu o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação –

FUNDEB, 9 Lei nº 11.494/07, de 20 de junho de 2007. A emenda previa o repasse para as escolas que trabalhavam com a jornada ampliada, no entanto, ainda não era o suficiente, assim foi estabelecido o Decreto Presidencial nº 6253/2007, que definiu o que é ampliação de jornada para fins de implantação da legislação em questão, qual seja: “a jornada escolar com duração igual ou superior a sete horas diárias, durante todo o período letivo, compreendendo o tempo total que um mesmo aluno permanece na escola ou em atividades escolares” (BRASIL, 2009, p. 23).

E é nesse cenário que a escola de tempo integral passa a ser um espaço de grande importância para a família, pois nele a criança terá além de oportunidades de desenvolvimentos intelectual e emocional estará livre da vulnerabilidade social. Contudo, para que funcione sobre o prisma do desenvolvimento intelectual e de alguma forma deixe o aluno livre da vulnerabilidade é preciso estudar a educação nessa modalidade, investir em estrutura, ampliar as ações pedagógicas, enfim, cuidar para que o aluno sinta que está no espaço de ensino com múltiplas possibilidades de aprendizagens.

Pensar na educação integral é também pensar sobre que sociedade se quer construir, ou seja, como preparar o indivíduo para convívio no meio como um todo. Construir uma educação integral requer refletir sobre a sociedade futura, em outras palavras, como se dará as gerações futuras, é trabalhar a educação com perspectivas inovadoras, que dê ao aluno a vontade de crescer intelectualmente, socialmente e culturalmente.

São muitos os segmentos legais que rege a educação integral, acredita-se que seja pautado na ideia de uma educação em que o sujeito possa sair dela preparado culturalmente e também para o mercado de trabalho, sendo esse último de suma importância, afinal o mundo anda cada vez mais globalizado e a sociedade cada vez mais exigente, ou seja, a educação deve pensada a curto e longo prazo, para que assim possa garantir bons frutos.

Posto isso, vale mencionar o que cita Coelho (2009, p.33) o “modo como se concebe a educação integral e seus diversos conceitos e práticas estão intimamente relacionados às distintas visões de mundo e de homem que se pretende formar”. Ou seja, a educação integral tem funcionado visando a construção do homem, do que se pretende formar para o futuro, ao menos é o que se espera da educação nessa óptica.

Em termos de educacionais infere-se que a legislação no contexto atual tem apresentada flexibilização inédita, isso por que a escola agora pode ajustar-se segundo as peculiaridades dos alunos, bem como a comunidade em geral, claro que, organizada de modo que nada saia dos parâmetros educacionais. O que se pode supor é que a escola atual pode organizar o tempo levando em conta o tempo do aluno, isso desde que garanta o ensino e aprendizagem de qualidade.

Batista (2014, p.7) argumenta que a educação em tempo integral surgiu como possibilidade de política pública, ou seja, um alargamento maior dos trabalhos sociais e culturais. Ainda para essa autora, “ as concepções autoritárias e elitista buscavam por meio da educação integral a ampliação do

controle social e distribuição dos indivíduo hierarquizados na sociedade”. Com isso, entende-se que a elite via através da educação de tempo integral a possibilidade de controlar os menos favorecidos impondo seus preceitos. Vale ressaltar que esse pensamento de controle social partia do Movimento Integralista Brasileiro, movimento esse contrário as correntes liberais que via educação integral como forma de reconstrução das bases sociais.

São muitas as concepções que se tem sobre a educação integral, do mesmo modo que há teóricos que dão embasamento e sustentabilidade a modalidade em questão. Vital (2019, p 3) comenta que em meio a diversidade de concepções de educação integral apresenta “educação integral vinculada à ideia de currículo baseado em vivências e experiências e na aprendizagem; educação integral considerada como formação das pessoas em suas múltiplas dimensões e educação integral relacionada à carga-horária do atendimento escolar”. Percebe-se que segundo a autora a educação integral pode apresentar-se segundo muitas concepções, contudo fica a primazia de que o bom ensino e a boa aprendizagem são fatores essenciais e que devem sempre acompanhar o ideal de escola de tempo integral.

Segundo Frutuoso (2016), a educação integral pensada por Anísio Teixeira tinha como base uma escola onde sua estrutura favorecesse o aprendizado, que também economizasse nos custos, e que as atividades realizadas tivessem o mínimo de intervenção externa. Ou seja, a ideia de uma educação que não precisava gastar tanto, mas que em sua opinião podia funcionar

muito bem desde que houvesse pouca intervenção externa. Como já mensurado em outro momento, foi sobre essa ótica que Teixeira criou a escola-parque e deu pontapé para a educação integral.

A escola de tempo integral, idealizada por Teixeira visava a diminuição da desigualdade. Supõe-se que para ele, a educação de tempo integral era uma das formas de colocar a sociedade em menor desigualdade se não social, pelo menos em termos culturais, em suma, a contribuição desse idealizador tem sua significância; foram muitas lutas e pouco investimento por parte dos governantes.

De acordo com Frutoso (2016, p. 10), “as políticas educacionais no Brasil nunca estiveram entre as prioridades de Governos e demais setores da sociedade industrial”. A não prática de ações públicas por parte dos governantes levou a educação pública brasileira ao patamar de hoje, onde as desigualdades sociais podem ser vistas a revelia, onde a educação continua sendo deixada para terceiro, quarto plano.

Em um país onde a educação de seu povo não é pensada em primeiro plano, as desigualdades sociais podem ser vistas por todos os lugares. Considerando que o discurso gira em torno da educação integral, deve-se pensar que não basta a idealizá-la, criar ações públicas de ensino e aprendizagem, é necessário que haja investimentos para a realização acreditada de escola e educação integral. Em outras palavras, acredita-se na importância dos governantes priorizarem a educação de seu povo.

No Brasil, como forma de superar a realidade desfavorável sobre a educação pública do país, Bomeny (2009, p 14) infere que a receita para a resolução desse problema estava na escola de tempo integral: “a escola pública, aberta a todos, em tempo integral, era a receita para iniciar as crianças nos códigos de sociabilidade, tratamento, relacionamento e preparo para a vida em sociedade”. A educação nesses termos seria sem dúvida uma decisão acertada, porém, era preciso que os governantes pensassem na educação em primeiro plano.

Entende-se que a educação integral para existir seguindo todas as idealizações exige cuidado, investimento, formação, enfim, criar ações públicas que garantam que a escola e educação integral sejam de qualidade, que atendam os parâmetros educacionais de ensino e aprendizagem dos alunos, lembrando sempre que a ampliação da estrutura física da escola não é suficiente e que profissionais capacitados nesse segmento é relevante.

Ainda sobre os embasamentos legais Babalim (2016), diz que a Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional e o Plano Nacional de Educação falam sobre a necessidade da educação integral, mas de forma muito vaga. Ou seja, a educação integral baseada nesses dois preceitos educacionais, era uma necessidade, contudo, faltou mais empenho e considerando que a LDBN e PNE são duas bases fortes da educação brasileira, o apoio dessas duas diretrizes sem dúvida era e é essencial para a construção do ensino integral.

O ambiente escolar é espaço para aprendizagem, por isso, a primazia de serem bem estruturados em termos físicos e

pedagógicos, que seja capaz de gerar no aluno a construção de saberes para uma formação plena do indivíduo. Não é fácil mas é possível integrar escola e educação integral no mesmo patamar, basta que seja investido recursos.

O estudo destaca ainda outro objetivo da educação integral e, para tanto, apresenta-se da seguinte forma:

Ampliar tempos, espaços e oportunidades de ensino e aprendizagem aos estudantes da Rede Pública, por meio da oferta de atividades pedagógicas, culturais, artísticas, técnico-científicas e esportivas relacionadas às áreas do conhecimento, concepções e eixos transversais do Currículo da Educação Básica, bem como contribuir com a formação de cidadãos para o mundo do trabalho, na perspectiva da Educação Integral, em jornada ampliada de 8 e 10 horas de trabalho pedagógico efetivo (BRASIL, 2018, p.19).

Percebe-se que o que objetiva a educação integral abarca mais do que a educação curricular das escolas que funcionam em tempo diferente: educação integral, ou seja, uma ação mais completa que inclui a formação do indivíduo em várias dimensões. O ensino nessa modalidade tende a melhorar a educação e é disso que o Brasil tem precisado em termos de educação, pois embora, a educação no país tenha se dado em atraso secular, não justifica o descaso em que infelizmente ainda se ver muito, mesmo com todas as políticas públicas que tem sido idealizada para o melhoramento.

O Plano de Desenvolvimento Educacional (PDE) é também citado como uma diretriz articuladora da educação integral, em vista disso, menciona-se Lomanoca e Silva (2013), que ressaltam que a importância do PDE se dá devido ao fato de ser um elemento central da Unidade Escolar, destacando como objetivo construir uma agenda de educação integral, articulada a políticas públicas, comunidade, diversidade e vivência.

Destaca-se que a educação integral não era vista apenas como educação, mas também a oportunidade de uma educação para todos. Na proposta de educação integral nada é realizado sem pensar, pois não existem modelos predefinidos. Desse modo, acredita-se ser de fundamental importância a organização do currículo para que todos os envolvidos integrem ao conhecimento redimensionando campos de saberes, críticas e objetivos.

Quando o assunto é educação integral os dispositivos legais se apresentam sobre várias nuances, a exemplo, o fundamento de que no currículo do Ensino Fundamental tornar-se-ia obrigatório a partir do 6º ano o ensino de pelo menos uma Língua Estrangeira Moderna. Tem-se aí que há uma preocupação pela formação mais completa possível do indivíduo para vivência em sociedade. É importante frisar mais uma vez que ampliar a jornada escolar não é necessariamente ampliar a carga horária mais sim as propostas pedagógicas para que possa atender o aluno de forma integral. Apresenta-se ainda o que diz o novo PNE lei 13.005 de junho de 2014, sancionada pelo então presidente da época, a pessoa de Dilma Rousseff, onde incluía vinte (20) metas que em termos gerais preveem a

universalização do ensino, atendo as crianças de quatro (04) a dezessete (17) anos na educação básica, cuidando do desenvolvimento social e cultural deles.

A educação é importante em qualquer contexto de vivência humana. No que tange a educação integral a LDB artigos 34 e 87 prevê o seguinte:

Art. 34 – “A jornada escolar no ensino fundamental incluirá pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola”. 2º parágrafo: O ensino fundamental será ministrado progressivamente em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino. Art. 87, parágrafo 5º - Serão conjugados todos os esforços objetivando a progressão das redes escolares públicas urbanas de ensino fundamental para o regime de escolas de tempo integral (BRASIL, 1996, p. 28).

A educação e escola integral exigem mais do que jornada ampliada. Preceito pedagógico é algo de muito peso, posto que não diferente das demais escolas e educação a criação do Projeto Político Pedagógico é importante, portanto, criar o projeto pedagógico para a educação nessa modalidade não é fácil a contar que o aluno integral se mantém mais tempo na escola de modo que se faz necessário ações que integrem o aluno o horário a mais que fica na escola, enfim, não é fácil, mas é uma ação que precisa ser realizada, tendo em vista que uma das

muitas missões da educação a transformação do indivíduo é uma delas.

Dadas as assertivas, a pedagogia da educação integral dispõe a primazia que o aluno através dessa modalidade educacional tenha acesso a educação básica e formação extracurricular. Ademais, a educação integral se dá em tempo integral, nesse caso, inclui escola, família, rua, enfim em todos os turnos, no cotidiano em geral, sempre é tempo de aprender e aprender aqui e agora é fundamental na formação do indivíduo.

A literatura pesquisada para dissertar acerca dos embasamentos legais demonstra que são muitas as concepções do que respeita à educação integral e que existem bases legais para a existência da educação em tempo integral entre elas a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Em se tratando ainda da educação integral e embasamento, contexto histórico, o educador Anísio Teixeira é lembrado sempre como grande idealizador dessa educação baseada em dois pilares que são eles: a utopia e a democracia, a utopia quando seu objetivo estava sempre pontuado na busca por uma educação de qualidade e em termos democráticos quando buscava igualdade educacional para todos. Outro nome citado é o de Darcy Ribeiro, que teve seu nome ligado a construção da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Considerando a relevância do estudo considerou-se importante apresentar a experiência de escola e educação integral.

A EXPERIÊNCIA DE ESCOLA E EDUCAÇÃO INTEGRAL

A educação no Brasil passou por muitas modificações ao longo da história, entre essas mudanças tem a educação integral, que começou a ganhar maior notoriedade no século XX, através de movimentos sociais, tendo como um dos princípios norteadores ampliar a educação, oportunizando possibilidades maiores, em especial aos menos favorecidos, uma vez que não possuíam condições de arcar com uma formação mais ampliada, como por, exemplo, uma formação técnica como oferece a maioria das escolas de tempo integral.

A experiência de escola e educação integral tem sido tema muito discutido nos últimos anos. Para alguns estados do Brasil chega a ser algo novo, pois se iniciou timidamente com o programa federal Mais Educação iniciado no ano de 2007, atendendo apenas uma pequena parcela dos alunos no contra turno com atividades voltadas ao reforço escolar, iniciação ao esporte e arte cultural, mas que já era considerado um reforço educacional a mais e também uma maneira das crianças saírem das ruas.

Sabe-se que as tentativas de qualificar o ensino público vêm sendo discutida há tempos, educadores que pensavam uma educação em tempo integral como Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Paulo Freire, e outros, muito contribuíram para esta

experiência, que, mesmo com muitas barreiras de questões políticas, mudança de comando governamental, cortes de governos. Diante do que prevê a LDB 9.394/96 em seu artigo 34- a ampliação da permanência da criança na escola, com progressiva extensão do horário escolar. Também de acordo com a BNCC a Educação Integral passar a ter metas a cumprir até 2024.

Percebe-se preocupação “governamental”, mas vemos que as metas estão a passos lentos. Na observação de Costa (2009) uma campanha contra os professores, pais de alunos, alunos e escola pública, vem sendo deflagrada pelas mídias há um bom tempo, fazendo com que a população venha a acreditar que o governo nada tem a ver com isso, e sim a falta de compromisso da família, dos alunos e por fim dos professores. O que não é de todo uma verdade, certo que existe a falta de compromisso de algumas famílias e também de professores, contudo, o que se tem visto são ETI funcionando em locais com espaço físico insuficiente, o que não culpa da família, do aluno ou do professor. Ademais, para a educação integral atingir as metas é preciso um trabalho sério e em conjunto.

Na contemporaneidade verifica-se uma era onde as exigências do mercado se tornam cada vez maior, a globalização em constante desenvolvimento requer das instituições educativas um novo modelo de formação exigindo assim um indivíduo multidimensional, mais consciente e capaz de enfrentar suas próprias evoluções.

Como lembra Guará et al (2006), a educação deve responder a uma multiplicidade de exigências do próprio

indivíduo e do contexto em que este vive. Com o intuito de atender a essa multiplicidade de funções, faz-se necessário que a escola forme o cidadão integralmente, potencializando a dimensão qualitativa e quantitativa quanto a aquisição de saberes, desenvolvimento de valores, competências e habilidades necessárias a uma vida saudável em sociedade, garantindo, dessa forma, o direito de aprender.

Portanto entende-se educação em tempo integral como um grande desafio a ser superado, pois acreditamos nas possibilidades e transformação das políticas públicas, nesse contexto social que vivemos hoje, a escola passa a ser uma grande esperança para muitos. Na visão de Silva (2010), a educação integral exige um professor aberto às situações variadas, que tenha um olhar sensível aos desafios. A autora comenta ainda que os profissionais possuem dificuldade de compreender sua inserção nesse novo contexto. Acredita-se que pelo fato de desconhecerem o que de fato é a educação integral e também como precisa ser ampliada.

Dessa forma, pensar na educação integral requer mais do que pensar na ampliação do espaço físico, é preciso que os professores também ampliem sua formação, isso porque as ações desenvolvidas na educação integral possuem uma extensão mais ampliada do que o professor está acostumado em horário normal.

Ademais, a escola com estrutura física mas sem professores capacitados para exercerem sua função com afinco não tem muito a acrescentar na formação do indivíduo. No que tange a educação integral, vem sendo ao longo dos últimos anos

assunto bastante discutido, pois existe a preocupação de como a educação nessa modalidade vem acontecendo desde seu surgimento.

Em termos de experiência com escola e educação integral, pressupostos teóricos afirmam que foi Anísio Teixeira que realizou a primeira experiência efetiva de educação integral e mais do que isso, tal acontecimento na ordem de política pública. Ressalta-se ainda que a escola de tempo integral associada a Teixeira foi inaugurada no ano de 1950, levando o nome de Centro Educacional Carneiro Ribeiro.

Não obstante Teixeira (1997) faz a seguinte assertiva:

Haverá escolas nucleares e parques escolares, sendo obrigada a criança a frequentar regularmente as duas instalações. O sistema escolar para isso funcionará em dois turnos, para cada criança [...] no primeiro turno a criança receberá, em prédio econômico e adequado, o ensino propriamente dito; no segundo receberá, em um parque-escola aparelhado e desenvolvido, a sua educação propriamente social, a educação física, a educação musical, a educação sanitária, a assistência alimentar e o uso da leitura em bibliotecas infantis e juvenis (TEIXEIRA, 1997, p.243).

Compreende-se assim que a visão do autor tinha a intenção de abrigar a criança em dois turnos e que no primeiro turno a criança receberia a educação escolar em si, e no segundo momento uma educação em cunho mais social, que nesse caso englobava a educação social, física, musical, assistência

alimentar, leituras entre outras, enfim, era uma educação baseada no desenvolvimento do aluno em vários segmentos, hoje em dia a educação integral não difere muito, a não ser pelo fato de que a educação integral tem visado a formação técnica do aluno para exercício do trabalho.

Conforme frisa Cavalcante (2013), para que a educação integral tenha bons resultados é necessário primeiro ofertar aos professores que atuarão nessa modalidade uma formação continuada, e não só para os docentes, para todos que compõe a escola integral. Sendo assim, tem-se que para um bom andamento da educação é preciso que os professores saibam como lidar com o novo modo de ensino. Ainda com relação a educação integral infere-se que um dos principais caminhos para que realmente dê certo é ir além do ampliar espaço físico, é importante investir nos profissionais desse segmento em especial os professores, a estes deve ser conferido boas remunerações, condições dignas de trabalho etc.

Acerca desse aparato Paro (1988) já frisava o seguinte:

Da perspectiva de uma educação integral, a pergunta que se faz é se vale a pena ampliarmos o tempo dessa escola que aí está. E a conclusão a que chegamos é que, antes (e este é um 'antes' lógico, não cronológico) é preciso investir num conceito de educação integral, ou seja, um conceito que supere o senso comum e leve em conta toda a integralidade do ato de educar. Dessa forma, nem se precisará levantar a bandeira do tempo integral porque, para fazer-

se a educação integral, esse tempo maior necessariamente terá que ser levado em conta. (...) A escola que aí está fracassa, portanto, porque é parcial. É por isso que precisamos pensar sobre a educação integral (PARO, 1988, p.18).

Analisa-se a educação integral mensurando o que se faz, se vale apenas ampliar o tempo de escola, são perguntas comuns desde quando foi fundado os primeiros Centro Educacionais que abrigaram a educação desse tipo. O que se sabe é que é preciso saber como funciona essa educação, como ela pode ajudar na construção do aluno, ou seja, requer que seja amparada na integralidade do ato de educar, pois mais do que passar mais horas na escola, é preciso que seja preenchida com ações que possa gerar no aluno a vontade, o desejo de estar ali, de querer formar-se integralmente. No mais, entende-se que atuar na educação integral é sempre estar em experiências novas.

Para Batista (2014, p.7) “ a educação pressupõe atividades que devem ser reflexivas para que não ocorra a perda de sentido e unidade”. Nessa nuance, a ideia do currículo de tempo integral exige um balanceamento de atividade sem deixar de fora ações lúdicas e inclusivas, no mais, espera-se que seja um ensino que supere a fragmentação que a educação brasileira apresenta.

Os saberes escolares devem ser pensados criticamente não importando como a escola se apresenta, ou seja, tanto faz ser integral ou não, o que importa de fato é garantir ensino e aprendizagem de qualidade superando possíveis dificuldades

de aprendizagem dos alunos. A educação em contexto deve ser tratada com seriedade, deve ter sempre a primazia de formar indivíduos.

No pensamento de Gadotti (2009), a educação para dar certo, não basta investir na educação e no trabalho, é preciso investir na cidadania na democracia, no modo de vida social, na formação para e pela cidadania. Como advento da educação integral é o que se espera, visto que os alunos terão mais tempo na escola, assim, o professor pode realizar mais ações concretizadas que dão aos alunos tempo maior de reflexão e aprendizado. Não se trata de reinventar, mas potencializar, ou seja, qualificar o que já existe.

Estudo realizado por Pestana (2014), aponta que a Revolução Francesa é tida como marco importante para o entendimento de educação integral. Acredita-se ser possível que esse pensamento esteja alinhado ao fato de os Jacobinos possuírem ideias iluministas e revolucionárias que tinha como princípio a transformação social do homem. Assim sendo, a educação seria uma forma de garantir direito de serem assistidos mediante políticas públicas.

A educação integral em seu histórico apresenta várias concepções, contudo, sempre rege a inclusão, ou seja, a ideia da escola integral quando surgiu no Brasil era justamente incluir aqueles que não tinham acesso a escola, a educação, mais do que isso, funcionaria garantindo a formação intelectual do homem.

Muito se fala acerca da escola e educação integral no Brasil, bem como se deu seu funcionamento, quais correntes filosóficas, conceituação histórica, descasos dos governantes,

lutas sociais e políticas públicas. Contudo, outro fator merece ser posto em evidência: o professor, isso por que, dentro dos muitos desafios da educação integral, está a preparação do professor para atuar nessa nova perspectiva educacional. Assim, supõe-se que é importante que os professores recebam boa formação, pois a educação integral se apresenta sobre novas ações pedagógicas.

De acordo com os preceitos de Cavalcante (2013):

Para que de fato a educação integral consiga dar os resultados esperados se faz necessário primeiramente oferecer formação continuada para os professores e demais profissionais da educação integral. Acredita-se que a formação inicial e continuada dos professores e funcionários da educação integral deve ser discutida nas Faculdades de Educação e dos cursos de Licenciatura, nos cursos de pós-graduação Lato e Stricto senso e nos cursos de nível médio (CAVALCANTE, 2013, p.6).

O mundo está em constante transição em termos de avanços tecnológicos e a educação precisa caminhar no mesmo passo, mas para que isso aconteça se faz necessário, ações sistematizadas e isso incluam formação dos professores, investimentos públicos para que ocorra a universalização da educação integral, objeto esse de desejo de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, dois idealizadores da escola e educação integral no Brasil.

A educação integral propõe superar o currículo fragmentado, organizado em grandes e fundamentado no isolamento das disciplinas que, por conseguinte, isola as pessoas e prejudica a aprendizagem (GADOTTI, 2009). Nessa prerrogativa, infere-se que a ideia da educação integral é atender melhor a educação do indivíduo como um todo, e para tanto, não fragmentar as disciplinas, melhorando o currículo educacional é essencial. A educação precisa ser vista sobre novas perspectivas e a experiência com a educação integral tem sido uma forte aliada para a emancipação da educação, a passos lentos, mas já se pode considerar um começo.

A temática da educação e escola integral tem sido tema de discussões e pesquisas, em especial no século XXI, devido as novas políticas públicas que trataram de trabalhar a educação integral e social do aluno. Embora seja um tema em discussão constante, há muito que se discute como implantar e como deve funcionar a educação integral em todos os níveis, contudo, é uma realidade bem distante no Brasil devido aos governantes ainda delegarem a educação em segundo plano.

Para Cavalcante (2013)

O acesso escola não garante a cidadania escolar. Ao mesmo tempo em que se garante aos alunos o acesso à escola não há uma garantia de desenvolvimento do indivíduo, visto que a escola pública passam a ser vista como uma forma de solucionar todos os problemas dos seres. Porém, quando se faz uma avaliação na qualidade de aprendizagem dos alunos fica evidente o baixo

padrão de escolaridade oferecido à população mais pobre (CAVALCANTE, 2013, P.28).

A educação de forma integral não está associada apenas com a transmissão de conteúdo, resolução de questões, projetos, entre outros, também é necessário a inclusão de valores no meio escolar, valores para a vida, que orientem a classe discente como conviver na sociedade, para que possa vencer obstáculos e conquistar seus objetivos é assim que deve se pensar na educação integral que ela dê suporte ao desenvolvimento e transformação do indivíduo.

Na educação integral as coisas funcionam diferentes da educação dividida por turnos. A organização de conteúdos, por exemplo, é uma das coisas a serem feitas com precisão, considerando o máximo de aprendizado dos alunos. Na concepção de Reis (2014), a organização dos conteúdos curriculares requer cuidados, isso no sentido de evitar superposições, hierarquias e esvaziamento. Ou seja, rever o que as disciplinas dispõe, se condizem com o que os alunos necessitam, enfim, criar um currículo trançado metas que possam garantir a aprendizagem dos alunos como um todo.

Supõe-se que a educação integral não possui objetivos específicos unicamente a essa modalidade, uma vez que visa a educação integral do ser humano em qualquer esfera. A bem dizer, a educação integral implica considerar as questões de acordo com o tempo de permanência do aluno em sala de aula. É desafiador para o professor trabalhar a educação integral,

tanto ele como o aluno precisam adaptar-se ao novo modelo de ensino.

De acordo com Faria (2008):

Na impossibilidade de ampliar o atendimento em horário integral – até hoje considerado um privilégio pelo investimento que envolve – muitas redes municipais vêm oferecendo atividades extraclasse que representam algumas horas a mais na escola. Em algumas redes, permite-se que alunos do ensino fundamental frequentem os dois turnos escolares, numa forma precária e improvisada de oferta de horário integral (FARIA, 2008, p. 85).

Frente ao que postula a citação, entende-se que a educação integral tem enfrentado muitos desafios e esse fator vem desde a idealização da escola e educação integral de Anísio Teixeira, que a via sobre a ótica da utopia e da democracia. Ainda no que tange a impossibilidade de ampliar atendimento integral nas escolas, se tem visto que ainda é uma realidade vista em muitos contextos. Quando se diz que não basta ampliar a escola em termos de estrutura física, não quer dizer que o ensino integral pode ser direcionado em qualquer espaço físico, uma vez que na educação integral o aluno tem mais atividades para desenvolver e que requer espaço mais ampliado.

Gadotti (2009, p 38) sustenta que a educação integral deva entre os objetivos os seguintes: “educar para cidadania, criar hábitos de estudo e pesquisa; cultivar hábitos alimentares e de higiene, suprir a falta de opções oferecidas pelos pais ou

familiares, ampliar a aprendizagem dos alunos além do tempo em sala de aula”. A escola nessa perspectiva cuida também da aprendizagem do aluno em todos os níveis.

A ideia de escola integral segundo Anísio Teixeira, é de que através dela todos tivessem acesso à educação, que as pessoas menos favorecidas poderiam frequentar a escola como todos os outros. Uma proposta difícil, mas possível de ser transformada em realidade desde que as políticas públicas fossem de fato realizadas e que chegasse a todos de forma unânime. Infere-se ainda que a educação integral amplia mais horizontes pelo fato de que contribui com o desenvolvimento e potencialidade das comunidades, buscando integrar as atividades sociais e culturais desenvolvidas pela escola e que só tende a melhorar a realidade social e cultural de muitos indivíduos.

Brandão (2012) argumenta que uma escola de tempo integral pode garantir o acesso às camadas mais populares da sociedade. Comenta ainda a escola precisa fomentar o atendimento e acompanhamento das atividades em condições de atendimento diferenciado, oportunizando aos alunos o desenvolvimento de habilidades, superando dificuldades e crescendo em termos culturais, sociais, individuais, coletivos e crítico.

A variedade de experiências que baseiam os princípios da educação integral é bastante expressiva. O essencial é que não se perca o foco da aprendizagem, ou seja, não importa como se dão as experiências, o que vale não deixar de lado o bom ensino e aprendizagem. No mais, ampliação de escola e educação integral são ambas uma necessidade, embora o mais importante

seja a imaginação, a formação e a criatividade para formar bons indivíduos para convívio social.

Não basta investir na educação e no trabalho, é preciso investir na cidadania, na democracia como modo de vida social, na formação para e pela cidadania, para o exercício da cidadania desde a infância. Gadotti (2009) acredita que a população tem o direito de saber quais são os seus direitos e deveres, precisamos de uma população bem informada. A informação é o primeiro de todos os direitos humanos, pois, sem ela, as pessoas não têm acesso a outros direitos. Daí a importância da educação cidadã, formal e não formal, dentro e fora das escolas.

Muito se tem debatido acerca da educação, o que tem levado à discussão da jornada de educação integral, frisando que a educação nesse segmento pode mudar a realidade da educação básica no país. Contudo, o que se tem visto são ideias postas em ação sem que seja levada em conta a qualidade do ensino, ou seja, tem buscado seguir a educação idealizada por Anísio Teixeira, porém tem deixado de lado a qualidade dos serviços prestados.

Na prerrogativa de Ibernón (2009):

Transforma a escola em uma comunidade de aprendizagem implica uma importante mudança nas relações de poder da escola. É imprescindível a mudança da organização da escola, já que ela está subordinada aos objetivos e às tarefas propostas por todos. A organização, a partir de agora, está subordinada às prioridades definidas pela comunidade (IBERNÓN, 2009, p. 9).

O aluno aprende quando o professor aprende, daí a importância de o professor estar em constante formação para atuar em sala de aula, em especial no que diz respeito a educação integral, que tem por um dos objetivos a formação completa do aluno de forma que quando saia da escola integral esteja ao menos pronto para o mercado de trabalho. O fato de evidenciar o trabalho se dá em frente a ideia de que a educação hoje tem sido vista como campo de formação para o mercado de trabalho.

A contextualização sobre escola e educação integral levamos ao entendimento de que para melhorar a qualidade dessa educação investir na formação continuada do professor, do gestor, enfim de todos que fazem parte desse ensino é um bem necessário e urgente, levando em consideração que a educação é a ponte para transformação do ser humano.

Segundo Gadotti (2009):

Precisa-se de escola para educar a sociedade, para educar a cidade, o município, para desenvolver o país, para redistribuir renda, para construir uma nova cultura política fundada no diálogo, na escuta, na vivência da democracia em todos os espaços sociais (GADOTTI, 2009, p.55)

Estar na educação integral não é garantia de aprendizagem, para haja aprendizagem de fato o aluno precisa estar integrado, e é papel da escola criar mecanismos para que ocorra a integração do aluno para essa nova educação. As experiências em escola e educação integral têm ganhado

notoriedade no cenário das políticas públicas englobando em todos os níveis incluindo a esfera municipal.

Na visão de Batista (2014), na educação integral há muitos questionamentos a serem verificados entre eles; as condições de ensino e aprendizagem realizada pelos professores, reconhecendo dificuldades de aprendizagem dos alunos e cuidando para serem sanadas, que atitudes e valores estão sendo ensinados e aprendidos. No mais, tem-se que para fazer uma boa educação integral não é necessário inventar, mais sim potencializar e requalificar as existentes.

Embora a temática da educação integral seja assunto em evidência, não é de hoje que se discute a respeito, o que nos leva ao entendimento de que educar na escola integral requer preparo, em especial nas ações pedagógicas, a contar que o aluno precisa sentir-se integrado em espaço, ensino e aprendizagem. Vale destacar que mesmo a educação integral tendo sido pensada há muitos anos, hoje se discute sobre novos tempos.

Em termos de experiência na educação integral fica que em sua idealização a tendência liberal foi posta em questão. Esse pensamento é sustentado por Dolabella (2012) que argumenta o seguinte:

A tendência liberal sustenta que o aluno deve ser preparado para desempenhar papéis sociais de acordo com suas aptidões, adaptando-se à sociedade capitalista e adotando uma cultura individualista. Desta tendência, surge a concepção tradicional de educação, primeira a

ser instituída e hegemônica no Brasil, tendo como finalidade transmitir conhecimentos disciplinares para a formação do aluno e sua posterior inserção social. Nesta tendência, o professor é figura central e o aluno é um receptor passivo dos conhecimentos considerados como verdades absolutas (DOLABELLA, 2012, p.23).

A tendência liberal sustenta que o aluno deve ser preparado para desempenhar papéis sociais de acordo com suas aptidões. A educação em qualquer instância sempre terá o professor como referência primordial, isso se deve ao fato de ser ele a figura que o aluno tem como espelho, sendo assim acredita-se ser importante que o docente esteja em constante formação.

Educação integral é um termo muito mais abrangente do que Educação de tempo integral, pois não é apenas o tempo a mais que levará a uma construção mais qualificada do ensino, e sim a forma de contemplar a educação em todos seus aspectos, seja ela intelectual, social, moral, recreativa, cidadã, em qualquer lugar e a qualquer tempo.

O que se propõe à educação integral é a integralidade, isto é, um princípio pedagógico onde o ensino da língua portuguesa e da matemática não está separado da educação emocional e da formação para a cidadania. Na educação integral, a aprendizagem é vista sob uma perspectiva holística (GADOTTI, 2009).

No que se refere a experiência de escola e educação integral o estudo mostra que as primeiras experiências se deram através de Anísio Teixeira, um idealizador que via a educação integral

como meio de incluir todos nesse contexto. Outro nome é Darcy Ribeiro, outro que muito contribuiu para a transformação no ensino do país. Percebe-se ainda que infelizmente a educação no Brasil ainda é delegada a segundo plano por parte dos governantes. Destaca-se que em razão da temática em discussão, tornou-se relevante apresentar os desafios da educação integral na contemporaneidade, a ideia partiu do pressuposto de que em termos de educação integral, conhecer os desafios que acompanham o ensino nesse é importante.

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INTEGRAL NA CONTEMPORANEIDADE

Primordialmente, observa-se que os debates acerca da educação integral na contemporaneidade têm se tornado mais intensos. Isso ocorre porque as políticas públicas do sistema de ensino atual vêm se tornando inadequadas, uma vez que, comparado com a nova modalidade de ensino que é a escola integral, o ensino atual ainda mantido por algumas dessas escolas, não visa a formação completa do aluno em todas as suas dimensões.

Assim, para de fato adentrar no debate acerca dos diversos desafios que versam sobre a educação integral na contemporaneidade, convém reafirmar o significado de educação integral, que se trata da ação ou efeito de educar e aperfeiçoar as capacidades intelectuais e morais de alguém em sua totalidade, por completo e inteiro. Neste sentido, Cavaliere (2012) reafirma o conceito emancipatório do termo, aludindo à Paidéia Grega: Uma das utilizações do conceito se faz conforme a ideia grega de Paidéia, que significa a formação geral do homem, envolvendo o conjunto completo de sua tradição e propiciando o pleno desenvolvimento no indivíduo da cultura a que ele pertence.

Em outras palavras, ao falar de educação integral é preciso se ter em mente uma educação que vise o ser humano por completo, na sua integralidade e totalidade, ou seja, uma educação que mantenha um olhar para o ser humano em todas as suas dimensões, tais como a afetiva, política, social, educacional, cultural, dentre diversas outras. Embora não seja fácil educar sobre a ótica da educação integral, é um bem que se faz necessário.

Nesse sentido, tem-se que as práticas, os meios e ferramentas e toda a metodologia aplicada pelo ensino se faz insuficiente para suprir as necessidades educacionais brasileiras atuais. Isso se dá em face da nova realidade que permeia o ensino educacional brasileiro, onde os recursos computacionais, as novas tecnologias e até as mídias sociais estão causando uma enorme revolução em sua forma de ensinar e aprender

Moll (2009) comenta em sua obra acerca da necessidade da instituição deste debate construtivo, acerca da implementação da educação integral. Para a autora, o debate surge como um convite que assegura aos alunos, crianças, jovens ou adolescentes, o acesso a recursos tecnológicos, aos veículos de comunicação e a plataformas digitais, que de alguma forma causam uma revolução na forma de ensinar e aprender.

Dessa maneira, torna-se evidente que as exigências educacionais vêm sofrendo diversas mudanças e adaptações na medida em que o tempo passa. Assim, torna-se notória uma série de mudanças e debates no cenário educacional brasileiro,

dentre elas, a implantação da educação integral nas escolas brasileiras.

Neste entendimento, Moll, (2012) em sua obra Caminhos da Educação Integral no Brasil , aduz que:

O debate acerca da Educação Integral requer o alargamento da visão sobre a instituição escolar, de tal modo que a abertura para o diálogo possa ser também expressão do reconhecimento de que a escola compõe uma rede de espaços sociais (institucionais e não institucionais) que constrói comportamentos, juízos de valor, saberes e formas de ser e estar no mundo (MOLL, 2012, p.139).

Dessa forma, evidencia-se que os debates e a implementação do ensino integral nas escolas brasileira já iniciado, visa a integralidade da formação humana em todos os seus aspectos e dimensões, ressaltando, portanto, a importância dessa formação contínua, uma vez que esta traz diversas inovações e aprimoramentos nas práticas pedagógicas.

Complementando o entendimento, Coelho (2009) dispõe que:

Esse modo de ver e perceber a formação do homem corresponde à natureza do que denominamos de educação integral: uma perspectiva que não hierarquiza experiências, saberes, conhecimentos. Ao contrário, coloca-os como complementares e fundados radicalmente no social: o espírito não é considerado através do

ponto de vista puramente intelectual, formal ou de conteúdo, mas sim em relação com as suas condições sociais [...] podemos dizer que se caracteriza pela busca de uma formação a mais completa possível para o ser humano (COELHO, 2009, p. 85)

Ademais, é notório identificar que a implantação da educação integral nas escolas brasileiras, como forma de se buscar uma formação mais completa para o ser humano, como foi supracitado acima, passa por diversas dificuldades, desafios e barreiras, que vão desde o combate à desigualdade social, oferecendo oportunidades e qualidade de ensino para todos, até o desenvolvimento das potencialidades humanas, em todos os seus aspectos e dimensões.

Posto isso, falar em educação integral é agregar todos os meios disponíveis para facilitar o ensino-aprendizagem no meio educacional. Não existe ensino desprendido de outros setores da comunidade, não existe uma complementação do saber sem interligar uma ciência com a outra, portanto, é necessárias parcerias em todos os aspectos para a transmissão e aquisição do conhecimento de forma efetiva.

Alves (2014) diz que, de acordo com a legislação brasileira, existe uma relação entre educação integral e melhoria da aprendizagem com a escola de tempo integral, e essa relação muitas vezes aparece como sendo o meio para assegurar a educação integral. Compreende-se assim que o tempo de estudo é o diferencial, ou seja, o tempo que o aluno passa na escola precisa ser preenchido com ações educativas de

relevância, com relação a ampliação da jornada escolar aparece como possibilidade de promover a educação integral em todos os sentidos.

Assim, em meios a tantos desafios, observa-se que a educação integral nas escolas brasileiras exige mais do que um simples compromisso com a ampliação do espaço físico. Ademais, impõe também a necessidade de se estabelecer um projeto pedagógico, com consequente formação de seus agentes, bem como melhorias na sua infraestrutura, para assim obter-se meios adequados e eficazes para sua implantação.

Logo, nota-se que para uma boa estruturação e fortalecimento na implantação da educação integral, torna-se necessário o engajamento de todos os sujeitos envolvidos, sejam os professores, alunos, diretores, pais, bem como todos os outros que se tornam responsáveis em possibilitar o desenvolvimento integral do educando.

Assim, buscando analisar os desafios da educação integral na contemporaneidade, deve-se primeiramente voltar o nosso olhar para todos os sujeitos envolvidos. Assim, passa-se a observar o trabalho de todos os sujeitos apresentando os seus principais desafios na implantação o ensino integral.

Coelho (2011) buscou analisar o trabalho do docente na educação integral, em sua dissertação de mestrado, e apresentou de forma clara alguns desafios que são considerados entraves na política de ensino integral como um todo. São eles “a falta de estrutura física nas escolas para atender os estudantes, a baixa remuneração paga aos docentes do PEI e a pouca formação exigida pelo programa para contratação,

somados às precárias condições de trabalho e de estudo como os principais problemas encontrados” (COELHO (2011, p. 76).

Ainda sobre essa prerrogativa, o autor mencionado acima ressalta que a educação integral é uma realidade distante e pouco integrada na comunidade em que a escola está inserida, vez que em sua maioria ainda não existem equipamentos necessários para a sua implantação e continuidade, sem contar o despreparo de alguns professores.

Como outro problema, o autor ainda elenca a falta de conhecimento no tocante ao projeto político-educativo e pedagógico nas escolas pelos professores, onde, muitas vezes os mesmo são elaborados apenas como forma de cumprimento das exigências e disposições legais, sendo pouco efetivos e eficazes para com o processo de construção pedagógica.

Dessa maneira, de acordo com o entendimento do autor, tem-se que a construção de uma proposta pedagógica, que alcance em seus objetivos as escolas de ensino integral, é também um desafio a ser vencido, tendo em vista que esse projeto pedagógico deve oportunizar um entrelace entre as escolas e a comunidade como um todo, dando maior clareza, visibilidade e determinação do papel da escola nos dias atuais.

O PNE Lei 13.005/14 apresenta em sua meta número 6, a temática de tempo integral, incluindo nesse caso a ampliação da jornada escolar almejando alcançar uma educação de qualidade que abarcasse a integralidade, e quando se fala em integralidade, pressupõe-se uma interligação entre aluno, professor, escola e comunidade (BRASIL, 2014).

Sendo assim, é preciso, nessa ligação entre escola e comunidade, pensar não somente em uma escola integral, mas também na integração eficaz das minorias ali existentes, ou seja, incluí-las socialmente nesta nova realidade de ensino, tendo em vista o pluralismo cultural existente em nosso país, caracterizado pela diversidade.

Diante disso, as diversas classes sociais, inclusive as minorias, pobres, negros, homossexuais, alunos com problemas mentais, com défices que os limitam intelectualmente, e aqueles com deficiência física, devem estar inseridos nesse ambiente escolar integral, devendo estes serem respeitados, mantendo os seus direitos preservados, participando ativamente de todo o processo pedagógico, educacional e de conhecimento.

Dessa forma, para que haja essa inclusão no ambiente escolar integral, principalmente em se tratando das pessoas com deficiência, torna-se notório que as ações referentes ao processo ensino aprendizagem devem evitar uma padronização, adequando-se, portanto, a cada educando em especial.

Nesse sentido, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em seu artigo 59, dispõe que “Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades”.

Entretanto, pouco se tem visto acerca dessas propostas inclusivas neste novo cenário integral. Os debates e discussões ainda são mínimos no tocante ao perfil do aluno nesta escola que

funciona em período continuado. Porém, essa realidade acerca desses debates deve mudar e vir à tona, vez que existem uma série de alunos que não se encaixam no perfil compatível com a modalidade de ensino integral, havendo, portanto, percas no resultado de aprendizado, bem como em seu desenvolvimento dimensional psicológico.

Dessa forma, faz-se necessário que a escola que funcione de forma integral possua uma equipe multidisciplinar para os alunos, tendo em vista a necessidade de caracterizar os diversos perfis, para, além de contemplar as diferenças existentes entre aqueles educandos, possa também estabelecer uma pedagogia que vise a reciprocidade no aprendizado.

Neste entendimento, Beyer (2006, p.12), em sua obra *Educação Inclusiva ou Integração Escolar*, ressalta que em virtude das diferenças existidas “a educação inclusiva deve defender a heterogeneidade na classe escolar, para além das interações entre as crianças”. Assim, os educandos precisam de uma instituição escolar que lhe possa oferecer e garantir de alguma forma, além da educação e aprendizado, a segurança, a igualdade, o respeito, e um ambiente que o estimule a aprender. Assim, o ambiente escolar deve possibilitar e proporcionar um ensino integral de qualidade, onde a criança, além de passar o dia todo na escola, possa de fato aprender, recebendo uma educação de qualidade.

Dessa maneira, convém dizer que cada educando, tendo em vista a particularidade de suas características que traçam o seu perfil, tem a sua forma de aprender. Assim, faz-se necessário identificar as habilidades e dificuldades de cada

educando, estabelecendo uma zona proximal para com os demais, para que de fato ocorra um aprendizado harmônico.

Logo, nota-se que cada característica, cada ser, cada dificuldade, cada deficiência, deve ser levado em consideração para que de fato haja a possibilidade de maior aprendizado no ensino integral.

Contextualizando essa premissa, Gomes (2007) em sua obra Deficiência Mental, dispõe que:

Embora possam existir diferenças no desenvolvimento das crianças, é importante ter consciência de que elas podem se beneficiar de diferentes experiências no contexto familiar e escolar. Desejar que todos aprendam igualmente é uma tarefa impossível, mesmo em se tratando de pessoas ditas normais. Essa compreensão possibilita uma educação pautada no respeito aos ritmos e às potencialidades individuais (GOMES, 2007, p.49).

Assim sendo, nota-se a clareza em que o autor expõe em relação à manifestação de diferenças, focando seu olhar no tocante à maneira e forma que cada educando tem em aprender. Denota ainda que as pessoas não aprendem de forma igual e que esse preceito precisa ser respeitado pelos docentes.

Com base nesse entendimento, pode-se observar que o professor não precisa conhecer todas as necessidades educacionais que venha existir entre seus educandos. Porém, este deve ter a aptidão e a sensibilidade de conhecer o seu aluno, tendo em vista a necessidade, de nessa modalidade de ensino

integral, conhecer o potencial de aprendizado de cada aluno, proporcionando uma inclusão escolar.

Ademais, salienta-se ainda a necessidade de o professor sensibilizar-se no aprendizado de um educando com necessidades especiais. É preciso demonstrar a aptidão e capacidade que o mesmo possui, prezando por preceitos e valores, que estão interligados a sua futura vida profissional e social, reconhecendo, entretanto, as suas limitações.

Entretanto, torna-se notório que em face do que foi abordado acima, pode-se caracterizar uma ausência de um plano pedagógico eficaz. Além do mais, é muito importante ter a consciência de que a inclusão escolar das minorias, não é papel exclusivo do professor. Aqui, todos os sujeitos que se encontram no ambiente escolar, os responsáveis e as instâncias governamentais, se tornam responsáveis pelo desenvolvimento educacional do educando.

Nessa perspectiva de corresponsabilidade, e de realmente elaborar um plano pedagógico eficaz, Anjos (2013) afirma que:

Por fim, consideramos necessário refazer de outro ângulo as perguntas clássicas que se costuma fazer na elaboração de práticas pedagógicas: “como incluir pessoas com deficiência?”; “quais são as técnicas, qual é o método?”. Nós nos perguntamos outras coisas: como reduzir os processos excludentes? Como forjar novas formas de ver a deficiência, evidenciando sua origem sociocultural? Que métodos podem ser elaborados e reelaborados, na interação com os modos de ver o mundo

desses sujeitos? Perguntamo-nos como nos incluir em suas lutas por educação, por informação, por acesso aos direitos mais básicos. Acreditamos que tal inversão pode contribuir na redução das desigualdades, reconhecendo nesse outro um sujeito e não um mero objeto de nossa atuação. Não se trata de incluir os outros, promovendo a sua aprendizagem a partir de parâmetros adaptados da normalidade, mas de incluir-se numa relação aprendente. Há, portanto, um longo caminho a ser trilhado, e isso só pode ser feito de forma coletiva, envolvendo pesquisadores, comunidade escolar e instâncias governamentais (ANJOS, 2013, p. 505).

Assim, tem-se que um dos enormes desafios, que é a implementação de um plano pedagógico educacional eficaz, pode ser revisto com base nesse questionamento inverso que o autor faz, que de alguma forma ajuda, com esse pensar, na inclusão escolar de todos os educandos, com um olhar construtivo e aprendente.

Outro enorme desafio existente, versa acerca da falta de espaços adequados para realizar as oficinas e as diversas atividades propostas. Rezende (2012) em seus estudos, após entrevistar alguns sujeitos dessa relação escolar, chegou à conclusão de que o programa de ensino integral aumentou a sua demanda no tocante aos inscrito, porém, deixou a desejar no investimento da infraestrutura das escolas, onde, além de ter se tornado insuficiente para a demanda de alunos, possui péssimas condições para um atendimento e aprendizado de qualidade.

Neste entendimento, Silva (2013), pontua que as escolas, principalmente aquelas que se encontram nas periferias das grandes e pequenas cidades, tem uma enorme dificuldade para a realização das suas atividades externas. Isso se dá em face da falta, ausência ou escassez de locais, espaços e equipamentos para a execução das suas atividades. Além do mais, o autor conclui no apontamento de outros desafios como sendo:

A falta de um processo seletivo para a contratação de agentes culturais, dentro do perfil estabelecido no documento que orienta a implementação; a falta de articulação do programa com o projeto político-pedagógico e com o ensino regular das escolas; a falta do conhecimento dos objetivos do programa por parte dos educadores do PEI, dos docentes do ensino regular e da comunidade [...] (SILVA, 2013, p 41).

Logo, pode-se observar que, de um mero desafio, há um desencadeamento de uma série de outros e que precisam ser encarados e resolvidos para que não multipliquem mais. Na educação, articular atividades, a realidade da aprendizagem dos alunos é uma das formas de fazer educação com qualidade, pois quando o aluno se sente integrado e que a escola tem dando atenção ao que ele precisa aprender, a tendência é que melhore cada vez mais. Em suma, o professor deve procurar requalificar-se para o bom atendimento de ensino e aprendizagem escolar.

O professor do ensino integral deve estar comprometido, não somente em estabelecer a sua carreira, mas também com a promoção da aprendizagem do educando, uma vez que o professor tem ciência de que as técnicas de aprendizagem apenas são satisfatórias quando há o entrelace com o modo de pensar do aprendiz, (TUNES, TACCA, JÚNIOR, 2005). Observa-se que o professor para atuar no ensino integral não deve pensar apenas na sua carreira, no ganho monetário.

Decerto que para trabalhar na educação integral requer que o professor tenha domínio daquilo que está fazendo, e caso no caminho encontre desafios que fogem ao seu controle deve buscar meios de saná-los. Destaca-se ainda a necessidade do professor conhecer a realidade do aluno, de ser formado na área específica a que vai ministrar, enfim manter um conjunto de articulação para melhor desempenhar o papel de educador.

Cumpramos ressaltar que, segundo Andrade (2016), de acordo com a sua pesquisa que os profissionais que atuam no programa de ensino integral, são em sua maioria, mulheres. Que em relação ao nível de escolaridade, a maioria dos entrevistados em sua pesquisa, possui ensino médio completo, mas que também é expressiva a quantidade de pessoas que possuem ensino superior incompleto, ou seja, bolsistas extensionistas que ainda estão cursando.

Além do mais, a autora ainda destaca que “as dadas condições de trabalho para os docentes são precárias, os locais para realização das oficinas são na sua maioria adaptados, os instrumentos de trabalho medianos e os salários são considerados baixos” (ANDRADE, 2016, p. 77). Percebe-se aí que

a educação integral embora preze por uma ampliação da jornada pedagógica não oferece subsídios para tal acontecimento, no mais, muito se tem cobrado do professor, mas sem oferecer muito, aos governantes, fica que se querem de fato mudar a realidade da educação pública no Brasil, precisa antes de tudo investir na formação do professor.

Outro desafio é no tocante a experiência em sala de aula. Aqui, o docente precisa utilizar-se de todos os recursos disponíveis, tanto os atuais e inovadores, quanto a alguns mais remotos, de forma a propiciar novas oportunidades, fazendo com que o aluno, possa, no ambiente escolar, fazer novas descobertas. Esse é um dos problemas que infelizmente é bem visível na educação brasileira, o analfabetismo tecnológico por parte dos professores o que se pode considerar uma falha grave, a contar que a educação tem caminhado cada vez mais para o mundo tecnológico.

Barreto (2019) comenta que:

Um cenário de profundas alterações nos esquemas de poder no mundo globalizado, de reestruturação produtiva, de crise dos paradigmas de verdade e de embates nos processos de construção de identidades, era preciso dar respostas às novas demandas sociais também no campo da educação (BARRETO, 2019, p.2).

Utilizando-se desses recursos os educadores devem motivar os jovens a estarem na sala de aula, não somente como

algo que faz parte da rotina, mais com um pensamento de que, na sala de aula, pode-se desenvolver a formação completa daquele aluno em todas as suas dimensões, sendo estas, a psicológica, a educacional, social, política, cultural, afetiva, dentre outras.

Outro desafio que também impacta na implantação do ensino integral é o saber lidar com os recursos tecnológicos. Dessa maneira a escola deve olhar para a tecnologia não como algo que distraia a mente dos alunos, porém, como fontes e meios potencializadores do ensino-aprendizado. Ademais, cumpre salientar que a tecnologia aqui utilizada, seria como um meio e não como um fim destinado a educação.

Por fim, mediante a tantos desafios , é notório que o processo educativo requer muitas atualizações e mudanças, principalmente no tocante ao processo pedagógico educacional, incluindo, portanto, a formação continuada dos professores, que é pontapé inicial de todo alicerce do programa de ensino integral, para que o aluno não esteja em sala de aula apenas por estar, e nem que o processo pedagógico seja feito apenas por normas legais, mais que tenha o educando um excelente aprendizado , e os educadores, um excelente ensino.

Saindo da prerrogativa dos desafios da educação integral na contemporaneidade conhecer o que diz alguns autores sobre as práticas pedagógicas na educação integral considera-se um complemento para a pesquisa em questão.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE TEMPO INTEGRAL

A educação integral no Brasil trilhou por caminhos difíceis, pois, por mais que os idealizadores como Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro tenham lutado para sua real concretização, surgiram muitas dificuldades, o que se tornou um desafio para os professores que querem fazer a diferença na educação.

Para trabalhar as práticas pedagógicas na educação integral se faz necessário conhecer o que de fato é a educação integral, como ela deve ser trabalhada, o que prediz os dispositivos legais, enfim, saber no que se apoia a escola integral. Barreto (2019) comunga da ideia de que em termos de educação de tempo integral o esclarecimento sobre as políticas brasileiras é um aparato que pode ajudar a desenvolver as práticas pedagógicas tão necessárias a aprendizagem do aluno. Dispõe ainda que a Constituição Federal de 1988, art. 205 e a LDB art. 02 entra em apoio para determinar a educação em pleno desenvolvimento.

Saber o propósito da educação é um passo para torná-la mais efetiva. Acerca da educação integral, sabe-se que tem como um dos objetivos integrar o aluno oferecendo subsídios para o desenvolvimento integral do aluno numa esfera individual e também coletiva. Destaca-se ainda que a jornada escolar ampliada oferece mais condições de aprendizagem,

desde que o professore tenha isso em mente também, pois não basta o aluno querer e o docente não fornecer meios para que o discente alcance o esperado da educação.

Cavalcante (2013) chama atenção para a realização da educação integral. Para essa autora, para que haja engajamento de todos os processos educativos, professores, discentes, diretores, pais, especialista em assuntos educacionais, colaboradores em geral, precisam estar em consonância para que haja de fato uma educação pontuada na integralidade. A educação escolar precisa ser realizada como um conjunto para que possa oferecer aos indivíduos uma formação crítica e integrada a construção de saberes e dizeres.

As práticas pedagógicas desenvolvidas na educação integral costumam ser diferentes das escolas em que só tem quatro horas de aulas diária. Aqui se vê um diferencial, ou seja, já que o aluno fica mais tempo na escola o professor acaba tendo que elaborar atividades que contemple o tempo do aluno em sala de aula com aprendizagem.

Em relação as escolas que atendem a educação dividida em quatros horas aulas diárias, é muito comum ouvir professores reclamarem que o tempo é curto para realização de tarefas, e que por conta disso, muitas vezes os alunos perdem o foco daquilo que estava sendo ensinado e aprendido, deixando perceptível que a educação em tempo integral possui uma vantagem, visto que a jornada é mais extensa dando assim tempo ao professor de realizar atividades enquanto os alunos estão focados.

Segundo mensura Cavalcante (2013), na educação integral, as ações relativas ao educar são apresentadas de forma a ressaltar o desenvolvimento integral da criança, para tanto, envolve aspectos afetivo, relacionais, biológicos, alimentares concernentes a saúde. Percebe-se, junto ao que postula a autora, que quando o assunto é educação integral muita coisa precisa ser levada em consideração, inclusive o modo como desenvolve as práticas pedagógicas.

A Escola de Tempo Integral divide sua jornada da seguinte forma: pela manhã acontece as aulas das disciplinas de português, matemática, geografia, ciências, educação física, arte, história; logo mais à tarde a prática pedagógica exige atividades extracurriculares como oficina de leitura, produção textual, música, jogos de matemáticas, aulas laboratoriais entre outras. Frente a todo esse aparato, entra o fato de que, para acontecer dessa maneira, a escola precisa estar equiparada em todos os sentidos.

Segundo Craidy (2011), as práticas de educar implicam em atitudes que demonstram conhecimentos e habilidades, e até mesmo valores potencializados. Supõe-se que a necessidade de possuir as habilidades se deve ao fato de que é preciso contribuir de forma acertada no desenvolvimento da criança, ou seja, garantir que a criança esteja recebendo educação que vai contribuir para seu desenvolvimento social, cultural e psicológico.

Torna-se perceptível que, para o desenvolvimento integral da criança, é necessário cuidados entre eles o desenvolvimento das práticas pedagógicas em especial na educação integral onde

a jornada escolar é mais extensa requerendo dos envolvidos nessa educação, cuidados redobrados em todos os aspectos. No mais, infere-se que um ponto relevante nesse segmento é compreender a criança e trabalhar no seu desenvolvimento e aprendizagem.

Acerca da Escola de Tempo Integral, Demo (2008) norteia o seguinte:

A ETI deve ser a escola do século XXI, pedagógica e tecnologicamente correta. É pedagogicamente correta a escola que oferece oportunidade de aprender bem, respeitando à risca o direito discente. [...]O estereótipo mais obsoleto é continuar na ETI a mesma coisa que se faz na escola tradicional, apenas acrescentando-se atividades que preenchem o tempo do aluno [...]. ETI adequada é uma escola com professores diferentes, que sabem aprender bem, pesquisam e elaboram, [...] cuidam sistematicamente da aprendizagem dos alunos, [...] cercam-no de outras atividades complementares que possuem vínculo explícito com a aprendizagem (DEMO, 2008, p. 18).

Mediante o exposto, torna-se perceptível a relevância da escola em tempo integral na formação do ser humano. Mais do que uma jornada escolar ampliada, está a jornada pedagógica, onde a oferece atividades de aprendizagem em todas as esferas. É por assim dizer que a ETI deve caminhar para o rumo tecnológico, contudo, obedecendo a pedagogia curricular que deve ter em seu preceito a primazia da educação integralizada,

ou seja, uma educação completa que permite ao sujeito a aquisição de saberes para além da sala de aula.

Dentro dos aspectos relacionados às práticas pedagógicas está a avaliação, processo esse utilizado em todas as escolas, como também na maioria das organizações. Tal feito é realizado na prerrogativa de avaliar determinada pessoa, ou no caso da escola, aferir a aprendizagem educacional dos alunos. Trazendo a questão da avaliação para dentro da escola e educação integral, infere-se que, por ter uma jornada escolar mais ampliada a avaliação no mínimo deveria diferenciada, a contar que o número de atividades desenvolvidas nesse contexto educacional é muito maior do que as realizadas na escola que atende a educação em quatro horas aulas.

De acordo com Afonso (2013, p.44) “uma das expressões do neoliberalismo na educação é a tentativa de transplantar para a escola pública formas de gestão empresarial ou que se mostram mais adequadas para as organizações que visam lucro”. Com isso, fica a prerrogativa de que os saberes trabalhados pelos professores devem ser quantificáveis, mas também qualificativos, o aluno não é apenas aquilo que ele consegue decorar para realizar avaliação e isso deve ser levado em consideração em qualquer ambiente educacional.

Ao falar sobre a educação integral, se faz necessário observar alguns pontos, entre eles o entendimento de que a educação jamais poderá ser vista como algo preso as paredes da sala de aula, do mesmo modo que também não pode ficar preso a respostas prontas como presa a avaliação realizadas pelas escolas, onde se insiste que a avaliação quantitativa é a mais

adequada para medir a aprendizagem do aluno. Encarar a educação apenas como formação mercadista não auxílio o indivíduo para a vivência social, o que é errôneo, pois se espera da educação que ela seja integralizada.

Em se tratando da avaliação Silva (2008) aponta que:

A avaliação, por meio desses exames, tem sido considerada a avaliação da própria qualidade, ou não, da educação e/ou do ensino oferecido pelas escolas, estando, frequentemente, presentes em discursos na sociedade.[...] a relevância que hoje se atribui à avaliação de desempenho reside no entendimento comum de que o que se avalia é a própria qualidade do ensino ou da educação, e é nesses termos que setores governamentais e outros segmentos representativos da sociedade costumam apresentá-la e eventualmente discuti-la(SILVA, 2008, p. 78).

Através do que a citação mostra é possível inferir que a avaliação realizada nas escolas não tem a primazia de avaliar o aprendizado em si. Na visão de Barreto (2013):

Os alunos da escola básica estão sendo submetidos a um número crescente de provas. Quando não conseguem entender o que é ensinado, as escolas têm deixado de discutir as diferentes maneiras de abordar as questões de ensino ou os processos que melhor conduzem a aprendizagens efetivas, para aplicar provas que, presumivelmente, preparam os alunos para irem bem nas provas seguintes. Eis um nítido testemunho de que o que conta não é

verdadeiramente a aquisição do conhecimento, mas é sair-se bem nos exames (BARRETO, 2013, p. 141).

Ao que dispõe o exposto, a avaliação não tem acontecido com o devido cumprimento, ou seja, não sido utilizada para avaliar o que o aluno aprendeu, mas sim como ele consegue se sair. Em outras palavras, pode-se dizer que a avaliação em especial as externas só servem para medir a qualidade do ensino, o que muito interessante para os governantes, afinal, uma nação educada tende a ser vista com bons olhos. Contudo, é válido lembrar que a aprendizagem do aluno vai além de uma simples prova que as escolas teimam em realizar sem levar em conta tudo o que o aluno aprendeu no caminho.

A premissa que norteia a educação integral é que se trata daquilo que pode ser e deve ser completo e inteiro, tendo como pensamento o de a educação não restringe aos bancos escolares, e que tampouco, finda quando o indivíduo conclui a educação básica, ao contrário, pode ser apenas o começa para uma educação mais ampliada em termos de construção de novos conhecimentos.

No entendimento de Parpet (2011), para que a educação integral possa ser de fato integrada é necessário o rompimento com alguns pensamentos enraizados nos contextos escolares. A sala de aula não precisa ser o limite do professor e do aluno, ao contrário, pode ser a porta de entrada para voos mais altos, contudo, para que ocorra dessa forma, é preciso pensar em boas

práticas pedagógicas que garantam a aprendizagem mais completa do indivíduo.

Nas práticas pedagógicas a questão do currículo é bastante discutida, uma vez que espera-se que o –professor que atue ministrando determinada disciplina saiba e tenha segurança daquilo que está fazendo. As práticas de aprendizagem podem ser desenvolvidas em ambientes e situações em que o aluno tenha entendimento do que está aprendendo, como deve ser realizada. Ainda sobre a temática em discussão é importante lembrar que a prática pedagógica do professor que atua na educação de tempo integral é mais diversificada, e isso se acontece por conta da jornada integral levar o aluno a permanecer mais tempo na escola e não apenas isso, realizando atividades que irá ajudá-los na formação futura.

Segundo Pereira (2013)

Para que se estabeleçam as práticas educacionais que caracterizarão o espaço escolar como estação de conhecimento contextualizado se faz necessário que se pense a aprendizagem como prática contextualizada às necessidades educacionais do educando, dirimindo distâncias entre o concreto e o abstrato (PEREIRA, 2013, p.5).

Ou seja, educação contextualizada onde associar o que o aluno aprendeu ao contexto de vivência é relevante. Assim como se deve pensar no ser humano privado de contato com a realidade externa a escola, não se deve pensar a educação como

individual, pois a educação tanto acontece no individual como no coletivo. E quando professores procuram realizar as práticas pedagógicas considerando o aprendizado real do aluno como chave para o sucesso escolar a tendência é de que a escola está agindo no caminho certo.

A educação não deve causar no indivíduo apenas a vontade de formar-se para atuar no mercado de trabalho quando chegar a hora, de fato que esse pensamento também deve estar presente. No entanto, a educação escolar é mais do que formar cidadão para o trabalho. É preciso pensar numa educação de qualidade. De acordo com Craidy (2011) uma educação de qualidade acontece quando o educar muda o pensamento do educar, e assim promovendo transformações na sua maneira de mediar as ações pedagógicas.

Nos estudos de Facci (2004) denota que:

O professor deveria proporcionar aos alunos uma instrução geral que correspondesse às necessidades do progresso social e técnico-científico. Além dos conhecimentos científicos, os alunos tinham que ser formados para uma nova sociedade [...]. Vygotsky entendia que os professores deveriam apropriar-se do desenvolvimento cultural e técnico para poderem orientar o processo educativo de acordo com tal concepção (FACCI, 2004, p. 196).

Atividades pedagógicas desenvolvidas em sala de aula da escola de tempo integral por ter mais tempo de aula, a facilidade de desenvolver atividades pedagógicas que melhor atenda a

demanda cultural e social acabam se tornando mais fáceis de serem realizadas. Ademais, pressupõe-se a educação integral como uma educação que integra o aluno com as ações que os rodeiam.

Considerando o estudo do referido tópico é importante ressaltar que para aplicar boas práticas pedagógicas é preciso espaço, e infelizmente muitas das escolas de tempo integral não oferecem o espaço necessário, o que acaba por dificultar a tarefa do professor como mediador da aprendizagem. Barreto (2019) em seu estudo detectou que as deficiências de infraestrutura tendem a agravar o atendimento dos alunos em jornada ampliada, não obstante, a falta de material também tem sido outro fator agravante.

Decerto que se reconhece a educação integral como uma estratégia que pode dar certo na busca por melhorias na educação pública brasileira, uma vez que se tem como um dos princípios base a redução das desigualdades sociais com pensava Anísio Teixeira. Contudo, pensar não é o suficiente precisa-se colocar em prática. Aos professores fica a cobrança, ou seja, eles devem cobrar dos governantes condições melhores de trabalho e ambiente amplo e acolhedor para os alunos.

A educação integral oferta ao professor um tempo maior para realização de práticas pedagógicas mais acertadas para aprendizagem mais completa dos alunos. Segundo Barreto (2019, p. 13), “o desenho da jornada contínua aumenta a probabilidade de os professores serem alocados em apenas uma escola, condição muito importante para a melhora da qualidade do trabalho escolar”. Assim, conclui-se que a escola de tempo

integral dá ao professor que nela atua uma possibilidade a mais para desenvolver atividades pedagógicas.

A prática pedagógica da educação integral exige um pouco mais do professor que atua nas escolas regulares. Tem-se que a expansão da jornada diária dos alunos pontua a universalização do ensino. É preciso um olhar a mais para o educador da escola de tempo integral, visto que ainda que o currículo seja o mesmo da educação regular precisa ser ampliado em quatro ou seis horas a mais, o diferente é que haverá mais tempo para desenvolver atividades. São muitos os desafios que a escolas apresentam entre eles está em atender o que se espera dos Programas, das políticas públicas que são criadas sem dar aos professores a oportunidade de realizá-las, vez que não investe o necessário.

Ainda sobre as práticas pedagógicas convém ressaltar que as práticas pedagógicas devem possuir alguma intencionalidade, vez que esta pode ser identificada como “fruto da prática social, estando, portanto, imersa no conjunto de relações e modificações pelas quais a sociedade passa em cada momento histórico, assim dispõe Sousa (2016, p. 41). Assim, faz-se necessário que as práticas pedagógicas sofram alterações no decorrer do tempo, pois as características da intencionalidade destas, também mudam com o decurso do tempo.

Assim, Vidal (2009), em sua obra “no interior da sala de aula”, resalta que as práticas pedagógicas devem sim reconhecer as alterações advindas no ensino escolar, seja por

intermédio de políticas públicas, seja pela ação dos sujeitos envolvidos no desenvolvimento escolar e integral do aluno.

Nesse mesmo entendimento, utiliza-se do pensamento de Nestor Canclini (2003) que apresenta em sua obra a forma em que as práticas escolares e pedagógicas são concebidas, dispondo como se segue:

Concebo-as como práticas híbridas, fruto de mestiçagens, constituídas como meio dos sujeitos se situarem frente à heterogeneidade de bens e mensagens de que dispõem nos circuitos culturais e como forma de afirmação de suas identidades sociais, tal como considera Nestor Canclini (2003). Para esse autor, é no interior dos ciclos de hibridação que ocorre a passagem de uma cultura a outra ou, como prefere, de uma prática discreta (prática cultural não hegemônica) a uma prática híbrida (prática cultural hegemônica). A perspectiva é eficaz para o entendimento das práticas escolares inicialmente porque permite ressaltar a produtividade e o caráter inovador das misturas interculturais, destacando que a hibridação surge da criatividade individual e coletiva na reconversão de um patrimônio cultural (VIDAL, 2009, p. 30).

Complementando esse entendimento acerca da implementação das práticas escolares, Felício (2012) afirma que:

[...] a educação integral deve ser capaz de responder a uma multiplicidade de exigências, ao mesmo tempo em que deve objetivar a construção de relações na direção do aperfeiçoamento humano, o que comporta na oferta de possibilidades para que o indivíduo possa evoluir, plenamente, em todas as suas dimensões (cognitiva, corpórea, social, cultural, psicológica, afetiva, econômica, ética, estética, entre outras) (FELÍCIO, 2012, p.5)

Dessa maneira, pode-se observar que somente através de uma ação dialógica e pedagógica eficaz é que essa diversidade de exigência pedagógicas poderia emergir. Noutras palavras, somente com a articulação desenvolvida por intermédio do diálogo entre os sujeitos do ensino integral, é que de fato poderíamos fundamentar boas práticas pedagógicas que visassem a evolução do educando em todas as suas dimensões.

Nisto, precisa-se compreender a necessidade da realidade para a transformação integral do educando, assim defende Freire. Dessa maneira, ele aduz que, a ampliação da jornada escolar reflete na manutenção da curiosidade do educando e no ritmo que deve ser proposto pelos educadores no tempo integral.

Ademais, em sua obra, a Educação na Cidade, Freire (2005) abordou a questão:

A mim me interessa, [...], deixar claro ser impossível pensar a prática educativa, portanto a escola, sem pensar a questão do tempo, de como usar o tempo para aquisição de conhecimento,

não apenas na relação educador educando, mas na experiência inteira, diária, da criança na escola. A escola progressista, séria, não pode estragar o tempo, botar a perder o tempo de a criança conhecer (FREIRE, 2005, p. 46).

Assim sendo, passa-se a notar que a ampliação do tempo nas escolas integrais deve ser aproveitado da melhor maneira, eis que surge o papel das práticas pedagógicas, como forma de garantir o direito a educação de qualidade, realizando-se através de uma experiência que estimule nos educandos a curiosidade, com a busca da do fenômeno epistemológico, em sua integridade. Ressalta-se ainda, que este novo tempo deve ser estudado e revisto nas práticas pedagógicas, havendo, portanto, um cuidado especial, para a formação do educando.

Dessa forma, de acordo com os documentos construídos pela SEMED, a formação continuada, no tocante as práticas pedagógicas e educacionais relacionadas a escola integral, deveria ser foco no sentido de:

[...] propiciar momentos de estudo, reflexão e troca de experiências, garantir o diálogo, a articulação das atividades e do grupo de professores, bem como coordenar a participação no processo de construção/ implementação do projeto pedagógico. Para coordenar essas ações, ele deve contar com o apoio constante das instâncias da SEMED e de profissionais como a equipe técnica (SEMED, 2009, p. 40).

Destarte, vislumbra-se que no tocante as práticas pedagógicas e a formulação da sua proposta, não existe elementos que lancem um olhar perspectivo acerca da autonomia das escolas e da comunidade no que versa à tomada de decisões para se fazer um plano pedagógico que realmente tenha eficácia para assegurar um bom aproveitamento do tempo e de ensino.

Dessa forma, Martins (2002, p. 231), em sua obra informa:

No debate da área da educação, efetivamente, o conceito de autonomia encontra-se reduzido à redefinição de procedimentos administrativos e financeiros da rede de escolas, com ampliação de encargos e responsabilidades para elas (MARTINS, 2013, p 231).

Nesse sentido, o autor ainda complementa ao falar que as proposições sobre a gestão escolar presentes na proposta de inovação pedagógica, tendo em vista a modalidade de ensino integral, não apresenta nenhuma discussão nova, resumindo-se somente as medidas implementadas pelas demais escolas da rede.

Freire (1986) explica que “a educação é muito mais controlável quando o professor segue o currículo padrão e os estudantes atuam como se só as palavras do professor contassem”(FREIRE; SHOR, 1986, p. 21). Assim, os professores teriam um olhar para a construção de um planejamento de propostas pedagógicas que se contextualizasse com a realidade ali vivida.

Dadas as assertivas, fica que a educação e escola integral é tida como uma forma de incluir a todo na educação, que a jornada ampliada dar ao professor tempo a mais para desenvolver as práticas pedagógicas e que os desafios de trabalhar na educação integral são muitos, mas plausíveis de serem sanados.

ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS DADOS

O capítulo aqui exposto traz as análises dos dados apresentando os resultados obtidos mediante pesquisa realizada com três tipos de sujeitos: gestores, coordenadores e professores, que apresentaram suas concepções e ponto de vista sobre a educação integral e seus desafios nas escolas municipais de Teresina/PI. Inicialmente, foi realizado um planejamento de como seria a melhor forma de apresentar os resultados que permitisse alcançar o melhor entendimento possível acerca da temática em discussão.

Buscando responder ao problema de pesquisa que se apresenta como: quais os principais desafios inerentes ao novo modelo de Escola de Tempo Integral implantada em algumas escolas da rede municipal de Teresina-PI? e destacando o pressuposto de que observar os avanços e desafios encontrados nas escolas de tempo integral é de fundamental importância para ampliar o entendimento que existe sobre a temática em discussão, permitindo obter uma melhor compreensão de determinados fatores imprescindíveis para a formação humana. Dessa forma, a primeira parte da análise corresponde aos dados obtidos mediante questionamentos levantados junto aos gestores.

A pesquisa realizou-se em três escolas da rede municipal de ensino de Teresina/PI, buscando conhecer e analisar os desafios que gestores, coordenadores e professores tem enfrentado com esse novo modelo de educação. O estudo conta com a participação de gestores, coordenadores e professores, aos quais foram destinadas questões que pudessem responder aos objetivos do estudo. Assim serão analisados os dados levantados buscando responder a cada um dos objetivos pretendidos, tornando a pesquisa mais clara e representativa possível.

ANÁLISE DOS GESTORES

A primeira questão levantada diz respeito ao processo de implantação do regime de tempo integral na escola onde trabalha, tendo como resultado as falas apresentadas no quadro abaixo.

Quadro 01: Processo de implantação do regime de tempo integral na escola que você é gestor(a)

“[...] Foi um processo com algumas dificuldades, tais como espaço físico e quantidade de funcionários” (G1).	“[...] Primeiramente, um novo Plano de Ação foi elaborado para atender à proposta de Escolas de Tempo Integral. A segunda preocupação foi a questão de trabalhar a adaptação do corpo discente e docente” (D2).
--	---

“[...] Muito difícil, um desafio e uma nova experiência, apesar das dificuldades é de grande importância para o aprendizado dos alunos” (G3).	“...Fomos convidados a implantar na escola o ensino de tempo integral um ano antes. Visitamos escolas de tempo integral para ver como funcionava e procurei me informar como tudo acontecia” (G4).
“[...] Fomos chamados em uma reunião e comunicados que a escola tinha sido contemplada com a nova modalidade” (G5).	“[...]A escola recebeu um convite da secretária para o novo desafio. Alguns diretores fizeram uma viagem para conhecer uma escola de referência” (G6).

Fonte: a pesquisadora, 2022

Conforme mostra o quadro acima, as respostas foram diversificadas, porém em consonância. No que se refere à escola de tempo integral, tem-se que é uma realidade já vivenciada na educação brasileira há algum tempo, no entanto, a preocupação sempre foi como implantar, quais desafios a enfrentar com esse novo modelo de ensino, o que muda na vida dos alunos, professores, gestores e coordenadores, enfim, são inúmeros questionamentos que se tem feito ao longo do tempo sobre a escola integral.

Quando questionado sobre desafios no processo de implantação, o participante G1 afirma que foi um processo que apresentou algumas dificuldades, entre elas a questão do espaço físico. Acredita-se que este seja um dos fatores mais negativos, isso porque é preciso espaço amplo para que aconteça a educação integral, uma vez que os alunos precisam ficar o dia

todo na escola, necessitando assim de espaço de acordo com as suas necessidades, no entanto, nem sempre é possível disponibilizar estruturas ideais para o desenvolvimento da proposta de educação integral.

Sobre essa questão, segundo Novaes (2013), só melhorar a escola não é o suficiente, é preciso transformá-la para que abarque as necessidades dos alunos, para que eles possam se transformar. Ou seja, uma escola condizente com a experiência dos jovens de hoje, que ofereça ao estudante condições de pleno desenvolvimento, e considerando que nesse modelo o aluno passa a maior parte do tempo nesse ambiente, mais um motivo para que seja ampla e bem equipada.

Muito se tem visto nos dias de hoje muitas tentativas de qualificar a escola, a educação pública e tem sido feito esse processo através das escolas de tempo integral, no entanto, não tem sido uma tarefa tão fácil, uma vez que não basta uma jornada a mais para fazer a diferença, muito precisa ser feito.

Buscando responder ao problema da pesquisa, que diz respeito aos principais desafios inerentes ao novo modelo de Escola de Tempo Integral em algumas escolas da rede municipal de Teresina/PI, procurou-se saber quais os desafios enfrentados considerando esse novo modelo de Escola de Integral, tendo como resultado os dados apresentados no quadro abaixo.

Quadro 02: Desafios enfrentados considerando o novo modelo de escola

“[...] Falta de preparo dos profissionais do núcleo diversificado, espaço físico e parceria com os pais” (G1).	“[...] São vários os desafios. Adaptação dos alunos a nova realidade, considerando que os mesmos passam 9 horas na escola, dessas, 07h em sala de aula e espaço físico” (G2).	“[...] Adaptação dos alunos, professores pais e toda equipe escolar, é uma mudança radical, mas procuramos nos ajudar e tem o problema do espaço físico” (G3).
“[...]Desafio é o recurso humano, a falta de estrutura é outro desafio” (G4).	“[...] São diversos os desafios, espaço físico insuficiente para desenvolvimento de algumas atividades” (G5).	“[...] A estrutura física é o principal desafio, sem espaço para descanso, não tem biblioteca, sala de leitura, laboratório de informática etc” (G6).

Fonte: a pesquisadora, 2022

A educação pública brasileira foi tomando forma permeada por acontecimentos sociais relacionados às políticas públicas sociais, que visam o atendimento das classes populares, e o novo modelo de educação integral faz parte desse contexto. Sobre o questionamento do quadro 02, os gestores apontaram a questão do espaço físico como sendo um dos maiores desafios, como bem observam as falas acima. O participante G2 apontou ainda o seguinte: *“[...] considero importante discorrer sobre a importância de fornecer um espaço físico adequado que garanta ao aluno aprendizados e que a escola consiga atingir os objetivos pedagógicos, obtendo assim o sucesso desejado”*.

Percebe-se mediante a fala, que o gestor em questão se preocupa com o aprendizado dos alunos, ou seja, que a escola de tempo integral oferte condições de o aluno aprender de fato, o que nesse caso, é um fator relevante e necessário.

É fato que os desafios de implantar e fazer funcionar uma Escola de tempo Integral são muitos. Moll (2012) aponta que o sonho de uma escola de dia inteiro foi adiado pelo menos duas vezes antes de sua concretização, mas que foi se concretizando aos poucos. De fato, vem surgindo escolas com essa modalidade, contudo, é preciso observar em que condições essas escolas estão funcionando, como bem se vê no quadro acima, as escolas pesquisadas tem apresentado problemas de estrutura física, além de formação incompleta dos que as compõem.

As Escolas de Tempo Integral que estão funcionando na rede municipal de ensino de Teresina/PI foram organizadas nos moldes propostos pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Assim sendo, buscou-se saber junto aos gestores qual a opinião sobre a escola nesse molde e se modificaria alguma coisa, obtendo como resposta as do quadro 03 abaixo.

Quadro 03: Opinião sobre a escola de tempo integral nos moldes propostos pela SMEC/PI

“[...] Sim, deixaria o núcleo diversificado no turno da tarde, para verificar se melhoraria o aprendizado” (G1).	“[...] Acredito que a proposta da escola de tempo integral, não apenas em Teresina, mas em todo país, deve ser levar em consideração a realidade de cada estado, município, cada comunidade” (G2).
“[...] Sim, primeiramente adaptaria a escola com mais banheiros, chuveiros, pias, cozinha industrial, espaço para aula de teatro, salas alfabetizadoras etc” (G3).	“[...] Sim, as escolas precisam ser estruturadas para esse modelo de ensino, espaços como vestuário, refeitório, sala de leitura, de jogos etc” (G4).
“[...] A escola não está adaptada para desenvolver um trabalho de forma integral, pois fica muita coisa para que possamos atender os nossos alunos de maneira acolhedora e com mais dignidade” (G5).	“[...] A escola precisa ter espaço suficiente para que possamos melhor desenvolvermos as atividades propostas, professores das áreas específicas e com melhor formação” (G6).

Fonte: a pesquisadora, 2022

Conforme disposto no quadro acima, nota-se que todos os gestores participantes do estudo afirmaram que mudariam alguma coisa nos moldes em que as escolas pesquisadas estão funcionando. Uns falam sobre a questão do espaço físico, outros falam sobre diversificar o núcleo, e também sobre essa modalidade funcionar de modo que atenda a realidade dos alunos envolvidos.

Em sua fala, o participante G6 ainda completou “[...] Em minha opinião, as disciplinas diversificadas deveriam ser ministradas a tarde, pois os alunos já estão cansados, justamente pelo fato de estrutura física”. Como se pode perceber, a estrutura física está sempre em evidência quando a questão envolve desafios e o que mudaria na forma como as escolas vem funcionando, o que leva a entender que esse fator não tem contribuído com o que se espera de uma Escola de Tempo Integral.

Em seus estudos, Cavaliere (2010) aponta que, quando se pretende a ampliação da escola, deve-se pensar no todo, em especial a estrutura física e a valorização do corpo docente. Ainda para esse autor, a escola deve considerar e garantir os interesses dos alunos e todos devem caminhar coletivamente. Percebe-se, portanto, deficiência no que se refere à adequação do espaço físico das escolas pesquisadas.

Uma educação de qualidade representa um anseio dos que fazem parte desse processo. No que concerne à educação integral, supõe-se que quando se busca a ampliação da escola, muita coisa deve ser considerada, entre elas o espaço físico que deve ser condizente com as necessidades dos envolvidos nesse processo e juntos conduzirem a uma educação de qualidade, tendo assim a oportunidade de mudar o rumo da educação pública brasileira.

Entende-se que a extensão do tempo de ensino vai muito além de fazer com que o aluno permaneça o dia inteiro na instituição de ensino, uma vez que a educação integral tem como principal objetivo o desenvolvimento completo do

estudante, ou seja, socioemocional da criança/adolescente. Posto o enunciado foi pedido que os gestores discorressem sobre quais os principais desafios à gestão numa escola de tempo integral para que o ensino integral de fato realmente aconteça. Assim, as respostas obtidas encontram-se apresentadas no quadro 04.

Quadro 04: Quais os principais desafios a gestão tem numa escola de tempo integral

“[...] Ajuda profissional externos como psicólogos, compromisso maior das famílias no apoio as atividades escolares” (G1).	“[...] Adaptação dos alunos, pois muitos não se sentem acomodados, principalmente pelo fato da má estrutura” (G2).	“[...] Falta de participação dos alunos diariamente na escola, retorno das atividades encaminhadas nos finais de semana, interação com as famílias” (G3).
“[...] Trabalhar com a criança e a comunidade escolar como um todo, pois a criança precisa aprender, conviver e se desenvolver suas habilidades” (G4).	“[...] A integração com a comunidade é o fator primordial, pois a escola precisa conhecer de perto a realidade de seus alunos, para a partir daí trabalhar seus alunos de forma mais consciente” (G5).	“[...] Nosso trabalho flui melhor quando conhecemos a realidade de cada alunos, dos bairros ao redor de nossa escola, então, precisamos está sempre com parceria família e comunidade” (G6).

Fonte: a pesquisadora, 2022

Desafios são comuns na educação, inclusive na modalidade integral, onde a carga horária é dobrada, e os alunos precisam passar o dia inteiro na escola e o professor deve mantê-los ocupados e focados na aprendizagem, uma vez que a

educação integral não significa apenas o dia na escola, mais sim desenvolver aprendizagem de forma mais completa.

Quanto aos principais desafios que a gestão enfrenta nessa modalidade para poder acontecer de fato a educação integral, o participante G1 apontou que se trata da ajuda profissional externa tais como: psicólogos e a família. Enquanto o participante G2 comenta sobre a adaptação dos alunos, e G3 fala da não participação diária dos alunos. O que aponta G3 é um fator preocupante, posto que, quando o aluno não é frequentador assíduo acaba por perder o ritmo além de perder muito em conteúdo e aprendizagem.

Pensar em educação integral é agregar todos os meios disponíveis para facilitar o ensino-aprendizagem no meio educacional, mas para isso é necessário que haja preparo, caso não aconteça dessa forma, será apenas mais uma escola como tantas outras. Uma boa educação deve pensar na completa formação do indivíduo e para tanto, deve trazer a família para perto. Sobre o questionamento levantado, o participante G3 fez ainda algumas considerações “[...] todos os professores deveriam ser lotados com 40 horas nas escolas de TI, interação da família junto a escola, e a escola junto a família, participação desses nas decisões da escola”. O que apontou o participante em questão é relevante, uma vez que o que mais se ouve são professores reclamando da falta de apoio da família no processo de ensino e aprendizagem escolar dos filhos.

Sobre os desafios da gestão na escola de tempo integral, Coelho (2011), elencou alguns. Entre eles a falta de estrutura física, remuneração muito inferior ao trabalho do docente e

também docente sem formação adequada atuando nessa modalidade. Como bem se vê a formação deficiente de profissionais da educação é um agravante no funcionamento da educação integral. Ademais, tem-se que a educação integral no Brasil ainda é uma realidade distante do esperado, isso porque ainda faltam equipamentos e estrutura necessários para a real integração dessa modalidade.

Verificou junto os participantes sobre quais os maiores desafios para o gestor ao trabalhar na Educação de Tempo Integral na contemporaneidade. Como resultado, as falas do quadro abaixo.

Quadro 05: Desafios para o gestor ao trabalhar na educação de tempo integral na contemporaneidade

“[...] Espaço físico, falta de pessoal qualificado e apoio da família” (G1).	“[...] Aplicação, na íntegra, do Plano de Ação, uma vez que está sendo suscetível as modificações a fim de atender as necessidades” (G2).
“[...] As necessidades de instrumentos que venham acompanhar o atual momento que estamos vivenciando tais como: sala de informática equipada para atender a demanda” (G3).	“[...] A falta de tecnologia, recursos e valorização dos docentes” (G4).
“[...]” Trabalhar sem apoio das políticas públicas, pois se a meta é aumentar o número de escola de tempo integral, vamos aumentar sim com mais qualidade e não só apenas para fechar números” (G5).	“[...] Mostra bons resultados em uma escola onde se falta o mínimo para o desenvolvimento das competências ao emocional” (G6)

Fonte: a pesquisadora, 2022

Observando as falas acima no quadro cinco, têm-se mais uma vez a pauta do espaço físico onde as escolas estão funcionando. O participante G5 frisou trabalhar sem apoio de políticas públicas. O participante G4 afirma que falta tecnologia e também valorização dos docentes, e G2 aponta o plano de ação na integral que necessita de modificações para atender às demandas da escola de tempo integral.

Barreto (2019) observa que as deficiências de infraestrutura são bastante conhecidas nas escolas públicas brasileiras e a tendência é se agravar nas escolas com Educação de Tempo Integral. Ainda para esse autor, a corrida para atender os alunos em jornada ampliada tem feito com que escolas funcionem de forma improvisada e acaba restringindo algumas das ações que a educação nesse modelo tem que executar.

Como bem lembra o participante G5, “[...] vamos aumentar as escolas integrais, mas apenas em quantidade e na qualidade de ensino ofertado” uma boa educação não depende apenas de espaço físico, mais também da formação do corpo docente, do trabalho do gestor e coordenador e da elaboração e execução de um bom Projeto Político Pedagógico, onde envolve ações de ensino e aprendizagem capazes de contribuir com a formação completa do aluno.

Acerca desse assunto, Coelho (2011) afirma que falta conhecimento de um projeto político educativo nas Escolas de Tempo Integral, pois muitos projetos só tem cumprido exigências legais com pouco teor educativo sem construção pedagógica. As respostas já avaliadas têm mostrado que as ETI

na cidade de Teresina/PI têm funcionado com algumas restrições, visto que os sujeitos já analisados demonstraram isso durante a pesquisa.

Os respondentes foram questionados a respeito de como o gestor tem feito para sanar os desafios de atuar na Escola de Tempo Integral.

Quadro 06: Como tem feito para sanar os desafios de atuar na escola de tempo integral

“[...] Dedicção no trabalho, análise de resultados, apoio a equipe como um todo, intervenções juntos as famílias, em busca ativa de alunos” (G1).	“[...]Buscando a parceria junto à comunidade, claro, sempre contando com apoio da Secretaria da Educação para minimizar alguns problemas que vão surgindo” (G2).	“[...] Procurando acertar onde erramos, ouvindo mais os outros, aceitando os desafios, juntos tomando decisões para seguir em frente” (G3).
“[...] Me dedicando o máximo para que tudo ocorra bem e incentivando os docentes, alunos e familiares” (G4).	“[...]Procuro sempre o apoio a Secretaria de Educação, análises de resultados e discussões com a equipe, busca ativa da família” (G5).	“[...] Dedicção e empenho na busca por melhores acomodações para nossos alunos, apoio e incentivo a comunidade escolar” (G6).

Fonte: a pesquisadora, 2022

Atuar na educação é sempre desafiador, afinal se trabalha com pessoas com cada um possuindo suas particularidades, sem contar que a educação escolar se trata de educar o sujeito para o mundo, para que este esteja preparado para lidar com as adversidades que lhes surgirão no caminho, no entanto, para

que haja uma educação de qualidade é preciso que a escola ofereça subsídios necessários para o desenvolvimento do aluno, que os docentes sejam capacitados para poder vencer os desafios da educação, e como a temática diz respeito a educação integral, os desafios do gestor passar a ser maiores, uma vez que precisa conduzir a escola de forma que funcione por uma carga horária mais extensa, ou seja, trabalha para subsidiar e facilitar o trabalho do docente e a aprendizagem do discente.

Cerca do questionamento sobre como fazem os gestores para sanar os desafios de atuar na ETI, os participantes G1 e G6 falam da dedicação e empenho, ou seja, a forma que eles usam é a dedicação, G4 também fala sobre dedicação e G3 fala que procura acertar onde errou. Mediante as respostas apontadas no quadro acima, percebe-se que não há clareza sobre como realizam o trabalho de forma a sanar os desafios de atuar na ETI.

Barreto (2019), em seus estudos sobre os desafios da ETI postula que a educação integral não se trata de intercalar artificialmente aulas repetitivas, monótonas, trata-se na verdade de se considerar atividades que abarque mais do que as mediadas na escola regular. Além disso, entende-se a Educação Integral dentro de uma concepção crítica, é uma educação emancipadora capaz de fomentar no aluno a busca por mais saberes.

Buscando um melhor entendimento da temática discutida na pesquisa foi averiguado junto aos gestores participantes quais os maiores desafios vivenciado no processo de ensino e aprendizagem do aluno da Escola de Tempo Integral, tendo assim, as seguintes respostas apontadas no quadro abaixo.

Quadro 07:Quais os maiores desafios vivenciados no processo de ensino e aprendizagem do aluno da escola de tempo integral

“[...] Falta de preparo dos profissionais do núcleo diversificado” (G1).	“[...] Conscientizá-los da importância de sua participação e frequência em todas as disciplinas, conscientizá-los se suas responsabilidades no processo de aprendizagem” (G2).
“[...] Ausência dos alunos e pais, como também a falta dos materiais escolares para a realização das atividades em sala de aula, em especial livro, lápis e caderno” (G3).	“[...] O cansaço. No turno da tarde as crianças demonstram desinteresse, fadigas e indisciplina” (G4).
“[...] Apoio familiar de muitas crianças, pois muitas são apenas jogadas na escola como se fosse um depósito” (G5).	“[...] Apoio das políticas públicas, pois falta muita para que de fato esse processo aconteça” (G6).

Fonte: a pesquisadora, 2022

Sobre os maiores desafios vivenciados no ensino e aprendizagem dos alunos da ETI, os gestores foram mais dinâmicos, apontando situações diferentes. O participante G1 apontou a falta de preparo dos profissionais do núcleo diversificado. O participante G2 fala de conscientizar os alunos da importância de participar de todas as disciplinas. O participante ainda fez a seguinte assertiva “[...] Elevar autoestima dos alunos que apresentam dificuldades e limitações que precisam ser superadas, trabalhar a empatia entre os alunos, sobretudo, juntos aos que promovem bullying”. Nota-se aqui que há uma preocupação maior por parte desse gestor, que acabou por pontuar desafios que muito acontecem

na sala de aula regular e certamente na escola onde o aluno passa o dia inteiro.

A fala do participante G2 serviu para mostrar que os desafios são muitos, que não se trata apenas de espaço físico. O participante G3 pontuou outros pontos importantes também como a falta de apoio dos pais, falta de material escolar para realização de atividades em sala de aula. Outro ponto importante e, que infelizmente faz parte da realidade de muitos alunos, foi apontado por G5, sobre as crianças serem jogadas na escola e os pais se ausentarem da educação dos filhos, delegando essa missão apenas a escola. Na visão de Castanho e Mancini (2016), nas instituições que oferece a Educação de Tempo Integral, a questão se agrava porque o modo como elas são concebidas e organizadas implica pensar o aprofundamento dos professores e a integração de todos que compõe essa modalidade. Desse modo, compreende-se a necessidade de preparar não só os docentes, mais também os gestores e coordenadores para atuar nessa modalidade, ressalta-se que trabalhar o aluno para o novo entendimento de ensino é importante.

Sabendo que a escola, seja ela qual modalidade se apresente, precisa de uma equipe empenhada com a educação, que não só professor que deve fazer o seu papel, tornou-se relevante saber junto aos gestores como eles auxiliam o professor no processo de aprendizagem dos alunos da Escola de Tempo Integral, como resultado, as falas apontadas no quadro a seguir.

Quadro 08: Auxílio do professor no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da escola de tempo integral

“[...] Apoiando em todos os sentidos para que possamos fazer uma boa educação, mesmo com a falta de recursos” (G1).	“[...] Os professores são orientados durante os momentos de reuniões, as quais acontecem por ano escolar e por disciplina” (G2).	“[...] Acompanhando os planejamentos, tomando leituras, observando as orientações didáticas, visitas as salas de aula” (G3).
“[...] Procuro acompanhar de perto o ensino e aprendizagem como também disponibilizar recursos didáticos, apoio e diálogo diariamente com todos” (G4).	“[...] Apoio com recursos didáticos e humano, fazemos sempre teste para saber o desenvolvimento das crianças” (G5).	“[...] Procuramos sempre desenvolvermos um trabalho em equipe, um ajudando o outro, pois acredito que a educação se faz em conjunto” (G6).

Fonte: a pesquisadora, 2022

Para o bom funcionamento de uma escola, se faz importante que os gestores, coordenadores e professores trabalhem em equipe, e juntos buscando a melhor maneira de fazer uma educação que garanta ao aluno a formação mais completa possível.

Quando aferido sobre o auxílio fornecido ao professor no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, o participante G6 comenta sobre o trabalho em equipe, o que é de suma importância. O participante G3 ressalta o acompanhamento nos planejamentos e orientações didática. Em outro momento mensurou “[...] visitas as salas de aulas, conversas com os pais,

professores e pedagogos um trabalho em conjunto”. Percebe-se um esforço relevante no sentido de contribuir com o processo educativo dos alunos.

Gonçalves (2006) entende a Educação Integral dentro de uma concepção crítico emancipadora em educação, que na prática evidencia um amplo conjunto de atividades diversificadas que, uma vez integradas ao currículo escolar, possibilitam uma formação mais completa do ser humano. O pensamento da autora leva ao entendimento de que as atividades desenvolvidas na Educação Integral devem incluir conhecimentos gerais desde cultura, trabalho, contudo, vale pontuar que para o professor trabalhar tudo isso, precisa de apoio constante e assíduo do gestor e também do coordenador.

A fala do participante G2 permite o entendimento de que os professores só recebem apoio durante as reuniões, as quais acontecem por ano escolar e por disciplina. As reuniões fazem parte do processo de trabalho na educação, contudo, o professor precisa bem mais que isso para desenvolver seu trabalho da melhor maneira possível ainda mais numa modalidade onde ele precisa passar o dia todo com os mesmos alunos.

Práticas pedagógicas são necessárias à educação, pois é nesse processo que o professor planeja como conduzir o ensino. Assim, é importante que essas práticas sejam analisadas em conjunto com gestão e coordenação. A troca de informações e saberes entre os envolvidos na educação é relevante, podendo inclusive culminar em maiores aprendizados. Pensando nisso, foi aferido quais práticas pedagógicas os gestores propõem

serem utilizadas para aprendizagem dos alunos na ETI, o quadro abaixo dispõe do resultado.

Quadro 09: Práticas pedagógicas propostas a serem utilizadas para aprendizagem dos alunos

“[...] A interdisciplinaridade, envolver todas as disciplinas na busca de uma aprendizagem mais significativa” (G1).	“[...] Aulas práticas, utilizando espaço e técnicas diferenciadas, como projeção de vídeos educativos, sociabilização de conhecimentos entre os alunos, envolvimento total dos alunos presentes nas atividades, entre outras” (G2).
“[...] Leituras, aulas alfabetizadoras, valorizando saberes, resgatando a importância da escola, tendo como foco o currículo de Teresina” (G3).	“[...]Trabalhar de forma dinâmica, estar sempre atento ao comportamento das crianças, trabalhar as competências socioemocionais” (G4).
“[...]Trabalhar a ludicidade, didáticas para desenvolvimento socioemocional da criança” (G5).	“[...]Propomos um trabalho através de projetos paralelos para que as aulas não se tornem enfadonhas” (G6).

Fonte: a pesquisadora, 2022

No que diz respeito ao questionamento levantado, acredita-se que a sugestão do participante G1 é importante, uma vez que envolve todas as disciplinas, possibilitando assim uma aprendizagem maior, entretanto, para o professor fazer uso dessa prática, precisa inclusive do apoio do gestor, mas na ETI tem faltado muita coisa, a começar pela estrutura física a falta de material didático. O participante G5 descreve leituras, aulas alfabetizadoras tendo como foco o currículo de Teresina. Já o participante G6 fala de trabalho com projetos paralelos para que as aulas não se tornem enfadonhas. Essa é uma proposta bem

inteligente, levando em conta que os alunos passam o dia todo na escola e podem considerar as aulas enfadonhas.

Segundo Tunes, Tacca e Júnior (2005), o professor do ensino integral deve estar atento a mais do que estabelecer carreira, deve priorizar a aprendizagem do aluno. Acredita-se que essa visão esteja no fato de que a educação integral é mais do que ensinar as disciplinas da escola regular, a educação integral trata de fornecer o máximo da formação do indivíduo.

O gestor é figura central na escola, dele dependem muitas ações desenvolvidas nesse ambiente, é um profissional que sabe cuidar do bom funcionamento da instituição, mas também da educação dos alunos e pode fazer isso auxiliando o professor no exercício de sua função. Fechando as questões direcionadas aos gestores aferiu-se como consideram as prática pedagógicas dos professores ao trabalhar o ensino e aprendizagem dos alunos, obtendo respostas como as do quadro abaixo.

Quadro 10: Práticas pedagógicas dos professores ao trabalhar o ensino e aprendizagem

“[...] Acredito que as práticas pedagógicas utilizadas pelos docentes têm atendido ao esperado” (G1).	“[...] Cada professor utiliza com muito compromisso e responsabilidade, a metodologias que considera adequada a cada turma, a cada conteúdo trabalhado” (G2).	“[...] Avançaram, e acredito que as formações e a vontade do professor em participar para melhorar seus conhecimentos contribuem para sua prática em sala de aula” (G3).
--	--	---

“[...] Muito boa. A equipe de professores procura desenvolver seu trabalho com compromisso e competência” (G4).	“[...] Boa parte são bastante comprometidos, procurando sempre inovar, o que é muito bom nesse processo” (G5).	“[...] Equipe de professores bastante comprometidos, trabalhando sempre de forma a envolver todos os alunos nesse processo” (G6).
---	--	---

Fonte: a pesquisadora, 2022

As respostas transcritas mostram que o participante G1 acredita que as práticas utilizadas pelos professores têm atendido ao esperado. O participante G3 acredita que os professores avançaram e a vontade de melhorar os conhecimentos tem contribuído para prática pedagógica. O participante G5 aponta que boa parte são comprometidos, e que tem buscado inovar. Como se pode observar nas falas, os gestores pontuaram que os professores vem sempre procurando melhorar.

Quando se tem em mente o propósito da educação torna-se mais fácil torná-la efetiva, e em relação a educação integral o propósito deve ser sempre a formação integral do aluno tanto na esfera individual, quanto coletiva, vez que a jornada escolar ampliada oferece mais subsídios e condições de aprendizagem de modo que aluno e professor podem crescer juntos.

Nesse segmento, Parpet (2011) acredita que a educação integral, para que de fato seja integrada, é preciso que haja um rompimento com certos pensamentos que ainda estão enraizados em muitas instituições escolares. Entende-se, nessa visão, que a sala de aula não precisa ser o limite do professor e

tampouco do aluno, em outras palavras, pode-se dizer que a escola é na verdade a porta de entrada para muitos voos.

No que tange a Educação Integral, esta não é advinda de agora, pois há muito tempo que se tem lutado para tornar a educação integral algo concreto e para todos, no entanto, foi somente no começo desse século que se expandiu a educação integral na Escola de Tempo Integral, e embora muitas escolas funcionem em estabelecimentos pouco condizentes com o esperado, sua expansão tem sido cada vez mais expressiva.

Posto isso, espera-se que a Escola de Tempo Integral deixe de ser uma experiência e passe a ser encarada como política pública educacional, mas não uma política como tantas outras existentes no país, mais sim uma política pública compromissada com a real educação.

ANÁLISE DOS COORDENADORES

O coordenador pedagógico é peça essencial na escola, porque se trata de um profissional de educação que auxilia os alunos, o gestor e o professor. Compondo esse estudo foi realizada uma pesquisa com os coordenadores das escolas pesquisadas e a estes foi dirigida a pergunta sobre qual opinião sobre a ETI nos moldes propostos pela SEMEC/PI e se

modificaria alguma coisa. Como respostas as apresentadas no quadro abaixo.

Quadro 11: Escola de Tempo Integral nos moldes propostos pela SEMEC.

“[...] A escola de Tempo Integral é imprescindível para melhorar o processo e aprendizagem, entretanto, se faz necessário uma melhor elaboração nos projetos e adaptações dos prédios que recebem as crianças” (C1).
“[...]Acredito ser uma escola que cria maiores oportunidades para as crianças aprenderem. Não tenho opinião sobre alguma modificação” (C2).
“[...] Considerando o pouco que a SEMEC iniciou a oferta de escola em tempo integral, com todas as dificuldades inerentes ao processo de mudança e adaptação tantas das famílias como das crianças, professores, gestores e funcionários, avalio de forma positiva” (C3).

Fonte: a pesquisadora, 2022

É comum que as escolas públicas funcionem sob modelos propostos pela Secretaria de Educação seja do Estado ou Município, entretanto, os profissionais que atuam dentro das escolas podem fazer novos arranjos, desde que não fuja ao que demanda o Sistema. Quando perguntado sobre a opinião da ETI nos moldes da SEMEC e se mudaria alguma coisa, o participante C1 mensurou que este novo formato é imprescindível pra melhorar o processo de aprendizagem e interpretando a fala percebe-se que se refere à necessidade de uma melhor elaboração nos projetos e adaptações de prédios.

O participante C2 afirma não ter opinião alguma sobre alguma modificação, enquanto C3 considera que a SEMEC iniciou o processo com as dificuldades inerentes, mais que hoje avalia como positiva, e ainda faz a seguinte observação:

“[...] alguns aspectos precisam ser melhorados: estrutura das escolas, profissionais mais capacitados, pois muitas escolas que funcionam em tempo integral não dispõem de banheiros adequados, não dispõem de refeitórios nem de sala de descanso. Os professores que atuam no Núcleo Diversificado (dança, desenho, iniciação musical, teatro, xadrez) nem sempre são formados na área” (PARTICIPANTE C3).

Observou-se que mais uma vez entra em questão a estrutura física e a atuação de profissionais fora da sua área de formação. Segundo Gadotti (2009), ampliar a jornada escolar requer imaginação e vontade de educar, e que o profissional para atuar no modelo educacional integral seja devidamente capacitado na sua área.

Acerca do que mudar, o participante C3 afirma que “[...] No formato atual, os alunos participam de todas as aulas do Núcleo Diversificado, a meu ver, se cada aluno pudesse optar por disciplinas conforme suas habilidades e aptidões, a escola seria mais atrativa e eficaz”. A ideia do participante em questão, condiz com o novo modelo de Ensino Médio que estabelece uma mudança no modelo de aprendizagem. Nesse novo molde os jovens terão a oportunidade de terminar o Ensino Médio com uma formação técnica profissionalizante, ou seja, o novo ensino propõe formar para além da inserção na universidade.

Observou-se que os participantes consideram que o modelo educacional proposto pela SEMEC tem buscado atender

a essa demanda educacional da melhor forma possível, mais que também deve haver mudanças para melhorar essa modalidade.

A Escola Integral amplia o horário do aluno na escola, mas não funciona apenas nessa concepção, a educação nessa modalidade tem procurado cada vez mais ao longo dos anos, fazer com que o aluno aprenda mais do que uma profissão, mais que também seja construtor de sua própria história.

Considerou relevante conhecer a visão dos coordenadores sobre os desafios do modelo de Escola de Tempo Integral na rede de ensino municipal, tendo como retorno as falas apresentadas abaixo.

Quadro 12: Análise dos desafios do novo modelo de escola de Tempo Integral da rede municipal de ensino

“[...] Infelizmente, boa parte das escolas de Tempo Integral ainda funcionam de forma improvisada, o que certamente prejudica o processo” (C1).
“[...] Os desafio são iguais a maioria das escolas. No entanto, a responsabilidade em buscar projetos e atividades que efetivamente auxiliem as crianças a se desenvolver de forma plena, torna-se mais árduo o cotidiano dos professores, afinal a criança passa o dia todo na escola” (C2).
“[...] Os desafios soa muitos, entre eles, destaco: melhora a estrutura físicas das escolas, remunerar os profissionais que trabalha na escola de Tempo Integral de forma diferenciada, uma vez que o trabalho também é integral; Formação de professores, família mais comprometidas com o sucesso escolar dos filhos” (C3).

Fonte: a pesquisadora, 2022

Em decorrência do surgimento das Escolas de Tempo Integral, muitas instituições funcionem sem as condições necessárias, com falta de material didático, professores

descompromissados, alunos faltosos, famílias distantes e com estrutura física mínima, fatores esses preocupantes e que se tornam entraves para que a educação integral aconteça dentro dos moldes esperados, que não seja apenas um lugar onde a criança passa o dia, mais sim que seja espaço de aprendizagem integral.

O participante C1 afirma que boa parte das ETI funciona de modo improvisado, o que prejudica o processo de aprendizagem, ou seja, para esse participante o maior desafio está no fato dessa modalidade de ensino funcionar sem estrutura física adequada. Na visão do participante C2, os desafios são iguais a maioria das escolas, entretanto há a responsabilidade em buscar projetos e atividades que efetivamente auxiliem as crianças a se desenvolverem de forma mais plena, o que se caracteriza como uma particularidade desta modalidade de ensino e contribui para a obtenção de melhores resultados na formação integral do estudante.

A Escola de Tempo Integral requer um perfil sempre atualizado e que este ajude o aluno a vencer os desafios fora dos muros escolares. Para Abreu (2018), os maiores desafios da ETI está em tornar a escola interessante, em motivar os alunos, saber lidar com as tecnologias e a formação específica na área de atuação. A visão da autora compactua com o que se espera da Educação Integral.

Os participantes foram questionados sobre quais principais desafios o Coordenador Pedagógico enfrenta na ETI para que o ensino integral de fato realmente aconteça. Sobre esse questionamento as falas abaixo denota das respostas:

Quadro 13:Quais principais desafios da coordenação pedagógica numa escola de Tempo Integral para que fato aconteça

“[...] Conscientizar todos os envolvidos (pais, comunidade, professores e gestão) que o processo depende de uma maior organização e colaboração de todos é o grande desafio” (C1).
“[...] O papel do pedagogo é ainda maior, pois acompanha e sugere atividades juntos aos professores, acompanha e desenvolve relatórios de acompanhamento escolar, acompanha crianças especiais e tratar com os pais assuntos relativos ao desempenho dos alunos” (C2).
“[...] Um grande desafio de forma integrada, contemplando habilidades do Núcleo Comum com as habilidades do Núcleo Diversificado e ausência das famílias” (C3).

Fonte: a pesquisadora, 2022

Na educação contemporânea, um dos maiores desafios dos educadores de hoje está em levar as famílias para a escola, em conscientizá-las de que precisam fazer parte da educação de seus filhos. O participante C1 fez a observação como desafio conscientizar e envolver comunidade, família, professor e gestão, havendo concordância dos demais participantes.

A participação concreta e apoio da família no processo de vida escolar do filho são substanciais. Trata-se de um meio de demonstrar a esse aluno que ele pode, que é capaz de aprender e vencer os desafios. Quando a família não participa da vida escolar do filho, quando o professor não possui formação na área em que atua e não oferece abertura para integração, são percebidas muitas dificuldades no processo de ensino e aprendizagem.

São muitos os desafios que o coordenador pedagógico enfrenta na busca por garantir uma educação de qualidade.

Entre esses desafios, segundo Mendes (2013), está a formação continuada e capacitação de professores para promover uma integração teórico-prática, promover a transformação da realidade escolar e das práticas pedagógicas e garantir a articulação e acompanhamento dos diversos atores que compõem o ambiente escolar. Como bem se vê, são desafios que precisam ser vencidos para que se possa melhorar a educação.

Levando em conta que o coordenador pedagógico mantém uma relação profissional aproximada com os docentes, foi levantada a questão de quais desafios os professores enfrentam no tocante a aprendizagem dos alunos na ETI, e para essa assertiva as respostas do quadro 14 logo abaixo.

Quadro 14: Desafios dos professores no tocante a aprendizagem dos alunos na ETI

“[...] Uma maior organização e planejamento sistemático é um dos grandes desafios enfrentados pelos docentes” (C1).
“[...] A maioria das crianças que frequentam a escola integral não são acompanhadas diretamente pelos pais, isso prejudica seu desempenho” (C2).
“[...] Temos desafios que não são privilégios de uma escola pública de Tempo Integral, mas de todas as escolas: professores com salários baixos e condições pífias de trabalho, professores com formação precária, alunos sem motivação para estudar, famílias pouco comprometidas com a educação dos filhos” (C3).

Fonte: a pesquisadora, 2022

Foi indagado aos coordenadores pedagógicos sobre os desafios que, na concepção deles, os professores enfrentam no tocante à aprendizagem dos alunos da Escola de Tempo Integral, e nessa concepção o participante C1 apresentou o

planejamento sistemático como um dos maiores desafios, o que não deixa de ser verdade, afinal, dificilmente os professores que vão para a escola integral tem antes uma preparação de, no mínimo, seis meses.

Outra vez a ausência da família é apontada como um desafio. O participante C2 observou que esse é um dos grandes problemas que os docentes enfrentam, e devido a essa ausência acaba por prejudicar o desempenho do aluno. O participante C3 foi mais além pontuando o baixo salário do professor e condições pífias de trabalho e formação precária do docente. Enfim, são pontos relevantes e que merecem um olhar mais atento, para que se possa dizer que a cidade de Teresina/PI está ofertando de fato uma educação integral de boa qualidade.

Segundo Reis (2014), na educação integral, a elaboração e organização curricular devem ser bem posicionados atendendo a demanda sem que haja interferência de uma ação com a outra, e que os professores precisam ser capacitados para atuar nessa modalidade que significa bem mais de que horas a mais na escola. Diante das respostas dos coordenadores, os professores têm desafios que podem ser sanados e com ajuda do CP, pode se tornar mais fácil.

Seguindo a ordem das questões levantadas e buscando manter um padrão compatível para deixar a pesquisa o mais completa possível, buscou-se saber como tem auxiliado o professor no que diz respeito ao ensino e aprendizagem dos alunos da ETI. E para tanto, o quadro abaixo corresponde as respostas obtidas.

Quadro 15: Como você tem auxiliado o professor no que diz respeito ao ensino e aprendizagem dos alunos da escola de tempo Integral

“[...] Disponibilizando as ferramentas pedagógicas e administrativas, bem como fazendo o acompanhamento sistemático das ações discentes e docentes” (C1).
“[...] Sugerindo atividades que desenvolvam de forma integral os alunos, apesar das dificuldades geradas pelo isolamento social” (C2).
“[...] Ser pedagoga numa escola de Tempo Integral não difere de ser pedagoga de uma escola de tempo Parcial. Definimos com o professor o dia do alinhamento no planejamento, tendo em vista o nosso currículo, a formação continuada oferecida pela SEMEC /CENFOR.

Fonte: a pesquisadora, 2022

A reflexão voltada para a educação escolar mostra que ela não acontece de forma aleatória e que os sujeitos envolvidos nesse processo devem agir em conjunto, em busca de oferecer a melhor educação possível. Sobre a questão levantada, o participante C1 oferta acompanhamento sistemático das ações docentes e discentes, enquanto o participante C2 sugere atividades que ajudem o aluno a se desenvolver de forma integral e C3 define com o professores o dia do alinhamento no planejamento, considerando o currículo oferecido pela SEMEC e CENFOR. São atitudes diferentes, mas ambas coerentes com o papel do coordenador pedagógico.

Nesse entendimento, mensura-se o que comunga Libâneo (2001), quando diz que o coordenador pedagógico, é aquele que responde pela viabilização, articulação e integração do trabalho pedagógico envolvendo pais, alunos e professores. Nessa prerrogativa, pode-se dizer que o coordenador deve atuar em busca de atender da melhor forma possível os que fazem parte da educação.

Ademais, tem-se que ainda que o coordenador pode auxiliar os docentes através das reuniões pedagógicas e também no dia a dia, posto que a educação não se dá apenas em um dia de planejamento, capacitações ou reuniões que geralmente acontecem a cada dois ou três meses.

É comum que o coordenador pedagógico avalie o trabalho do docente, o que acaba criando, na visão de muitos educadores, a impressão de que estão sendo vigiado, o que não é verdade. Esse olhar é uma maneira do CP estar atento aos problemas e desafios que os docentes enfrentam e assim procurar meio de ajudá-los. Desse modo, levantou-se a questão de como avalia o trabalho do professor no processo de aprendizagem dos alunos e uma possível recomendação, assim, o quadro abaixo apresenta os dados obtidos.

Quadro 16: Avaliação do trabalho do professor no processo de ensino e aprendizagem

“[...] A maioria ainda em processo de adaptação para essa modalidade de Tempo Integral, o que é de certo modo, ainda apresenta um determinado grau de dificuldade para melhor andamento do processo de ensino e aprendizagem” (C1).
“[...] Os professores têm desdobrado para alcançarem de forma efetiva o aprendizado dos alunos. Recomendo mais empatia e uma maior proximidade” (C2).
“[...] Isso é muito relativo! Cada profissional tem um jeito de trabalhar. Uns mais dedicados, outros estão lá por caso. Sempre digo que hoje faço parte de uma equipe extremamente competente e comprometida com o fazer pedagógico” (C3).

Fonte: a pesquisadora, 2022

Para essa aferição, o participante C1 afirma que a maioria dos professores estão em processo de adaptação com essa nova

modalidade, complementa ainda que talvez seja por esse motivo que apresente certo grau de dificuldade. Já o participante C2 reconhece que os docentes tem se desdobrado para alcançar o melhor jeito de trabalhar a aprendizagem efetiva dos alunos. Enquanto C3 considera que seja relativo, pois na sua concepção cada profissional tem seu jeito de trabalhar. Complementado seu pensamento faz ainda a seguinte observação:

“[...] precisamos estar atentos, nosso o papel na sociedade é transformador, não podemos negar conhecimento, nem oportunidades. Uma educação de qualidade pode transformar a vida de muitos e sempre podemos fazer mais, fazer melhor; estou nessa busca, fazer meu melhor, dia após dia” (PARTICIPANTE C3).

A fala do participante demonstra a intenção de conduzir seu papel de educador na instituição escolar. Frisa ainda que “[...] Lê muito e mantém os dois pés fincados no chão da escola, a sala de aula é o rascunho e cada dia se reinventa”.

Acredita-se que, para trabalhar na coordenação pedagógica da educação integral, antes de tudo deve conhecer de fato o que é educação integral, para só assim desenvolver projetos e ações pedagógicas que possam garantir ao aluno dessa modalidade uma educação que lhe apresente a oportunidade de ter opinião formada, que seja capaz de encarar os desafios de uma sociedade cobradora de ações.

Sobre essa temática, Barreto (2019) partilha da ideia de que a educação integral deve ser concebida como algo a mais do que

uma jornada ampliada na escola, que professor, gestor e coordenador como agentes internos necessitam discutir ações de ensino e aprendizagem que alcance o almejado pelos alunos.

São muitos os desafios que os professores enfrentam. Chegando, e muitas vezes. A sentirem desmotivados. Salários baixos, condições precárias de ensino, ausência da família, alunos indisciplinados são alguns deles. Como desafio na Escola de Tempo Integral é temática central da referida pesquisa, a questão abaixou tornou-se relevante e como resposta as falas expostas no quadro 17.

Quadro 17: Quais maiores desafios do professor ao trabalhar a educação de Tempo Integral da contemporaneidade

“[...] Falta de estrutura, espaço adequado e Projeto Político Pedagógico realmente integral e integrado para desenvolver os conteúdos básicos previstos nas diretrizes curriculares, além de outras atividades” (C1).
“[...] Maiores dificuldades provocada pelo sistema de isolamento, a falta de condições de acesso a internet e a falta de acompanhamento dos pais e estrutura física” (C2).
“[...]Observando a realidade de Teresina, o grande desafio é atender alunos em tempo integral sem as condições adequadas” (C3).

Fonte: a pesquisadora, 2022

Observando as falas no quadro acima, é possível perceber que mais uma vez a estrutura física dessas instituições é apresentada como desafio, fator esse que pode ser visto na primeira análise com os gestores e não só por um, mais por todos que responderam à pesquisa. O Projeto Político Pedagógico realmente empenhado em trabalhar a educação integral foi mencionado pelo participante C1. Em termos de tecnologia, o participante C2 apontou à falta de acesso à

internet. Não menos importante, o participante C3 comenta que é desafiador atender a realidade de Teresina em educação integral sem condições físicas adequadas. São falas diferentes, mas que segue para o mesmo caminho, a falta de estrutura física adequada para atender a educação nesse novo molde.

Em concordância com o questionamento levantado, Silva (2013) afirma que a falta de planejamento e um Projeto Político Pedagógico que visem ações de aprendizagem reais são os maiores desafios do professor no exercício de sua profissão na Escola de Tempo Integral na contemporaneidade. Nesse sentido, pode-se entender que os professores que atuam na ETI necessitam de apoio pedagógico, para melhor realizar seu trabalho e vencer os desafios.

O coordenador pedagógico é um grande aliado do professor no processo de ensino e aprendizagem e podem realizar grandes feitos quando atuam em conjunto. Em busca de conhecer as práticas pedagógicas empreendidas pelos professores para o ensino e aprendizagem dos alunos, saber dessas práticas sobre a ótica dos coordenadores é relevante, de modo que as respostas encontram-se expressas no quadro abaixo.

Quadro 18: Práticas pedagógicas empreendidas pelos professores para o ensino e aprendizagem dos alunos

“[...] Oficinas de leitura, projetos integradores, olimpíadas de matemática” (C1).
“[...] A maioria utiliza as ferramentas digitais. Muitos aprenderam a editar, a gravar aulas e vídeos interativos, além de utilizar vídeos educativos em suas aulas. Uso do WhatsApp com recursos interativos e que chamam atenção das crianças” (C2).
“[...] Nas escolas de Tempo Integral temos o Núcleo Diversificado que contempla disciplinas que não são ofertadas nas escolas de tempo parcial. As aulas práticas têm sido nosso diferencial, praticar teoria matemática, faz muita diferença” (C3).

Fonte: a pesquisadora, 2022

No questionamento apresentado, as respostas permitem observar que Oficinas de leituras e olimpíadas de matemática foi mencionada pelo participante C1, Ferramentas digitais, por C2 e praticar teoria e matemática por C3. Verifica-se que as práticas pedagógicas apresentadas pelos participantes são diferentes, no entanto, todas são plausíveis de bom uso e também de bons resultados, o que leva a uma possível melhoria na educação integral na cidade de Teresina/PI.

Pereira (2013), estabelece que as práticas educacionais que caracterizarão o espaço da educação integral, devem oferecer subsídios necessários para o crescimento intelectual, cultural e pessoal do sujeito. Ou seja, práticas contextualizadas com as necessidades educacionais do indivíduo, oportunizando-lhe a chance de educar-se para o campo mais amplo do que a sala de aula. Assim sendo, infere-se que, na educação de tempo integral, as propostas educacionais não se voltam apenas para o campo intelectual, mas também contemplam aspectos culturais

e de cunho pessoal do cidadão, como o convívio em sociedade e a atuação nos respectivos grupos sociais.

Como já afirmado em outro momento de que o coordenador pedagógico é figura central na escola e apoio fundamental aos docentes, foi perguntado aos coordenadores pedagógicos participantes desse estudo, quais metodologias indicariam aos professores para possibilitar aprendizagem do aluno da ETI. O quadro abaixo denota das respostas.

Quadro 19: Metodologias indicadas aos professores para possibilitarem a aprendizagem

“[...] Atividades estruturadas, cultura colaborativa, integração entre aspectos cognitivos e socioemocionais” (C1).
“[...] A intervenção mais interativa, pois a tecnologia tornou-se obrigatória em todas as relações sociais e especificamente na relação escolar. Portanto, o trabalho do professor atual exige o uso das tecnologias” (C2).
“[...] As metodologias são as mesmas, o currículo o mesmo, o livro didático o mesmo, a formação continuada é a mesma. O que sugerimos é que como temos mais tempo de interação, podemos lançar mão de atividades mais elaboradas e praticar a teoria” (C3).

Fonte: a pesquisadora, 2022

Questionados sobre quais metodologias indicaria aos professores para possibilitar a aprendizagem dos alunos da ETI, os participantes apresentaram algumas respostas, conforme está exposto no quadro acima. O participante C2, sugere uma intervenção interativa, o participante C1, atividades estruturadas e C3, atividades mais elaboradas aliando teoria e prática.

Para Faci (2004), um dos papéis do professor é proporcionar aos alunos uma instrução geral e aos poucos o aluno vai afunilando seu aprendizado, tomando gosto pelo que quer aprender de fato. Desse modo, entende-se que o docente deve oportunizar ao aluno amplos assuntos e possibilidades e que é o aluno que vai se policiando e tomando gosto pelo que realmente deseja e assim vai formando sua própria concepção das coisas.

A segunda parte da análise fornece informações valiosas sobre o funcionamento da Escola de Tempo Integral na cidade de Teresina/PI. Os coordenadores foram incisivos em suas respostas, contribuindo assim para o alcance dos objetivos propostos e respondendo ao objeto de estudo e problema levantado, bem como responder às hipóteses levantadas acerca da temática discutida no referido estudo. Posto isso, a terceira e última parte da análise conta com a participação dos professores que agora irão fornecer novas informações.

ANÁLISE DOS PROFESSORES

No campo empírico foi realizada entrevista com professores, a fim de obter o maior número de informações possíveis sobre o tema discutido. Foram entrevistados dezessete professores que atuam na educação integral na rede municipal de ensino de Teresina/PI. E seguindo a ordem das questões, considerou-se relevante que a primeira pergunta realizada fosse a respeito dos principais desafios enfrentados atuando na escola integral, tendo como resultado,

as falas no quadro abaixo. Confere-se ainda que as respostas apresentadas no quadro abaixo são as que mais condizem com a pergunta feita.

Quadro 20: Principais desafios enfrentados atuando na escola integral

“[...] os desafios são os mesmos de uma escola em dois turnos. Despertar o interesse nas crianças em aprender, sendo que no tempo integral você dispõe de mais tempo” (P2) .	“[...] Estrutura física da escola, falta de estruturas, o espaço é pouco para a demanda atendida” (P4).	“[...] O principal desafio pra mim tem sido a estrutura física da escola, pois esta não estar preparada para aula o dia todo” (P5).
“[...] Gestão apoiar nas práticas pedagógicas inovadoras em sala de aula” (P6).	“[...]Estrutura física, ou melhor dizendo, a falta dela” (P7).	“[...]Horário, corresponder às expectativas dessa modalidade” (P8).
“[...] A escola não dispõe de espaço suficiente para desenvolver um trabalho com mais eficiência, estrutura precária, recursos insuficientes para a demanda” (P11)	“[...] O principal desafio é repassar os conteúdos aos alunos de uma forma integral sem ser enfadonho, pois durante o dia todo acaba prejudicado o processo de aprendizagem” (P12).	“[...] A falta de estrutura física, equipamentos necessários para dispor principalmente para os alunos” (P13).

“[...]Aos professores, vejo a falta de um currículo coerente com à realidade escolar, é um dos desafios” (P14).	“[...] O principal desafio é a falta de estrutura física para uma escola de tempo integral, que requer um espaço amplo e adequado para as aulas” (P15).	“[...] os principais desafios seriam os horários, pois não estava acostumada, porém com o tempo fui me adaptando” (P16).
---	---	--

Fonte: a pesquisadora, 2022

Verificou-se que a estrutura física foi citada novamente, como poder ser observado nas falas de vários participantes, possibilitando o entendimento de que as escolas que estão ofertando educação integral não estão atendendo como o esperado em termos de estruturas físicas, o que representa um fator dificultador, uma vez que para fornecer educação integral é preciso espaço para desenvolvimento de ações que na escola regular não têm e na integral sim. Esse espaço é fundamental, afinal de contas o aluno passa o dia todo na escola, e a falta de espaço para atividades poderá acarretar desânimo no aluno, prejudicando assim seu desenvolvimento.

Despertar o interesse das crianças, foi um dos desafios apontados pelo participante P2, e ainda fundamenta esse pensamento na assertiva de que, na educação integral, o tempo que o aluno passa na escola é maior. O participante P6 foi mais adiante e apontou a falta de apoio da gestão nas práticas pedagógicas inovadoras em sala de aula.

Sobre desafios o participante P9 conferiu que a “[...] ausência da família, a falta de apoio dessa tem sido um desafio muito grande, pois muitos pais simplesmente joga o aluno na escola e deixa-o a mercê dos professores sem se importar com

seu aprendizado”. Grande parte as pesquisas que falam sobre educação, sobre ensino e aprendizagem, dificuldade de aprendizagem, sempre apontam a falta de apoio da família como um desafio a mais que o professor tem que superar.

Para Tomazini (2019), na escola e educação integral um dos principais objetivos é ampliar o tempo físico do aluno com ações educacionais, mas que para isso, é preciso que a escola disponha de espaço físico adequado, e esse tem sido um dos maiores desafios do professores, além de recursos didáticos escassos e atuação docente fora da sua área de formação. O autor pontua ainda que para manter o aluno focado na escola, na aprendizagem, o professor deve desenvolver ações que instigue o aluno a aprendizagem completa e pode fazer isso com atividades condizentes com a realidade em que os alunos estão inseridos.

Na busca por atender ao problema da pesquisa, considerou relevante que a segunda pergunta direcionada aos professores seria a de como atuar sobre o novo modelo de educação, nesse caso, a Educação de Tempo Integral, para tanto as falas do quadro 21 são as respostas.

Quadro 21: Atuação no novo modelo de educação, educação de tempo integral

“[...] É bom para os alunos, porque aumenta a chance de aprendizado. Elas têm uma carga horária mais ampla” (P1).	“[...]Para mim, tem sido muito bom, pois é visível o quanto as crianças se desenvolvem mais” (P2).	“[...] É um novo desafio em motivar os responsáveis a ajudar no ensino e cumprir uma carga horária ao ensino integral” (P5).
“[...] Muito desafiador, mas com dedicação e amor pela educação se pode transpor essas dificuldades” (P8).	“[...]Atuar como professora em educação integral se torna um pouco desgastante, pois as aulas tem de ser diferenciadas para chamar atenção dos alunos” (P9)	“[...]pensando no lado aluno, é um modelo que pode desenvolver ricas experiências se for usado práticas educacionais válidas com a realidade deste” (P10).
“[...]Trabalhar com o novo modelo de educação não difere do parcial, pois procuramos sempre trabalhar com nossas crianças de forma a educar integralmente” (P11).	“[...]Ainda precisamos de muito suporte para ampliação das aulas diversas. As aulas ainda são muito tradicionais por conta de não ter apoio por parte da administração pública” (P12).	“[...] A forma de trabalhar com uma turma só ficou para as dificuldades dos alunos” (P14).
“[...]Dispondo de mais tempo para aprendizagem o que ajuda na eficiência da aprendizagem do aluno” (P15).	“[...] É um grande desafio, pois é uma modalidade efetiva de ensino, porém falta ainda alguns pontos para serem atingidos como prática de algumas aulas” (P16).	“[...] É assumir uma responsabilidade, compromisso na busca de realizar atividades planejadas de forma a desenvolver ações para o pleno desenvolvimento dos alunos” (P17).

Fonte: a pesquisadora, 2022

Conforme está exposto no quadro acima, alguns docentes consideram desafiador, outros apontam que tem sido muito bom, principalmente para os alunos, como observou o participante P1, ao ressaltar que o aluno que tem uma chance maior de aprendizado devia ter uma carga horária mais ampla. O participante P9 afirma que tem sido desgastante atuar nesse novo modelo, isso porque segundo ele, as aulas ainda são muito tradicionais por não contar com apoio da administração pública.

Outros docentes também fizeram suas observações:

“[...] Desafiador, é difícil não encontramos dificuldades” (P3).

“[...] É desafiante, pois falta apoio pedagógico para proporcionar uma educação integral” (P4).

“[...] Desafiador, porém vejo como uma oportunidade de oferecer ao aluno uma educação mais completa” (P6).

“[...] Tem sido desafiador, não tive uma preparação ampla para atuar nessa modalidade, porém tenho buscado melhorar” (P13).

As respostas mostram que existem muitos desafios, contudo, os docentes reconhecem que a educação integral pode ajudar melhor na formação educacional do indivíduo, mais para isso acontecer de fato é preferível que gestores, coordenadores e professores comunguem do mesmo pensamento, que juntos criem novas práticas pedagógicas, que avaliem seu próprio desempenho, e quando sentir que não está atendendo ao

esperado da educação integral capacite-se para tornar a educação integral de fato como educação completa do indivíduo.

Nessa prerrogativa, destaca-se o que pensa Freire (1997), quando diz que a prática educativa é algo muito sério, e que lidar com gente, especialmente com crianças e adolescentes, isso porque são sujeitos em fase de transição de uma etapa para outra, mas que com um trabalho realizado em equipe torna-se mais fácil lidar. Desse modo, pode-se considerar que a prática educativa para ser mais completa e vencer os desafios é necessário um trabalho em conjunto, e acredita-se que gestão, coordenação, alunos, professor, comunidade e família devem atuar juntas.

Compreende-se assim que a Escola de Tempo Integral precisa abarcar mais do que um tempo a mais que os alunos passam em sala de aula, ou seja, a escola nessa modalidade deve trilhar por caminhos de garantir uma educação pública de qualidade, que o aluno aprenda mais do que qualificar-se para o mercado de trabalho, que seja crítico e criador de suas próprias ideias, idealizador e provedor de uma educação pública pautado na qualidade de ensino e aprendizagem como um todo. Que a ideia de qualificar para o mercado de trabalho não seja esquecida, mas que seja trabalhada agregando bem mais do que o simples qualificar.

A terceira questão levantada diz respeito a principais práticas pedagógicas costumam desenvolver na Escola de Tempo Integral. Assim, o quadro 22 apresentado logo abaixo contém as principais respostas.

Quadro 22: Principais práticas pedagógicas desenvolvidas na escola de Tempo Integral

“[...]Como trabalho com o ciclo de alfabetização, então, procuro desenvolver a leitura, fazendo leitura coletiva, leitura feita pelo professor, leitura individual (deleite) e escrita e produção textual, trabalho também com jogos” (P2).	“[...] Trabalho os conhecimentos obrigatórios utilizando lúdico(jogos, brinquedos e brincadeiras), trabalho a escrita de forma criativa (bingo, ditado estourado, sorveteria das palavras, gaiola das frases)” (P3).	“[...] Atividades voltadas para as metodologias ativas, promovendo o aluno também como protagonista do seu aprendizado. Tento sempre trazer uma forma lúdica no ensino” (P5).
“[...] Tento usar afetividade, como meio de fazer a escola um lugar em que as crianças queiram ficar. Usa a musicalidade de uma ambientação de sala que acalme” (P7).	“[...] Trabalho sempre com o lúdico, para que as aulas não se tornem cansativas, dando oportunidade para as crianças interagirem e mostrar os seus talentos” (P9).	“[...]Tento o máximo fazer com que os alunos sejam protagonistas no processo de aprendizagem além de aplicar atividades práticas para facilitar o processo de ensino e aprendizagem” (P10).
“[...]Despertar nos alunos interesses em querer aprender através de atividades reflexivas e produtivas, fazendo sempre relação com seu mundo, incentivando a leitura, realizando conversas informais, expondo ideias” (P12)	“[...] Como sou professora de Língua Portuguesa, procuro trabalhar com oficinas de produção textual, leitura de livros paradidáticos, dando ênfase a análise do mesmo, para que o aluno tome gosto pela leitura” (P13).	“[...] Procuro trabalhar atividades que dar ênfase a participação ativa dos alunos, pois assim eles têm um maior interesse” (P14).

“[...] Nas minhas aulas procuro planejar aulas dinâmicas com jogos, brincadeiras, músicas para facilitar o processo de ensino e aprendizagem das crianças de acordo com faixa etária de cada aprendizagem” (P15).	“[...] trabalhamos sempre com a ludicidade, pois é a melhor forma para que a turma tenha mais engajamento” (P16)	“[...] Procuro realizar uma rotina com atividades lúdicas e com revisões dos conteúdos, visto que temos um horário maior com os alunos” (P17).
---	--	--

Fonte: a pesquisadora, 2022

As práticas pedagógicas desenvolvidas e aplicadas nas escolas dizem muito sobre a educação, ou seja, uma boa educação tende a demonstrar que os professores tem desenvolvido práticas educativas e que tem correspondido ao esperado pelas instituições de ensino, pelo Sistema, pelos alunos e pela família.

Como a educação municipal oferta a educação básica do maternal ao Ensino Fundamental II, acredita-se que tem sido um desafio para o professor manter a criança focada na educação durante o dia todo, o que requer práticas educativas inovadoras, interativas e integrativas. O participante P2 postula que, como trabalha no ciclo alfabetizador, tem procurado desenvolver leituras coletivas e individuais. Já o participante P3 afirma que trabalha com conhecimentos obrigatórios entre eles o lúdico. O participante P7 usa da afetividade como forma de fazer da escola um lugar onde as crianças queiram ficar.

De acordo com Arroyo (2013) na educação integral é preciso considerar o território e a experiência para poder romper com

estruturas já enraizadas, ressignificando e tornando a educação mais completa possível, e é algo que pode ser feito através de boas práticas pedagógicas. Assim, compreende-se que para se fazer uma boa educação é preciso que se tenha e aplique boas práticas pedagógicas.

Discutir sobre educação integral é considerar todos os meios disponíveis para facilitar o ensino e aprendizagem reais, pontuando que não há ensino desprendido de outros setores da comunidade, de modo que a parceria educativa entre escola e comunidade é um bem necessário. Na educação integral, devido haver uma carga horária mais expressiva envolve maiores dimensões de modo que não tem como restringir a organização da escola numa única função. A bem dizer, a unidade pedagógica deve garantir a qualidade da formação que esses alunos estão recebendo.

Pontua-se ainda que na elaboração das práticas pedagógicas educacionais o currículo ofertado pela Secretaria de Educação seja posto em pauta bem como atender às propostas do Projeto Político Pedagógico, tudo isso em comunhão com a coordenação pedagógica que não tem simplesmente a missão de vigiar o professor, mais sim de auxiliá-lo na elaboração de práticas educativas para serem trabalhadas em sala de aula.

Nessa perspectiva, a escola contemporânea precisa desenvolver uma educação integral em que a comunidade escolar esteja preparada para receber o educando e saber mediar seus conhecimentos oportunizando experiências democráticas, fazendo de suas vivências oportunidades de construção de um

novo currículo escolar, pautada na formação holística do homem. A educação sobre o prisma mecanizado há muito que não é vista com bons olhos. A sociedade de hoje requer indivíduos capazes de formar opiniões baseada em argumentos sólidos, com isso, a escola precisa acompanhar a linha de pensamento que a sociedade de hoje caminha

Buscando tornar a pesquisa mais aproximada da realidade da educação integral no âmbito municipal da cidade de Teresina/PI, aferiu-se junto aos professores quais os maiores desafios para trabalhar o processo de ensino e aprendizado do aluno da Escola de Tempo Integral, e para questão, as falas no quadro 23, denota das respostas, lembrando que as expressas são as mais condizentes com o que questionado.

Quadro 23: Desafios para trabalhar o processo de ensino e aprendizado no aluno na escola de Tempo Integral

“[...] A escola oferece muita atividade em sala de aula, no final do dia, nas últimas aulas, não tem muito rendimento” (P1).	“[...] Falta de apoio familiar, estrutura física da escola e falta de alguns profissionais que deve ter para suporte à equipe escolar” (P3)	“[...] O maior desafio tem sido em relação a dinâmica das atividades por conta das crianças terem um pouco de dificuldade de ficar o dia todo na escola” (P4)
“[...] Interação e atenção desse aluno para uma prática mais integrativa e interativa no ensino” (P6).	“[...] Espaço para um sono de qualidade e para recreação. Não temos acesso a brinquedos pedagógicos educativos. Números altos de aluno em sala de	“[...]Um dos maiores desafios no processo de ensino e aprendizagem é fazer a ligação das disciplinas principais com as diversificadas, pois geralmente quem assume a área da disciplina diversificada

	aula, falta de apoio para alunos especiais” (P7).	são professores estagiários ou contratados” (P8).
“[...] Os maiores desafios são: falta de infraestrutura das escolas, falta de recursos, desmotivação dos alunos, exaustão dos alunos devido a carga horária ser maior” (P10).	“[...]Por se tratar de uma escola de tempo Integral, em que a criança passa mais tempo na escola, e a falta de estrutura atrapalha muito” (P11).	“[...] Acredito que seja a relação com o currículo e preparo dos profissionais envolvidos nesta modalidade” (P12).
“[...]Creio que os desafios não são somente da escola integral, mas de qualquer escola e já vejo a escola Integral como uma escola onde temos mais tempo para trabalhar com o aluno” (P15).	“[...]O cansaço do aluno e do professor, pelo fato de não ter um ambiente para descanso, além da falta de estrutura física, e um currículo diversificado” (P16).	“[...] O desafio é fazer com que o aluno tome gosto pela aprendizagem, pois muitos se sentem cansados por passar muito tempo na escola, ausência da família no acompanhamento dos filhos” (P17).

Fonte: a pesquisadora, 2022

O que se tem visto muito nos dias atuais, com relação a educação escolar, são as reclamações por parte dos gestores, coordenadores e professores sobre a falta de apoio por parte da família na vida escolar do filho, o que corrobora com as possíveis dificuldades de aprendizagens, com baixo desempenho em atividades simples, enfim, a ausência dessa instituição colabora para o fracasso educacional dos filhos.

A problemática da ausência da família não afeta apenas o ensino e aprendizagem do aluno, o trabalho do professor

também pode se tornar falho, por não poder contar com ajuda dos pais. Nesse sentido, acredita-se que a coordenação pedagógica tem o papel de buscar essas famílias para mais perto da escola, apresentando-lhes os benefícios da sua participação na vida escolar do filho e pode ser feita essa ação através de palestras e reuniões, o que não pode é a família continuar ausente da vida escolar dos filhos, delegando a missão de educar unicamente a escola.

Na questão levantada, mais uma vez as condições físicas das escolas de Educação de Tempo Integral são postas em evidência. O participante P3 aponta que, além da estrutura física, tem a falta de funcionários para dar suporte aos alunos com maiores dificuldades. O participante P4 afirma que, quando se pensa em desenvolver uma atividade deve considerar logo a estrutura física da escola. Com relação a estrutura física em que as Escolas de Tempo Integral estão funcionando, Barreto (2019) aponta essa condição como um dos maiores desafios do professor ao trabalhar na educação integral, pois não há como desenvolver muitas atividades recreativas e pedagógicas onde não há espaço e a educação integral requer essas ações para tornar educação completa.

O cansaço dos alunos também foi evidenciado por alguns dos participantes, permitindo observar que um dos desafios do professor da educação integral é tornar a escola interessante para a criança. Em consonância com a pergunta aferida, considerou-se interessante verificar os maiores desafios que o professor enfrenta ao atuar na educação integral na

contemporaneidade, de modo que as falas expressam no quadro abaixo aponta a visão dos docentes sobre isso.

Quadro 24: Maiores desafios de atuar na educação integral na contemporaneidade

“[...]Acho que é estar em sala de aula muito tempo e conseguir prender a atenção do aluno. Falta de estrutura física e recursos humanos para suporte ao aluno” (P1).	“[...]A falta da estrutura da escola e também em professor e isso acaba afetando no desenvolvimento das aulas e na aprendizagem das crianças” (P2).	“[...]Trabalhar conceitos, que deveriam ser trabalhados pela família, muitas crianças hoje chegam na escola em total abandono, isso dificulta o nosso trabalho” (P3).
“[...]Vivemos em uma era digital e muitas escolas ainda possuem recursos digitais para auxiliar no processo de ensino” (P4).	“[...]Falta de estrutura para que o aluno e os profissionais atuantes possam se adaptarem,, organizarem-se e permanecer no ambiente escolar integral” (P5).	“[...] Temos muitos desafios, mas um dos principais é como é visto pelos pais ou responsáveis das crianças a escola de Tempo Integral” (P6)
“[...] Só o fato de passar muito tempo com os mesmo alunos, pois é preciso inovar com atividades para não ter uma rotina estressante tanto para os alunos como para nós professores” (P7).	“[...] É saber consolidar sua prática profissional e estrutura física para atender o aluno” (P8)	“[...] Lidar com a diversidade de forma a garantir igualdade, qualidade e equidade no processo de ensino e aprendizagem e garantir a eliminação de barreiras” (P9)

“[...] Apoio da gestão escolar na forma de prática. Uma melhor estruturação” (P11)	“[...] A falta de formação profissional e estrutura física para atender o aluno” (P13)	“[...] Ausência dos pais e a atual conjuntura econômica do país e a Pandemia da Covid-19” (P14).
--	--	--

Fonte: a pesquisadora, 2022

Os resultados para a pergunta feita aos docentes podem ser vistos e avaliadas no quadro acima, onde mais uma vez a estrutura física é enfatizada como um dos principais desafios, bem como a falta de formação profissional para atender o aluno em sua plenitude, ausência dos pais e o conjuntura atual em que o mundo vem enfrentando que é a pandemia da Covid-19 que tem posto a educação escolar para atuar sobre moldes diferentes.

No decorrer da análise com gestores e coordenadores, ambos afirmaram prestar bastante assistência aos docentes, no entanto, os professores têm reclamado da falta de apoio dessas duas esferas. Quando o participante P9 pontua a diversidade de forma a garantir igualdade, qualidade e equidade, é que se pensa que o papel tanto do gestor como do coordenador é auxiliar o professor nesse processo.

Tomazini (2019) chama atenção para esses aspectos, ressaltando que a Escola de tempo Integral deve garantir, num turno de 8 a 9 horas diárias um equilíbrio entre as diferentes atividades desenvolvidas na escola nessa modalidade. No entanto, questiona-se como manter esse equilíbrio quando a maioria das escolas pesquisadas apresenta problemas de estrutura física, profissional preparado e recursos escassos. É

preciso pensar a educação integral como algo mais do que uma jornada diária ampliada, caso isso não aconteça será apenas mais um escola aberta como tantas outras espalhadas pelo Brasil a fora.

Uma verificação de como anda o funcionamento das Escolas de Tempo Integral é fundamental, pois assim se tem a oportunidade de sanar problemas e ver também possíveis resultados positivos. Pensando dessa maneira, a questão a seguir trata desses avanços, e o quadro abaixo apresenta sucintamente as respostas, evitando repetição.

Quadro 25: Verificação do avanço no processo de aprendizagem dos alunos da escola de Tempo Integral

“[...] Através dos resultados de avaliações, e às vezes percebemos a empolgação do aluno com seu próprio desempenho” (P3).	“[...] Por meio de avaliação de diagnóstico e mudança de nível na leitura escrita e compreensão textual” (P4).	“[...] Através das avaliações diagnósticas e avaliação diária dos alunos através de questionamentos durante as aulas”(P5).
“[...]Através das atividades e do dia a dia com os alunos” (P7)	“[...]Atividades cotidianas e avaliações externas” (P 9).	“[...] Quando demonstram as habilidades propostas para o conteúdo trabalhado a série que cursa” (P10)
“[...] Por meio de avaliações semanais e diárias” (P14).	“[...] Quase sempre por meio das avaliações mensais” (P15)	“[...] Avaliações internas e externas” (P17)

Fonte: a pesquisadora, 2022

Mediante as respostas obtidas e expostas no quadro acima, percebe-se que a verificação de avanço se dá em sua maioria através de avaliações diagnósticas que envolvem leitura e escrita e avaliações mensais, bem como as externas e internas.

No decorrer da pesquisa, foi mensurado que uma das formas de práticas pedagógicas é o processo avaliativo onde tal feito é realizado na busca por avaliar os alunos em aprendizado, mas também para avaliar o próprio docente e diante dos resultados continuar com as práticas adotadas ou melhorá-las. No que tange a avaliação dentro do contexto da escola integral, tem-se que esta deveria ser diferente das demais, afinal, a jornada escolar é mais ampla e o número de atividades empreendidas também são maiores.

Segundo Silva (2008), a avaliação através de exames tem sido considerada avaliação da própria qualidade ou não da educação. Ou seja, se escola está realizando um bom trabalho, contudo, verificar avanço da educação somente nesses termos é errôneo, ainda mais em atividades externas, uma vez que é comum as escolas prepararem seus alunos para tal atividade. Seguindo a ordem das perguntas apresentadas aos professores, aferiu-se junto a esses participantes se acreditam que a Escola de Tempo Integral oferece uma educação melhorada diante das escolas comuns, o quadro a seguir contém as respostas.

Quadro 26: Acredita que a Escola de Tempo Integral oferece uma educação melhorada diante das escolas comuns

“[...]Sim, os alunos têm mais oportunidade de aprender devido o tempo que passam e o número de aula que é maior” (P1).	“[...] Acredito que sim, devido ao fato de passar maior tempo na escola, mas deveria oferecer mais recursos didáticos para ser trabalhada teoria e prática simultaneamente” (P2).	“[...] Com certeza. Porque as crianças têm um maior tempo de estudo e, consequentemente eleva o nível de aprendizagem” (P6).
“[...]Não, pois muitas das escolas integrais não trazem a proposta inicial de atividades diversificadas. Só tem carga horária extensa” (P8).	“[...] Não, pois necessita de muita coisa que infelizmente a escola que trabalho não dispõe” (P9).	“[...] Sim, porque o aluno permanece mais tempo na escola, e tem mais acesso ao conhecimento” (P11).
“[...]Sim, exatamente pela expansão do tempo na escola, onde podemos nos aprofundar nos conteúdos que se fazem necessárias para sua consolidação” (P12).	“[...] Não, pois o processo de aprendizado corre tanto em escolas parciais como integrais” (P13).	“[...] Não, porque ainda falta muitos investimentos para tornar-se realmente uma educação de Tempo Integral” (P14).
“[...]Não, creio que a escola integral ajuda aos pais a não terem compromisso com os filhos, visto os alunos já saírem da	“[...] Como as escolas integrais são reestruturadas, não se percebe grandes mudanças entre o ensino regular e o ensino integral” (P16).	“[...] Não, porque o tempo maior na escola deve ser acompanhado da qualidade o que não se verifica no momento” (P17)

escola sem atividades para fazer em casa” (P15).		
---	--	--

Fonte: a pesquisadora, 2022

Normalmente se avalia que a educação na Escola de Tempo Integral oferece melhores subsídios de ensino e aprendizagem para os alunos, afinal, o aluno que estuda nesse ambiente passa mais tempo na instituição e tem também o número maior de aulas, no entanto, não se pode dizer que oferece uma educação melhor do que as escolas regulares somente por isso. Para que esse pensamento se concretize é preciso que essa educação contemple mais do que ensino para o mercado de trabalho.

Nessa assertiva, o participante P1 acredita que a Educação de Tempo Integral oferece uma educação a mais do que a da escola comum, mas apresenta como argumento apenas que o aluno passa mais tempo na escola. Acompanhando esse pensamento verifica-se as respostas dos participantes P2, P6, P11 e P12, onde todos concordam com a ideia de que a educação nesta modalidade tem muito mais a oferecer em termos educacionais do que as demais. Vários outros participantes não compactuam com essa opinião e oferecem argumentos como: só tem carga horária expandida, aprendizado é possível em escola parcial e integral, o tempo maior na escola não tem sido acompanhado como deveria.

Segundo Batista (2014), a educação deve sempre pressupor atividades reflexivas para que assim não haja perda de sentido e também de unidade. Neste contexto, pode-se dizer que na

Educação de Tempo Integral não acontecer dessa forma a educação se dará desconexa, afinal a educação integral deve contemplar o máximo do que necessita o indivíduo.

Outros posicionamentos foram ofertados pelos demais professores: “[..] Não, necessita-se de muitas melhorias” (P4). “[...] Sim, ainda falta muito, mas existe o diferencial” (P5). “[...] Como as escolas regulares estão reestruturadas, nem se percebe grandes mudanças entre ensino regular e integral” (P7). “[...] O diferencial tem sido bem pequeno, infelizmente na educação integral existe ainda muitos professores atuando fora de sua formação” (P10). Nesse segmento, observa-se que para a maioria dos docentes a educação integral nas escolas municipais de Teresina/PI não está surtindo o efeito desejado.

Para Tomazini (2019) só faz sentido pensar na ampliação da jornada escolar, ou seja, na implantação de uma ETI se for considera a educação integral não como tempo expandido em sala de aula, mais sim como oportunidade de aprendizagens significativas. É dessa maneira que se deve ter em mente a educação integral, uma educação que seja mais do que uma jornada ampliada na escola.

Como é comum que os docentes que atuam na educação integral tenham passado pela experiência da educação regular, tornou-se pertinente avaliar como é a experiência de trabalhar na Escola de Tempo Integral, o que ela traz de diferente das demais escolas públicas. Para esse levante, as respostas estão expressas logo abaixo no quadro 27.

Quadro 27: Experiência de trabalhar na escola de Tempo Integral, e o diferente das escolas comuns

“[...]É diferente porque o professor passa mais tempo com os mesmos alunos e pode ajudar mais na aprendizagem destes” (P3).	“[...] A diferença é você passar mais tempo com o aluno, mas infelizmente não temos estrutura mínima” (P4).	“[...] A experiência é muito boa e enriquecedora, porque é notório o quanto as crianças desenvolvem, é um trabalho mais completo” (P5).
“[...]A possibilidade de avançar e proteger o aluno com um tempo a mais na escola” (P8).	“[...] Desafiador, múltiplas possibilidades de explorar os recursos didáticos” (P9).	“[...]A principal diferença é a maior carga horária o que propícia que o professor exercite mais os conteúdos” (P11).
“[...] Uma experiência muito boa, onde podemos conhecer melhor nossos alunos e assim trabalhar de maneira plena, temos mais oportunidades de trabalhar o socioemocional” (P12).	“[...] Possibilita aos alunos uma melhor orientação de estudo, pesquisa, realizar as atividades propostas e afasta-os de vários riscos sociais pelo tempo ocioso” (P13).	“[...]Não gosto da experiência, pois a família cada dia mais se afasta do compromisso com os filhos, passando essa responsabilidade para a escola” (P14).
“[...]Sinceramente, é muito cansativo, pois como já falei, falta apoio e estruturação física” (P15).	“[...]Muito bom, vejo o avanço no progresso do aluno e disciplina” (P16).	“[...] A experiência de trabalhar em escola integral não mudou muito do regime anterior, o que se procura é trabalhar mais os conteúdos” (P17).

Fonte: a pesquisadora, 2022

O primeiro diferencial notável entre escola regular/comum e Escola de Tempo Integral está na carga horária ampliada que a escola integral oferta, contudo, existem outras diferenças. O participante P3 afirma que o fato de o professor passar mais tempo com os mesmos alunos pode ajudar mais na aprendizagem, enquanto o participante P5 revela não gostar da experiência pois a família cada dia que passa se afasta do compromisso com os filhos delegando a função para a escola.

Parpet (2011) postula que em termos de educação integral deve incorporar a ideia de uma maior oferta de oportunidades complementares de formação e enriquecimento curricular com direito a múltiplas aprendizagens, independente do mercado de trabalho que tanto cobra do sujeito contemporâneo.

Como o aluno da Escola de Tempo Integral passa a dia na escola, espera-se que esta ofereça suprimentos necessários à demanda, que tenha recursos didáticos que permita ao professor trabalhar as atividades necessárias para desenvolvimento intelectual da criança. Assim, nesse segmento e considerando os recursos disponíveis na escola, como biblioteca, espaços de convivências, recursos midiáticos, livros didáticos, quais, em sua opinião ampliam as possibilidades de aprendizagem em uma ETI. Para essa verificação o quadro abaixo denota das respostas.

Quadro 28: Recursos disponíveis: ampliação das possibilidades de aprendizagem

“[...]Recursos midiáticos se forem bem utilizados, biblioteca, pois oferece um mundo cheio de conhecimentos” (P1).	“[...] A biblioteca é um espaço bastante enriquecedor e ajuda na construção da personalidade e na criatividade da criança” (P4).	“[...] Amplia muito as possibilidades de atividades, quando a escola oferece os livros mesmos usado na escola parcial. Não tem um diferencial de estrutura” (P5).
“[...] Não temos biblioteca, nem espaço recreativo adequado para um melhor desenvolvimento das atividades lúdicas” (P6).	“[...] Recursos midiáticos. A pandemia mostrou a importância dos recursos midiáticos, para a construção de conhecimentos” (P7).	“[...] Todos os recursos auxiliam na ampliação do ensino e todos são necessários para que o professor consiga traçar estratégias necessárias para alcançar os objetivos da aprendizagem” (P10).
“[...] Com certeza uma biblioteca, espaços de convivências com adaptações, recursos midiáticos” (P11).	“[...] Profissionais responsáveis e capacitados com um currículo condizente com a realidade escolar” (P12).	“[...] Uma ETI a meu ver deve ter vários espaços para facilitar a realização de atividades diversificadas” (13).
“[...] A maioria das ETI, estão deixando de oferecer um ambiente mais atrativo que favoreçam uma boa aprendizagem para os alunos, por falta de estrutura” (P14).	“[...] Os espaços de convivência inexistem e é um espaço fundamental no amadurecimento e ampliação das possibilidades de aprendizagem e respeito ao próximo” (P16).	“[...] Em decorrência da situação atual em que o mundo vivencia os recursos midiáticos se tornaram essenciais para dar continuidade a educação escolar” (P17).

Fonte: a pesquisadora, 2022

Quanto aos recursos disponíveis que podem ampliar as possibilidades de aprendizagem dos alunos das ETI, as respostas ofertadas pelos professores foram diversificadas em certos termos. Para alguns, os recursos midiáticos tem oportunizado melhores resultados, e se levarmos para o momento em que vivenciamos mediante a pandemia do Coronavírus, em termos gerais é a opção mais acertada. O participante P10 afirma que todos os recursos auxiliam na ampliação do ensino, basta que os professores consiga traçar estratégias que possam utilizá-los.

Decerto que o tempo a mais que o aluno passa na escola possibilita maiores aprendizagens, desde que nesse espaço seja oferecido atividades educativas que fomentem no aluno a aprendizagem e o crescimento pessoal e intelectual, caso a escola integral não trabalhe sobre essa óptica os alunos terão apenas um tempo a mais na escola.

Segundo postula Felício (2012), a educação integral deve ser capaz de responder a multiplicidade, ou seja, atender as exigências de modo a construir ações de aprendizagem para os alunos e que estes possam evoluir de forma plena, respeitando o espaço e limite de cada um. Em outras palavras a educação integral deve atender a formação mais completa possível do indivíduo.

Compondo a última pergunta da pesquisa foi pedido aos professores que relatasse alguns desafios vivenciados na trajetória da ETI, pontuando pontos positivos e negativos, e como respostas obtidas as expostas no quadro abaixo.

Quadro 29:Relato de desafios vivenciados na trajetória da ETI positivos e negativos

“[...] O ensino integral é bom e necessário, porém precisa de muitos recursos para ser ideal. É muito positivo para o aluno que tem a chance de mais tempo para aprender” (P2).	“[...] Positivo o aluno passar mais tempo na escola ficando longe das ruas. Negativo pela falta de estrutura física e suporte para os funcionários, alunos e professores” (P3).	“[...] Negativos pela falta de estruturas, projetos e materiais didáticos. Positivo foi pelo fato de termos mais tempo na escola e poder trabalhar com atividades escritas” (P4).
“[...] Um ponto Negativo é a falta de materiais para trabalhar atividades lúdicas” (P6).	“[...] Negativo é que a escola não tem biblioteca, nem recursos de mídias suficientes” (P7).	“[...] No modelo remoto, o maior desafio, foi despertar na família o compromisso de acompanhar os filhos nas atividades escolares” (P8).
“[...] Pontos positivos trabalhar com as mesmas crianças é ter a oportunidade de conhecê-las melhor. Pontos negativos estruturas físicas inadequadas, falta de espaços e materiais pedagógicos” (P9).	“[...] Meu desafio positivo é por trabalhar com uma equipe comprometida, dando seu melhor. Negativo, a falta de estrutura física” (P10).	“[...] Negativos, falta de estrutura física da escola, falta de apoio com materiais pedagógicos, falta de pessoal para apoio nas atividades diversificadas” (P12).
“[...] Retornar no turno da tarde com aluno cansado (negativo) reconhecer que o aluno tem dificuldade de	“[...] Negativo, estrutura física inadequada para desenvolvimento de atividades e a ausência das famílias, positivo é que o tempo a mais na	“[...] Pontos negativos- estrutura física inadequada para convivência de 7 a 9 horas por dia. Positivo, a oportunidade de

aprendizagem” (P14).	escola o aluno fica fora das ruas” (P15).	conhecer melhor o aluno” (P16).
-------------------------	--	------------------------------------

Fonte: a pesquisadora, 2022

Percebe-se que a questão da estrutura física onde as escolas estão funcionando são precárias, não só os professores relataram essa problemática, como os gestores e coordenadores também, a ausência da família também foi outro ponto bastante enfatizado, bem como os recursos didáticos.

Para um melhor funcionamento a escola integral deve contar com espaço físico apropriado, com professores, gestores e coordenadores qualificados, famílias e alunos compromissados, mais precisa de ação governamental, ações positivas que só através desse Sistema é que pode haver ETI funcionando em boas condições.

Gadotti (2009) afirma que a ampliação da jornada escolar exige menos recursos do que se possa imaginar, mas é preciso imaginação, e claro a integração de Programas que visem o ensino e aprendizagem de forma integral. Nesse ínterim, concebe-se a primazia de que não é assim tão difícil ampliar a jornada escolar, mais sim integração, imaginação e Programas que juntos atuando podem tornar a educação integral numa educação mais completa do ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

A Escola de Tempo Integral é uma proposta que tem como fundamento proporcionar às crianças e adolescentes acesso a maiores aprendizagens, ou seja, uma educação mais completa/integral. Em outras palavras, pode-se dizer que ela representa qualidade e ampliação das oportunidades por oferecer um tempo físico a mais dos alunos na escola, um tempo que deverá ser gasto com ensino e aprendizagem com maiores possibilidades de desenvolvimento do sujeito aluno. O estudo direcionou seu foco para a Educação Integral e os seus desafios, tendo como campo de estudo escolas da rede pública municipal da cidade de Teresina/PI, pontuando como objeto de estudo os desafios do novo modelo de Escola de Tempo Integral.

A investigação partiu do pressuposto de que observar os avanços encontrados nas Escolas de Tempo Integral é de fundamental importância para um estudo mais aprofundado e para obter uma melhor compreensão de determinados fatores imprescindíveis à formação humana, e para tanto, levantou-se a questão problema de quais desafios inerentes ao novo modelo de Educação Integral implantado em algumas das escolas municipais de Teresina/PI. Obtendo como resultado que as escolas pesquisadas apresentam sérias deficiências em seu contexto, com ênfase para a estrutura física.

No que confere às hipóteses levantadas tem-se que o estudo respondeu a hipótese de que o novo modelo de Escola de Tempo Integral implantando nas escolas em Teresina/PI apresenta grandes desafios para os professores, coordenadores e gestores. São problemas como estrutura física, recursos didáticos escassos.

Verificou-se nas análises dos participantes que o novo modelo de Escola de Tempo Integral implantado em algumas escolas municipais de Teresina/PI apresenta muitos desafios aos gestores, coordenadores e professores. Com o objetivo de identificar principais desafios enfrentados pelos professores, gestores e coordenadores em relação a prática educativa nas Escolas de Tempo Integral e entre os principais objetivos apontados estão a falta de estrutura física das escolas, a ausência e apoio das famílias nas atividades escolar dos filhos principalmente agora em tempos de pandemia, e também sobre os recursos didáticos que deixam a desejar.

Quanto a verificação dos desafios ao avanço dos alunos no processo de ensino e aprendizado nas escolas pesquisadas vivenciados pelos professores, gestores, coordenadores pedagógicos e professores, verificou-se que os participantes acreditam que o tempo a mais que os alunos passam na escola podem ser bem aproveitado com ensino e aprendizagem, mas chama atenção pela falta de espaço físico para desenvolver atividades nos contra turnos.

No que confere as práticas pedagógicas desenvolvidas nas Escolas de Tempo Integral na cidade de Teresina/PI, fica claro que os professores têm buscado desenvolver as práticas

abarcando a realidade dos alunos, de forma que estes aprendam e levem para a vida a fora esses aprendizados, contudo, os participantes apontaram que falta formação adequada para alguns professores que permitam trabalhar algumas atividades.

A pesquisa apontou que as escolas pesquisadas funcionam em situação física inadequada sem espaço para o desenvolvimento de muitas atividades, falta de profissionais qualificados, falta de apoio do poder público, ausência da família, entretanto, os participantes têm buscado realizar seus trabalhos com o que tem, pontua-se ainda que mesmo com esses desafios apresentados os participantes têm buscado oferecer uma educação que ajude os alunos para a vivência futura.

Recomenda-se que sejam realizadas mais pesquisas em outras unidades escolares da referida cidade e que também apresentem o novo modelo de ensino para assim fazer um comparativo entre os desafios e problemas enfrentados pelos corpo docente.

REFERÊNCIAS

ABREU, N. **Os desafios da escola no mundo contemporâneo** 2019. <https://www.somospar.com.br/os-desafios-da-escola-no-mundo-contemporaneo/> acesso em 10 de fevereiro de 2022.

AFONSO, A. J. **Avaliar a escola e a gestão escolar: elementos para uma reflexão crítica**. In: ESTEBAN, Maria Teresa (org.). *Escola, currículo e avaliação*. São Paulo: Cortez, 2013.

AMORIM, J. M. de A. **Docência e Educação Integral**: percepções das professoras da escola básica Adotiva Liberato Valentim. Monografia (Especialização em Educação Integral) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

ANDRADE, Camila Raquel Benevenuto de. **Perfil e condições de trabalho dos profissionais do Programa Escola Integrada de Belo Horizonte**. Belo Horizonte, 2016. 170f. Dissertação de Mestrado em Educação. Gestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: https://www.gestrado.net.br/images/publicacoes/105/Dissertacao_CamilaAndrade.pdf. Acesso em: 09 abril. 2021.

ANJOS, Hildete Pereira dos; BARBOSA, Luciana de Melo; DA SILVA, Kátia Regina; RABELO, Lucélia C. **Práticas pedagógicas e inclusão: a sobrevivência da integração nos processos inclusivos**. Araújo, Marcelo Almeida Educação & Sociedade, vol. 34, núm. 123, abril-junho, 2013, pp. 495-507. Centro de Estudos Educação e Sociedade Campinas, Brasil. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87328002012> >. Acesso em 19 abril. 2021.

ARROYO, M. G. O direito a tempos-espacos de um justo e digno viver. In:

MOLL, Jaqueline (Org.). *Caminhos da Educação Integral no Brasil – direitos a*

outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012.

BEYER, H.O. **Educação Inclusiva ou Integração Escolar? Implicações pedagógicas dos conceitos como rupturas paradigmáticas.** In: III Seminário Nacional de Formação Nacional de Gestores e Educadores, 2006, Brasília. Ensaios pedagógicos. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. p.85-88

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 23 out. 2019.

BRASIL. Plano de Desenvolvimento da Educação: Razões, Princípios e Programas. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

BORDIEU, Pierre, A escola e a miséria do mundo. Editora Segmento, São Paulo. 2014..

COELHO, Lígia Martha C. Costa. História (s) da **educação integral**. In Velloso, Lucia Mauricio (org). Em Aberto, Brasília, v.22, n 80, p.83-96, abr.2009. 54

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER. Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil: Pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2011.

DEMO, P. **Algumas Condições da Escola de Tempo Integral.** Postagem em 28 nov. 2008. Disponível em: <http://pedrodemo.blogspot.com.br/search?q=INTEGRAL>. Acesso em: 11 abril 2021.

DOLABELLA, H. C. M desafios políticos e pedagógicos da educação integral no distrito federal entre 2007 e 2011. https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11927/1/2012_MariaCristinaHermetoDolabella.pdf acesso em 13 de abril. 2021.

FACCI, M. G. D. Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor? Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana. Campinas: Autores Associados, 2004.

FELÍCIO, Helena Maria dos Santos. **Análise curricular da escola de tempo integralna perspectiva da educação integral**. Revista e-Curriculum, São Paulo, v.8, n.1, p. 1-18, abril, 2012.

FREIRE, PAULO. **A educação na cidade**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005a.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Ed UNESP, 2002.

GADOTTI, M. **Educação integral no Brasil: inovações em processos**. São Paulo: Instituto Paulo Freire (Serie Educação Cidadã V.4), 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Antônio Carlos Gil – 7. Ed - São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES, Adriana L. Limaverde/[et al]. **Deficiência mental**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007. Disponível em:< http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_d_m.pdf > . Acesso em: 19 mar 2021.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica/** Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos- 7. Ed- São Paulo: Atlas, 2010.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica/** Eva Maria Lakatos. Marina de Andrade - 6. Ed - São Paulo: Atlas, 2011.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. 2. Ed., Rio de Janeiro LTC,2011.

MARTINS, Angela Maria. **Autonomia e educação: a trajetória de um conceito**. Cadernos de Pesquisa, n. 115, 2002.

Ministério da Educação. **Planejando a próxima década, conhecendo as 20 metas de Plano Nacional de Educação**. c2014. Disponível em:

<http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf>.
Acesso em: 19 de out. 2019.

MOLL, Jaqueline et al. Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos/ Jaqueline Moll ... [et al]. - Porto Alegre: Penso, 2012.

NUNES, P. T. Finanças Pessoais: Um estudo de caso em uma Instituição Religiosa. **Revista de Administração e Contabilidade da FAT**, 9 (3). 2017.

O que é educação integral. **Centro de referências em educação integral**. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/conceito/>>.
Acesso em: 17 de out. 2019.

PARASURAMAN, A. **Marketing research**. 2. ed. Addison Wesley Publishing Company, 1991.

REIS, G. O **Currículo na Escola de Tempo Integral: a necessária integração entre o formal e o alternativo**. In: ROSA, S. V. L. et al. (Orgs.) Educação Integral e Escola Pública de Tempo Integral: formação de professores, currículo e trabalho pedagógico. Goiânia: Gráfica e Editora América, 2014.

RESENDE, Mary Margareth Marinho. **Escola Integrada: Uma Proposta de Educação Para Todos**. Juiz de Fora. 2012. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em:
<http://www.mestrado.caedufjf.net/wpcontent/uploads/2014/02/dissertacao-2010-mary-margareth-marinho-resende.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO (SEDUC) Política de Ensino Médio em Tempo Integral no âmbito da Rede Estadual de Ensino do Ceará. Governo do Estado. Lei Nº 16.287, de 20 de julho de 2017.

SILVA, J. A. de A. da; SILVA, K. N. P. **Educação Integral no Brasil de Hoje**. Curitiba: CRV, 2012.

SILVA, K. A. C. P. C. da. **A Formação de Professores para a Educação Integral na Escola de Tempo Integral: Impasses e Desafios.** In: ROSA, S. V. L. et al. (Orgs.). Educação Integral e Escola Pública de Tempo Integral: formação de professores, currículo e trabalho pedagógico. Goiânia: Gráfica e Editora América, 2014.

SILVA, Nelson de Souza. **Programa Escola Integrada: Desafios e possibilidades para a gestão escolar.** Juiz de Fora. 2013. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <http://www.mestrado.caedufjf.net/wpcontent/uploads/2014/03/dissertacao-2011-nelson-de-souza-silva.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021

SOUZA, M. A. Sobre o conceito de prática pedagógica. In: _____. Práticas Pedagógicas e Elementos Articuladores. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2016. p. 38-65.

TOMAZINI, A. S. **Escola de tempo integral: desafios e possibilidades.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 03, Vol. 10, pp. 125-149. Março de 2019. ISSN: 2448-0959.

TUNES, Elizabeth, TACCA, Maria Carmen V. R.. JÚNIOR, Bartholo Roberto dos Santos **O PROFESSOR E O ATO DE ENSINAR.** Brasília: Fundação Carlos Chagas, v. 35, n. 126, p.689-698, 2005.

THAIS, Paiva. **Jaqueline Moll: educação integral, uma nova forma de viver a vida.** Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/jaqueline-moll-educacao-integral-e-uma-nova-forma-de-viver-a-vida/>>. Acesso em: 10 de out. 2019.

VIDAL, D. G. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e práticas escolares. Currículo sem fronteiras, v. 9, n. 1, pp. 25-41, Jan/Jun 2009.

VITAL, C. C. S. **Pelos caminhos da Educação Integral... olhares, desafios e concepções de professores.** <file:///C:/Users/Windows/Downloads/9427-Texto%20do%20artigo-30675-1-10-20191206.pdf> Data de acesso 12 de abril 2021.

www.editoraoitica.com.br | @editoraoitica

(83) 9 9943 2700 | João Pessoa, PB

